

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

**INDIRA RODRIGUES DE OLIVEIRA**

CIDADE E MÚSICA: Os Agenciamentos do Festival de Jazz & Blues na cidade de  
Rio das Ostras

Rio de Janeiro  
2017

Indira Rodrigues de Oliveira

**CIDADE E MÚSICA: Os Agenciamentos do Festival  
de Jazz & Blues na cidade de Rio das Ostras**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura,  
Escola de Comunicação da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, na linha de Mídia e Mediações  
Socioculturais, como requisitado para obtenção do  
título de Mestre.**

**Orientador: Prof. Dr. Micael Herschmann**

**Rio de Janeiro**

**2017**

Oliveira, Indira Rodrigues

Comunicação e Música: Os Agenciamentos do Festival de Jazz & Blues na cidade de Rio das Ostras /

Indira Rodrigues de Oliveira. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017

172 f.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Micael Herschmann.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2017.

1. Cidade Criativa. 2. Música. 3. Território Urbano. 4. Rio das Ostras. 5. Jazz & Blues I. Herschmann, Micael. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

Indira Rodrigues de Oliveira

**CIDADE E MÚSICA: Os Agenciamentos do Festival  
de Jazz & Blues na cidade de Rio das Ostras**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura,  
Escola de Comunicação da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, na linha de Mídia e Mediações  
Socioculturais, como requisitado para obtenção do  
título de Mestre.**

**Aprovada em**

---

Prof. Dr. Micael Herschmann, PPGCOM da UFRJ (Orientador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cintia SanMartin Fernandes, PPGCOM da UERJ

---

Prof. Dr. Leonardo De Marchi, PPGCOM da UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marialva Barbosa, PPGCOM da UFRJ (Suplente)

---

Prof. Dr. João Maia, PPGCOM da UERJ (Suplente)

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço primeiramente à todos que tornaram possível a execução dessa pesquisa, entre eles autoridades, músicos e moradores de Rio das Ostras, que se mostraram tão gentis e dispostos a colaborar com a pesquisa desde de o começo desse trabalho.*

*Ao Micael, meu orientador, muito obrigada pela disponibilidade, ajuda e dedicação constante durante todo esse processo de pesquisa. Não posso agradecer o suficiente.*

*Agradeço aos meus pais e família pela paciência ao me ouvir falando sobre o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras por tanto tempo e por estarem sempre a disposição para ouvir minhas reclamações, frustrações e desabafos. Obrigada pelos ótimos conselhos! Sem vocês seria impossível realizar essa pesquisa.*

*Agradeço aos amigos do Grupeco, que entre tantas piadas e Cultura Útil foram fundamentais para a minha sobrevivência nesses dois anos. Obrigada pelo constante apoio, declarações de orgulho e dúvida inabalável nas minhas capacidades nerds.. Valeu, meu povo!*

*Muito obrigada ainda aos vizinhos de Rio das Ostras, Cira, Tarcício, Flaminia e Jonas que foram parte desse processo desde o comecinho, ajudaram em todas as fases do caminho e se tornaram peças fundamentais para que essa conquista fosse alcançada.*

*Por fim, agradeço ao povo de Rio das Ostras, fascinante em sua diversidade e cultura. Espero que o Festival seja apenas mais um dos grandes motores culturais que essa cidade é capaz de promover no país.*

## RESUMO

OLIVEIRA, Indira Rodrigues. **Cidade e Música: Os Agenciamentos do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O objeto de estudo dessa pesquisa é o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, que ocorre anualmente na cidade, há catorze anos. O evento se configura gratuito, aberto e apresenta performances em palcos espalhados em três pontos centrais na cidade. Além de entender como se deu a presença do festival em uma cidade que não possuía anteriormente qualquer interferência do jazz & blues, essa pesquisa ainda busca apontar de que maneiras o evento (e a música) refletiram na sociedade riostrense, causando diversos agenciamentos que mesmo sentidos em maior evidência durante a data do festival, ainda possuem resquícios observados fora de época do evento na cidade. Rio das Ostras não se apresenta como uma cidade criativa ainda, mas carrega em sua história e população o potencial para se tornar uma. Atualmente, o festival segue ameaçado de descontinuidade, mantendo-se na programação da cidade por esforços pontuais de específicos representantes e um apoio superficial da população riostrense. Para a realização dessa pesquisa é utilizada metodologia de pesquisa de campo – embasada prioritariamente pela teoria de ator-rede de Bruno Latour -. Por meio de registros áudio-visuais, foram entrevistados músicos, autoridades, moradores, entre outros atores relevantes para a cena criativa da cidade, objetivando uma interação pesquisador-entrevistado embasada no conceito de história oral. A pesquisa se divide em quatro etapas: a identificação e aprofundamento histórico nos dois objetos principais de estudo, o Jazz & Blues e a cidade de Rio das Ostras; uma pesquisa de campo realizada durante duas edições – 13<sup>a</sup> e 14<sup>a</sup> - do Festival de Jazz & Blues; uma análise da relação dos músicos locais com o evento, buscando-se identificar a existência de uma cena local de Jazz & Blues paralela ao festival; e, por fim, apresenta-se uma análise dos conceitos de economia e cidade criativa, que visa definir a posição em que Rio das Ostras se encontra em tal contexto.

**Palavras-chaves:** Cidade Criativa; Música; Território Urbano; Rio das Ostras; Jazz & Blues

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Indira Rodrigues. **Cidade e Música:** Os Agenciamentos do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

This research aims to study the Rio das Ostras Jazz & Blues Festival that has been happening once a year on the city, for the last fourteen years. The event is free of charge and open to anyone, presenting shows in three different stages across the city. Besides understanding how the festival came to be in a town that had no previous relation to the jazz & blues music genre, this research aims yet to reveal in what ways the event (and music) reflected on Rio das Ostras' society, causing many different assemblages that, even though are felt more during the days of festival, still cause remnants on the city all year long. Rio das Ostras does not present itself as a creative city yet, but carries within its history and population the potential to become one. Nowadays, the festival is continuously threatened of being ended, remaining on the city's cultural programme by sheer effort from specific representatives and superficial support from Rio das Ostras' society. So that this research could be done it was used a methodology of field research – mainly based on the ANT theory, by Bruno Latour. Using audiovisual recordings, it became possible to interview musicians, local authorities, and residents, among other relevant actors from Rio das Ostras' creative scene, aiming to retain a researcher-interviewee interaction based on the concept of oral history. This research is organized in four different stages: the identification and understanding of the two main elements of this study, the jazz & blues genre and the city of Rio das Ostras; a field-research realized during two editions – 13<sup>a</sup> and 14<sup>a</sup> – of the Festival; an analysis of the relation between local musicians with the event, aiming to identify the existence of a local jazz & blues scene parallel to the festival; and, in conclusion, it is presented an analysis of the concepts of creative city and economy, aiming to define how Rio das Ostras positions itself in this context.

**Palavras-chaves:** Creative City; Music; Urban Territory; Rio das Ostras; Jazz & Blues.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### *Figuras*

Figura 1 - Localização geográfica da cidade de Rio das Ostras	33
Figura 2 - Palco da Tartaruga, agosto de 2014.	48
Figura 3 – Pôr do sol no Palco da Tartaruga em 2004	49
Figura 4 – Músico toca com consumidores na Praia da Costazul, em 2004	50
Figura 5 – Palco na Praia da Costa Azul, em 2006	51
Figura 6 – Show no centro da cidade, em 2006	51
Figura 7 - Concha Acústica, junho de 2015.	52
Figura 8 - Concha Acústica, agosto de 2015 (durante o Festival de Jazz & Blues).	52
Figura 9 - Palco da Costazul, agosto de 2015.	53
Figura 10 – Palco da Costazul, a Cidade do Jazz, em 2010	54
Figura 11 – Palco da Lagoa do Iriry, em 2010	54
Figura 12 – Palco da Concha Acústica, em 2011	55
Figure 13 – Palco da Costazul, em 2012	56
Figura 14 – Palco da Concha Acústica, em 2013	56
Figura 15 - Estrutura de banheiro químico no palco da Costazul, agosto de 2015.	57
Figura 16 - Vendedor licenciado pela prefeitura no palco da Costazul., no palco da Costa Azul	58
Figura 17 - Post gerado na fanpage oficial do evento.	60
Figura 18 - Bairro da Costa Azul. Avenida Gov. Roberto Silveira em destaque	69
Figure 19 – Palco da Costazul, em 2015	70
Figure 20 – Entrada da Casa do Jazz, em 2015	71
Figure 21 – Arthur Menezes toca no palco da Lagoa do Iriry, em 2015	72
Figura 22 – Formação do público na Lagoa do Iriry, em 2015	73
Figure 23 – Banda se apresentando do lado de fora do palco da Costazul, em 2015	78
Figura 24 – Postagem realizada pelo perfil oficial da produção do evento	81
Figura 25 – Postagem feita por consumidora do Festival e resposta do perfil oficial da produção do evento	82
Figura 26 – Palco da Costazul, em 2016	83

	viii
Figura 27 – Palco da Casa do Jazz, em 2016	84
Figura 28 – Palco da Concha Acústica, em 2016	85
Figura 29 – Palco da Lagoa do Iriry, em 2016	86
Figura 30 – Pessoas em cadeiras de praia assistem o show no Palco da Lagoa do Iriry	86
Figura 31 – A localização dos palcos na cidade de Rio das Ostras em 2014	88
Figura 32 – A localização dos palcos na cidade de Rio das Ostras em 2015 e 2016	88

	viv
<i>Gráficos</i>	
Gráfico 1 - Dados populacionais de Rio das Ostras de 1996-2014	36
Gráfico 2 - Autonomia financeira de Rio das Ostras de 2001-2015	37
Gráfico 3 – Dependência de transferência de recursos de Rio das Ostra	38
Gráfico 4 – Distribuição de Recursos do Plano Plurianual 2010-2013	39
Gráfico 5 – Perfil de entrevistados	80

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
Teorias e Conceitos	7
Metodologia	15
Pesquisa de Campo	19
Objetivos	21
Justificativas e Hipóteses	23
Estrutura	27
<b>1. Rio das Ostras e o Jazz &amp; Blues</b>	<b>30</b>
1.1 Nova Orleans e o início do jazz	30
1.2 Rio das Ostras, a cidade onde tudo passa	33
1.3 Rio das Ostras: Cidade de Turismo	36
<i>Festival de Verão</i>	39
<i>Ostracycle</i>	40
<i>Festival de Frutos do Mar de Rio das Ostras</i>	41
1.4 O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras	43
<b>2. Festivais de Jazz &amp; Blues 2015 e 2016</b>	<b>64</b>
2.1 O 13o Rio das Ostras Festival Internacional de Jazz & Blues	66
<i>Financiamento</i>	67
<i>Estrutura</i>	68
<i>Bandas</i>	74
<i>Observações Gerais</i>	77
2.2 14o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras	80
<i>Financeiro</i>	81
<i>Estrutura</i>	83
<i>Comércio e turismo</i>	88
<i>Observações gerais</i>	91
<b>3. O Festival e a Cidade</b>	<b>95</b>
3.1 As autoridades locais	97
3.2 Os artistas locais	103
3.3 Os moradores de Rio das Ostras	108
3.4 Cultura em debate	112
<b>4. Música e Desenvolvimento Local</b>	<b>122</b>
4.1 O comércio e a hotelaria	124
4.2 Rio das Ostras pode ser considerada uma Economia Criativa?	132
4.3 O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras vai sempre acontecer?	140
<b>5. Considerações Finais</b>	<b>145</b>
<b>6. Fontes de Pesquisa</b>	<b>151</b>
<i>Referências Bibliográficas</i>	151
<i>Sites</i>	159
<i>Entrevistas</i>	159

## INTRODUÇÃO

Um tema que vem sendo bastante discutido entre pensadores contemporâneos é a presença da música gratuita em espaços urbanos e os efeitos que esses eventos acabam por causar tanto em seus consumidores, quanto no espaço que ocupam. No Brasil, na última década, o Rio de Janeiro vem se revelando de forma espontânea como um polo cultural do entretenimento de rua (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014).

O debate se institui a partir da atração que esse entretenimento de baixo custo e fácil acesso parece ter em relação aos seus consumidores e a criação de um nicho de experiência que parece surgir entre os indivíduos que participam desses eventos. Por meio de redes sociais, *online* e *off-line*, o cidadão pode ser público, mas também promotor, capacitador e assessor da música disponibilizada em espaço urbano aberto; exercendo sua cidadania de maneira direta e participativa, que não induz a necessidade de burocracias ou ações governamentais para tornar-se efetiva (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014).

Dentro desse universo cultural, o Jazz & Blues surge como um atrativo particularmente surpreendente. Geralmente relacionado com um estilo de vida elitista e espaços culturais privados, no Rio de Janeiro, o Jazz & Blues (assim como outros gêneros de base instrumental) invadiu a cena de música de rua, atraindo massas para espaços públicos e colecionando um cartado de fãs fiéis e ativos (HERSCHMANN & FERNANDES, 2012). O nicho do mercado do gênero vem assim crescendo exponencialmente entre 2011 e 2012 (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014; p. 165), invocando um público diferente daquele com o qual geralmente é relacionado e se tornando apenas mais um dos possíveis entretenimentos abertos no espaço urbano carioca.

A existência desses eventos então, além de criar novas oportunidades comerciais no circuito cultural urbano, ainda parece estar movimentando significativamente a indústria musical. Cada vez mais as apresentações espontâneas ganham espaço em meio aos grandes eventos e se tornam grande atrativo para amantes de música ou qualquer pessoa que queira se apropriar da convivência que tais eventos

proporcionam. Cabe ainda afirmar que talvez essas atrações estejam até tornando possível para um determinado público o contato com um gênero musical antes desconhecido, por estar desassociado de seu padrão cultural.

Localizada a apenas 170 km da capital carioca, Rio das Ostras surge em uma cena cultural paralela a do Rio de Janeiro. A jovem cidade só teve sua emancipação político-administrativa em 1992, desde então apresentando um crescimento de aproximadamente 11% ao ano – considerado o maior do estado -, em uma área territorial de 232 km<sup>2</sup>. Rio das Ostras assistiu um crescimento exponencial em seu número de moradores a partir do início da exploração de petróleo na Bacia de Campos em Macaé (cidade litorânea localizada a 28km de Rio das Ostras), tendo atualmente uma média de 115 mil habitantes. A população está distribuída em uma área territorial de 229,50 Km<sup>2</sup> de extensão, com mais de 90% na zona urbana do município<sup>1</sup>.

Rio das Ostras possui uma localização estratégica na Região dos Lagos - a Costa do Sol -, com mais de 28 km de litoral, águas limpas e tranquilas. Além disso o mercado presente é capacitado, com cerca de 65 hotéis e pousadas, oferecendo mais de 2.500 opções de hospedagem<sup>2</sup>. Tais fatores, aliados a um clima tropical, são alguns dos que facilitaram o turismo de verão ter se tornado sua maior fonte de renda.

Porém, a partir de 2003, os habitantes da cidade de Rio das Ostras assistiram uma lenta mudança em seu cenário local. No decorrer de alguns anos, paredes abandonadas tornaram-se coloridas, muitas vezes ilustradas com instrumentos musicais. Alguns bares passaram a chamar-se *pubs* e, no palco de música ao-vivo, uma vez ao ano, o axé deu lugar a um estilo de música diferente. Escolas de música foram construídas, corais foram endossados e em pouco tempo Rio das Ostras passou a ser promovida pela prefeitura local como “Cidade do Jazz”.

A atual cena descrita em muito parece buscar inspiração nos aspectos que definem o gênero Jazz & Blues e mostra-se vinculada diretamente ao Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, que ocorre anualmente na região. E é em torno deste evento que gira a pesquisa aqui descrita.

---

<sup>1</sup> Dados municipais divulgados no sítio oficial da Prefeitura de Rio das Ostras. Disponível em: <

<sup>2</sup> Dados municipais divulgados no sítio oficial da Prefeitura de Rio das Ostras. Disponível em: <<http://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-do-municipio.html>>. Acesso em 19 de janeiro de 2016.

O festival, que começou em 2003, mas tomou força a partir de 2004<sup>3</sup>, é gratuito, aberto e possui atrações nacionais e internacionais, que promovem entretenimento por aproximadamente sete dias de atrações musicais dentro do gênero, distribuídas em quatro palcos na cidade:

- *Praia da Tartaruga*: já foi o palco mais popular do evento, a estrutura ficava localizada em cima da Pedra da Tartaruga, quase em meio ao mar aberto. Por essa razão a sua ativação nos eventos dependia do clima durante o período e muitas vezes acabava cancelada. Os sons instrumentais se misturavam ao barulho das ondas contra as pedras. Os *shows* eram realizados no horário do pôr-do-sol, oferecendo um espetáculo natural além das performances. A Praia da Tartaruga se localiza a alguns metros do centro da cidade, ligada diretamente a Praia do Centro - a mais frequentada da cidade. O público presente nesse palco assistia às apresentações sentados na própria pedra, alguns com cangas e isopores, muitas vezes vestidos ainda em trajes de banho, evidenciando que apenas emendaram um passeio na praia com o evento. A última apresentação realizada no palco foi em 2014.
- *Concha Acústica*: Localizada no centro de Rio das Ostras, em frente a Praia do Centro. Fora da época do festival, a Concha Acústica é um espaço abandonado, que em geral serve de teto para moradores de rua. Durante o evento, o palco atualmente possui apresentações apenas de dia, possuindo um público em maioria composto de famílias e idosos, também em trajes informais. A estrutura do palco permite que o público e a atração fiquem em direto contato, facilitando a interação com os artistas, que muitas vezes tocam seu *set list* apenas para se tornar parte do público na apresentação seguinte.
- *Lagoa do Iriri*: Localizado próximo a Praia da Costa Azul, o palco pertence a uma região mais elitizada de Rio das Ostras, sendo o bairro da Costazul o m<sup>2</sup> mais caro da região (SEBRAE-RJ, 2011). Ainda assim uma parcela do público que frequenta as atrações nesse palco são vindos do palco da Concha

---

<sup>3</sup> Informações disponibilizada por diversos entrevistados da pesquisa, entre eles: Edimilson Oliveira, assessor da Secretaria de Turismo de Rio das Ostras; Carla Ennes, Secretária de Turismo de Rio das Ostras; Gilberto Menezes, ex-secretário de Turismo de Rio das Ostras e Stêncio Matos, produtor do evento desde sua criação. Os dados ainda são embasados pelas informações contidas na página oficial do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Disponível em: <<http://www.riodasostraszazzeblues.com/joomla/index.php>>. Acesso em 15 de julho de 2016.

Acústica (as apresentações ocorrem na Lagoa uma hora depois que as apresentações da Concha terminam); e assim, o mesmo que frequenta o centro da cidade. A Lagoa possui uma estrutura pequena de comércio de artigos gerais, como: comida, vestuário, acessórios e artigos oficiais do evento.

- *Praia da Costa Azul, a Cidade do Jazz*: O maior palco do evento e o único localizado a mais de 100 metros da praia, no bairro da Costazul. Os artistas mais famosos do evento tocam aqui, em uma estrutura preparada para receber até 10 mil pessoas<sup>4</sup>. O espaço conta com bares, restaurantes e lojinhas de artesanato – comércio formado apenas de produtores locais. É também na Cidade do Jazz que fica a Casa do Jazz, um palco alternativo que recebe artistas locais e regionais para mais *shows* gratuitos.

De acordo com estudo realizado pela Secretaria Municipal Turismo, Indústria e Comércio (SEMTIC), no ano de 2002, o turismo em Rio das Ostras foi responsável por 20,18% do que correspondeu a uma movimentação financeira direta e indireta de R\$ 50.657.815,70 (BARBOSA & ZAMOT, 2004). Esta atividade gerou, no mesmo ano, 1.881 postos de trabalho diretos e indiretos na alta temporada e 1.166 na baixa temporada (BARBOSA & ZAMOT, 2004).

De acordo com Relatório de Demanda da cidade de Rio das Ostras (2014), disponibilizado por Edmilson Oliveira, assessor da Secretaria de Turismo de Rio das Ostras, o aumento do interesse turístico na cidade na época do Festival de Jazz & Blues é marcante. O documento mostra que o festival é o evento de maior atrativo de turistas da cidade e o único que atrai o consumidor de 26 a 55 anos, de alto poder aquisitivo - a grande maioria possui ensino superior completo, se hospeda em pousadas e vem para a cidade com automóvel próprio.

A secretária de turismo da cidade (durante a realização da pesquisa), Carla Ennes, afirma que em 2004 foi encomendado um estudo de demanda para a Fundação Getúlio Vargas (FGV), que comprovou que a presença de 50% dos turistas naquele verão se dava por conta do festival<sup>5</sup>. Tal estudo garantiu a permanência do evento

---

<sup>4</sup> Informações disponibilizadas no site oficial do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Disponível em: < <http://www.riodasostrasjazzblues.com/joomla/index.php>>. Acesso em 15 de agosto de 2016;

<sup>5</sup> ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2015.

para a agenda de 2005 e motivou a mudança para período de baixa temporada (inverno), em 2006. No sétimo ano do evento, o festival já era considerado um dos mais importantes da América Latina e a partir do nono, um dos dez maiores do mundo<sup>6</sup>.

Já em 2014, o evento possibilitou a injeção de cerca de R\$ 11 milhões na economia do município em cinco dias, segundo pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Turismo, novamente em parceria com a FGV<sup>7</sup>. A mídia espontânea gerou um retorno para a cidade de cerca de R\$ 3 milhões, comprovada pelo interesse e credenciamento de 80 jornalistas da mídia impressa e eletrônica<sup>8</sup>. Conseqüentemente, possibilitou a geração de emprego e renda e o incremento da economia no município.

Em 2000, o produtor Stênio Mattos, residente de São Paulo (SP), recebeu a proposta do amigo de infância Gilberto Menezes, então Secretário de Cultura de Rio das Ostras, de realizar um festival instrumental na cidade. A ideia era trazer um público mais lucrativo para alavancar o turismo da região durante o verão e Menezes acreditava que o instrumental teria esse efeito. Após sua primeira edição, a iniciativa foi considerada lucrativa e, dois anos depois, Stênio Mattos decidiu aproveitar a ideia para estabelecer um festival de Jazz & Blues na cidade<sup>9</sup>.

O primeiro evento ocorreu no verão, época na qual a cidade está mais povoada, para garantir a presença de um número considerável de pessoas - mas a preocupação acabou por ser infundada. Nos sete anos que se seguiram, o Festival cresceu, passou por modificações, aumentou o número de palcos, o número de bandas e mudou de estação. Em 2006, o evento passou do verão para o inverno, “como forma de dar um

---

<sup>6</sup> Dados disponibilizados por Stênio Mattos, presidente da Associação Brasileira de Festivais (Abrafest). Ainda reafirmado no site oficial do Programa Cidades Sustentáveis. Disponível em <[indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival](http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival)>. Acesso em 20 de dezembro de 2016;

<sup>7</sup> Dados disponibilizados pela Fundação Getúlio Vargas, em relatório de Movimentação Econômica 2014.

<sup>8</sup> Dados disponibilizados pelo site oficial do Programa Cidades Sustentáveis. Disponível em <[indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival](http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival)>. Acesso em 20 de dezembro de 2016;

<sup>9</sup> MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.

reaquecimento no comércio local”, de acordo com Edmilson de Oliveira, representante da Secretaria da Cultura de Rio das Ostras<sup>10</sup>.

A escolha do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras como objeto de estudos se deu a partir da minha experiência com o evento desde 2009. Não era frequentadora assídua de festivais de música instrumental, mas como muitos dos que compõem a audiência atual do evento, fui atraída pela gratuidade e fácil acesso às atrações. Porém, o que me chamou atenção durante os *shows* foi a presença de tão diversificados indivíduos nas apresentações.

No primeiro *show* que presenciei, na Praia da Tartaruga, não só as pessoas pareciam estar aproveitando o evento, como a convivência delas com as grandes estrelas do Jazz & Blues que ali se apresentavam parecia quase familiar. Um vendedor de algodão doce batia palmas e comentava como o Jason Miles era um tecladista espetacular, ao mesmo tempo que uma senhora de idade admirava os solos de gaita de Jefferson Gonçalves; uma juventude intensa se reunia no local, alguns comentando que esse tipo de música parecia aquilo que o pai ouvia nos domingos e outro reclamando que em cima da pedra não dava para dançar.

A intensa movimentação ao redor dos palcos era diferente do dia a dia em Rio das Ostras. Não mais pescadores rodeados de banhistas, mas apreciadores do gênero rodeados de quem o ouvia pela primeira vez. O músico principal desceu do palco para tocar em meio às pessoas - ninguém se comoveu. Aquilo parecia comum por ali.

Importante ressaltar que eventos abertos e gratuitos não são incomuns na cidade. Rio das Ostras apresenta em sua agenda anual pelo menos três, além do Festival de Jazz & Blues: o Festival de Verão, que atrai cerca de cinco mil pessoas a *shows* de cantores populares como Thiaguinho e Ivete Sangalo; e o internacionalmente reconhecido Ostracycle, encontro de motoqueiros já em sua vigésima primeira edição – que atraiu em 2015 quase 10 mil pessoas para a cidade; e o Festival de Gastronomia e Frutos de Mar<sup>11</sup>.

Porém os eventos mencionados tem em comum as características de focarem em nichos de mercado populares na região do interior do estado do Rio de Janeiro e

---

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014.

<sup>11</sup> Dados municipais divulgados no site oficial da Prefeitura de Rio das Ostras. Disponível em: <<http://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-do-municipio.html>>. Acesso em 15 de dezembro de 2016.

ocorrem em apenas um final de semana do ano. O Festival de Jazz & Blues mantém um número relevante de turistas na cidade pelo tempo que acontece – atualmente o evento se distribui em dois finais de semana (quinta, sexta, sábado e domingo), uma estratégia que visa manter os turistas na cidade pela semana entre as apresentações. Além disso, o evento parece tornar popular um gênero musical que parecia estar fixado na categoria de elitista por alguns anos.

O sucesso do Festival de Jazz & Blues ainda deu a Stênio Mattos, que ainda produz o evento todo ano pela Azul Produções, fama nacional, que ele usa para promover festivais instrumentais em vários cantos do Brasil<sup>12</sup>. Foi também nos bastidores do evento que surgiu a ABRAFEST – Associação Brasileira de Festivais de Jazz & Blues, a qual Mattos preside. De acordo com o site oficial da associação:

A ABRAFEST foi concebida nos bastidores da edição 2010 do Rio das Ostras Jazz & Blues, a partir do encontro de alguns produtores de Festivais de Música Instrumental em nosso país. Ao trocarmos impressões sobre suas experiências na realização de eventos deste porte e, principalmente, ao relatarmos as dificuldades neste processo, viramos a importância da criação de uma associação onde todos poderíamos unir forças em prol de Festivais cada vez melhores.<sup>13</sup>

### *Teorias e Conceitos*

De acordo com Herschmann e Fernandes (2014), a alta popularidade de eventos abertos de alguns anos para cá “evidencia uma receptividade do público em relação aos concertos realizados nos espaços públicos” (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014; p. 171). O fácil acesso aos locais onde os eventos ocorrem, a gratuidade do entretenimento, além do baixo valor do comércio que espontaneamente tende a formar-se ao redor de qualquer evento de relevante sucesso, são algumas das razões que podem estar atraindo o público para tal cenário recente.

Em Rio das Ostras, o Festival de Jazz & Blues tem estrutura suficiente para ter a liberdade de cobrar uma taxa de entrada e o público provavelmente não se abdicaria de pagá-la, porém a organização do evento se recusa. Não apenas isso, os palcos são estrategicamente posicionados para não só possibilitarem fácil acesso de todos na cidade, como promover ao turista que não conhece Rio das Ostras a possibilidade de cruzar os pontos mais importantes da região enquanto segue as atrações do evento. O comércio que rodeia o festival se divide entre as barracas contratadas pela produção e

---

<sup>12</sup> MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.

<sup>13</sup> Dados disponíveis em sítio oficial da ABRAFEST. Disponível em: <<http://abrafest.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10 de dezembro de 2016.

aqueles comerciantes que simplesmente seguem a massa, em geral vendendo mercadoria mais barata, porém do lado de fora da estrutura – no caso do maior palco, da Costazul; em outros palcos os comerciantes contratados e aqueles informais se misturam, sendo diferenciados apenas pelo uniforme que a prefeitura disponibiliza para aqueles que se registraram com antecedência.

Assim como com movimentos culturais de sucesso no estado do Rio de Janeiro (NEGUS, 2011), para que entenda-se o potencial do Festival como forma de expressão cultural e comunicativa “é necessário entendê-lo como negócio que unifique (...) o artista e o público de diferentes maneiras” (NEGUS, 2011; p. 64). Como anteriormente mencionado, o público se vê em contato direto com os artistas que se apresentam no festival. Não apenas estes tem o costume de se lançarem a multidão com tranquilidade – embora exista uma certa dificuldade estrutural no caso do palco da Costazul, cercado e mais alto que os outros -, mas também de assistirem as atrações seguintes. Assim, o público do festival não se sente distante do artista; como em muitos casos na música apresentada em espaço aberto, os indivíduos assistindo à apresentação se sentem parte desta e criam em si uma manifestação de parceria com o evento, que os permitem apoiá-lo em divulgação e potencialmente em financiamento.

Ainda, para embasar teoricamente o estudo, o cenário de Jazz & Blues de Rio das Ostras será analisado de acordo com o conceito de territorialidade estabelecido por Herschmann (2011), além de sua visão na relação público e atração, e da apropriação da responsabilidade de sobrevivência do evento que parte dos seus consumidores. Define Herschmann na pesquisa realizada em Conservatória (RJ), sobre o movimento seresteiro atuante na cidade, em 2011:

por vezes, conforme os casos observados, esta participação [dos moradores da cidade] leva a uma aderência que mantém vivo o movimento até hoje: é o engajamento voluntário desses espectadores, em determinado momento transformados em militantes ativos compromissados com a organização e a garantia das atividades. (HERSCHMANN, 2011; p. 09)

Também por meio desse estudo se possibilitarão análises mais intensas sobre as formas como o público e o território podem ser alterados pela presença de apresentações musicais. A cidade de Rio das Ostras se transforma nas temporadas em que o festival acontece e a população cada vez mais vem se afetando pelas alterações que o evento causa. Por um lado os cidadãos sofrem o aumento de preços, a

superlotação da cidade e a intensificação do trânsito, entre outros problemas. Por outro lado, surgem novas oficinas de música, oportunidades de comércio local, incentivos acadêmicos e até a revitalização de ambientes antes abandonados.

Esse último aspecto do fenômeno se torna assim pertinente diante da pesquisa de Herschmann & Fernandes (2011), dentro do contexto de que se procura:

entender como, e de que modo (*modus vivendi*), os indivíduos e grupos se relacionam e ocupam a cidade de um modo não programático, mas se ajustando os espaços e aos diversos grupos culturais que nele os re-significam” (HERSCHMANN & FERNANDES, 2011; p. 08).

Aqui, o palco da Concha Acústica talvez seja o caso de maior relevância. Fora da época do festival, a região é reconhecidamente perigosa, ainda que próxima do centro cultural da cidade. Por sua estrutura conveniente – a concha não permite que possa ser visto de fora o que acontece em sua cônica com clareza –, o espaço não só é utilizado por moradores de ruas para dormir, mas também por indivíduos em práticas ilícitas, principalmente o uso de drogas.

Durante o evento, porém, a Concha se transforma no palco diurno do festival, popularmente reconhecido como o melhor para se levar idosos e crianças. As vendas se resumem a artefatos infantis, como algodão-doce e balões, e a proximidade com a praia torna o ambiente ainda mais informal, de atmosfera tranquila. Durante a noite, o espaço torna-se policiado, já que a estrutura do evento tem que se manter preparada durante todo o fim de semana de sua ocorrência.

Além da Concha, outros espaços tomam novos significados. A Pedra da Tartaruga, conhecida como espaço de pesca, torna-se um palco natural; a Lagoa do Iriri, em geral pacífica e silenciosa, é um dos palcos mais efusivos do evento; e, por fim, a Costazul tem sua maior rua aberta apenas para pedestres, tornando-se uma grande praça em meio a um dos bairros mais urbanizados da cidade.

De Certeau (1996) percebe a cidade como a própria pluralidade. O autor estabelece que o discurso utópico sobre a cidade a define como um espaço próprio e um sujeito universal, porém admite que os aspectos que a determinam e organizam parecem estar por trás de sua eventual deterioração. Como se o espaço urbano não comportasse mais ser uma estrutura estagnada e imutável e abrisse espaço para as caminhadas por regiões que entram em conflito com seu próprio padrão frente ao cotidiano urbano (DE CERTEAU, 1996).

Tal imaginário da possibilidade de uma reversão do cotidiano que abre caminho para um novo enveredo territorial é o que permite perceber Rio das Ostras como uma cidade que começa lentamente a fugir de seus padrões pré-estabelecidos e reconhecer-se como uma fonte de infinitas possibilidades de cenários. A cidade tem se reconhecido por um aspecto em muito diferente do simples “passeio de veranista” que por muito tempo a estabeleceu, percebendo-se como possível cidade musical aquém de região praiana.

O conceito de “experiência” de Maffesoli (2007), como “palavra-chave para explicar a relação que cada um estabelece com o grupo, a natureza, a vida em geral” (MAFFESOLI, 2007; p. 203), também será aplicado no estudo da relação do público local da cidade com o Jazz & Blues. Além da análise do pesquisador sobre as “relações de comunidade” (2007), estabelecidas na obra *O Ritmo da Vida*. Maffesoli (2007) nos avisa do perigo das verdades eternas, dogmatizadas pela ciência ou religião. A ideia de que o gênero do Jazz & Blues pertence apenas a um setor da população ou que o festival tem em sua raiz uma necessidade regional do riostrense é um risco do qual essa pesquisa pretende fugir. Foca-se, ao invés, no senso de que o indivíduo gira em torno do desejo de pertencer e que tal desejo surge a partir daquilo que o senso comum estabelece como realidade e sonhos. Como explica o autor, existimos socialmente, então seria inexcusável da parte dessa pesquisa não equacionar em suas análises a vivência em sociedade que é proporcionada pelo objeto em estudo.

O produtor Stênio Mattos parece partir de um desejo de grupo de instituir um nível de classe a um povoado já delimitado em seus aspectos culturais – como se pensasse o mundo em torno de uma memória que nunca viveu, mas que aprecia como se fosse sua (MAFFESOLI, 2007). Assim como o cidadão riostrense parece aceitar tal novidade em seu cotidiano social, em busca da experiência promovida pelo estar-junto que o Festival permite. Além disso, tomando como a base a ideia de Maffesoli (2007) de que o sujeito é obrigatoriamente múltiplo, percebe-se que o acesso possibilitado pelo evento de camadas da população a espaços que antes não lhes eram comuns – a Costazul pertence a um segmento da sociedade riostrense e a Praia do Centro a outro -, permite os indivíduos em Rio das Ostras reformular sua ideia de senso comum e estabelecer a possibilidade de um novo cotidiano social.

Ainda, reitera-se a busca por parte da população da cidade pelo estar junto no evento, pelo afirmar-se culturalmente, mesmo que a atração principal do mesmo não

seja parte da cultura da cidade. A motivação do riostrense em comparecer ao festival parece partir da busca da experiência, que, de acordo com Maffesoli (2007), é o único aspecto capacitador da aproximação do grupo e da relação de pertencimento entre os indivíduos presentes nele. Principalmente considerando que tal experiência não surgiria a partir de uma estética moralizante, mas sim da invasão de espaços anteriormente bloqueados e da quebra de paradigmas sociais que tal ação promove.

Estudiosos vem percebendo que em países de diversos continentes “a criatividade vem sendo apoiada por políticas públicas e sendo tratada como o insumo por excelência da inovação” (TRIGO & MAZARO, 2012; p. 16). Dentro de um contexto de consumo da experiência (ROCHA, 2007; CASTRO, 2007) – no qual o cidadão parece se inserir em um objetivo turístico, mas com a intenção de viver ou experimentar a cultura de um outro território -, ainda podem ser trabalhados os estudos de cidade criativa e economia criativa, principalmente quando estes vem relacionados a noção de atrativo turístico.

De acordo com Trigo & Mazaro (2012):

Os dados sobre o crescimento da economia criativa no mundo são indiscutíveis. Segundo Simonetti (2012), informações da Organização Mundial do Comércio (OMC) dão conta de que o faturamento das indústrias criativas no mercado internacional duplicou nos primeiros três anos do século XXI. (TRIGO & MAZARO, 2012, p. 16-17).

Rio das Ostras pode ser analisada então em comparativo com esse conceito, desde que respeitadas algumas proporções. Por exemplo, a WEF (2016) estabeleceu em relatório algumas regras para a definição de uma economia criativa, entre elas é estabelecido que “muitas economias criativas bem sucedidas são encontradas próximas de centros acadêmicos e de pesquisa, de tecnologia e cultura, permitindo que estas cresçam embasadas em habilidades e ferramentas locais” (WEF, 2016, p. 05)<sup>14</sup>. Percebe-se assim que Rio das Ostras encontra-se limitada em tais aspectos de garantia de sucesso em torno de uma economia criativa, porém é interessante perceber que a cidade hoje se cerca de uma qualificação de seus jovens, além da simples

---

<sup>14</sup> Tradução da autora. Do original: “Many successful creative economies are found in close proximity to academic, research, technology and cultural centres, allowing them to easily build on local skills and resources. Not only do these establishments provide a steady stream of diverse, highly-skilled workers, they often partner with industry to accelerate the pace of research. When other assets are also present, especially venture capital and willing investors, a promising cocktail of vision, knowledge and drive offers great potential for growth.”

execução do festival. Dessa forma, podemos encadear os estudos de economia e cidade criativa com elementos que se mostram aparentes no contexto de Rio das Ostras, sem necessária incluir a cidade como um exemplo definitivo desse conceito em prática.

Ainda, de acordo com Bennet, Taylor & Woodward (2014):

Em um mundo no qual as noções de cultura estão se tornando cada vez mais fragmentadas, o festival contemporâneo tem se desenvolvido como resposta a um processo de pluralização cultural, mobilidade e globalização [...] comunicando algo significativo sobre a identidade, a comunidade, a localidade e a ideia de pertencimento [...] nesse meio cada vez mais popular através dos quais os cidadãos consomem e vivenciam a cultura, festivais também tem se tornado uma ferramenta financeiramente atraente para embalar e vender a cultura, gerando turismo. (BENNET, TAYLOR & WOODWARD, 2014; p. 01)

Ou seja, dentro de um contexto no qual o consumidor surge em busca de uma vivência cultural, pode ser esclarecer estudar o contexto no qual um festival – evento que tende a reunir um conglomerado de experiências encadeadas em um determinado tema – surge para se estabelecer como uma ferramenta popular para incentivo de uma economia criativa e vem bem sucedido inicialmente em seu intento de atrair consumidores.

Em outro contexto, com a evolução dos estudos de economia criativa nas últimas duas décadas, percebe-se que os limites entre setores criativos vem se suavizando, e conhecimento criativo e habilidades começam a ser aplicados em uma economia mais ampla (OECD, 2014; p. 18)<sup>15</sup>. Essas mudanças vem sendo percebidas como encadeadoras de um reflexo direto na relação entre indústrias criativas e turismo.

Será necessário assim a realização de um estudo de bibliografia de turismo, para que melhor possam ser compreendidas as estratégias que se fizeram em uso na cidade de Rio das Ostras, a partir do surgimento do festival. Tal estudo também permitiria reconhecer que aspectos da campanha turística em torno da qual a cidade gira são positivos no contexto de Rio das Ostras ou apenas nocivos ao bem estar social local. De acordo com Trigo & Mazaro (2012):

Em um contexto de efervescência social e de diferentes manifestações políticas em seu sentido mais amplo, os fundamentos da globalização e de seus imperativos parecem ter acentuado a necessidade de valorização do local como forma de

---

<sup>15</sup> Tradução da autora. Do original: “as the creative economy has evolved and gained importance over the past two decades, the boundaries between the creative sectors have softened and creative knowledge and skills are being deployed in the wider economy. Such changes are also reflected in the developing relationship between tourism and the creative industries.”

manutenção da identidade social de um povo, região ou mesmo país, na garantia de preservação de algo genuíno, único, que represente o sentido de pertencimento. (TRIGO & MAZARO, 2012; p. 16)

Assim, percebe-se um grande trunfo acerca do investimento em turismo: a necessidade de uma valorização ou criação de uma identidade cultural para um território, no intuito de dar a este maior atrativo em um contexto de mundo globalizado. Nota-se então a importância de relacionar os estudos de consumo da experiência, economia criativa e uma visão por cima do contexto de pesquisas sobre comportamento no turismo; e finalmente como um festival se coloca frente a esse cenário estabelecido em Rio das Ostras.

Ainda, é preciso ainda manter-se em mente que o Festival de Jazz & Blues como fenômeno bem sucedido não tem começo ou fim, os atores que lhe pertencem fazem parte de um meio que em sua ocorrência vem sendo observado. E que a partir de ações ocorrentes em tal alcança-se resultados que apenas se colocam como estão, sem fazerem parte de um cenário pré-moldado e sujeito a alterações repentinas. Tal ideia encontra embasamento na obra de Deleuze & Guattari (1995), *Mil Platôs*.

Ainda, de acordo com Deleuze & Parnet (1996), dá-se o termo agenciamento à:

uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos - de naturezas diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: é a simbiose, uma "simpatia" (DELEUZE & PARNET, 1996; p. 84).

O termo agenciamento então, por se vincular ao conceito de necessidade do estar junto para promover transformações encadeadas no cotidiano social, será utilizado para definir as relações territoriais e sociais promovidas a partir do Festival de Jazz & Blues em Rio das Ostras. Em apoio, ainda se torna possível embasar as teorias de alterações territoriais aplicadas até agora com a definição de Guattari & Rolnik (1996), de que o território é “o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar toda uma série de comportamentos nos tempos e nos espaços sociais, culturais, cognitivos” (GUATTARI & ROLNIK, 1996; p. 323).

Ou seja, um território não precisa se configurar como geográfico. E suas alterações não necessariamente precisam ser espaciais para serem notáveis. Ainda que em Rio das Ostras tenha acontecido uma série de mudanças físicas e estruturais com a chegada do Festival de Jazz & Blues, são as alterações sociais e afetivas que parecem chamar mais atenção para o evento. São elas também que parecem mantê-lo

acontecendo por entre dificuldades financeiras, como a crise econômica que vem se alastrando no país desde 2014, e acertou particularmente a Bacia de Campos em Macaé e os *royalties* que financiavam boa parte dos investimentos culturais em Rio das Ostras. O festival é um patrimônio afetivo na cidade e parece manter-se principalmente pela vontade de indivíduos em localidades de poder ou posições de consumo.

Ainda, de acordo com Deleuze & Guattari (1995), “as territorialidades são, pois, atravessadas, de um lado a outro, por linhas de fuga que dão prova da presença, nelas, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização” (DELEUZE & GUATTARI, 1995; p. 71). Ou seja, novamente o território é percebido como concentrado de aspectos unificadores e por isso disposto de maior possibilidade de transformação além daquela física ou econômica, embora deva-se de novo ressaltar que esta também é observada em Rio das Ostras. Tal conceito de territorialidade ainda é coerente com a linha de pesquisa aqui proposta, na qual o espaço e suas transformações será estudado objetivando a compreensão dos comportamentos sociais que o rodeiam. Além de apoiar a análise de ressignificações proposta a partir do uso de Herschmann & Fernandes (2011).

Ainda percebe-se relevante aqui o estudo das “paisagens sonoras” (SHAFER, 2001), estabelecidas, quando trabalhado o tema “marca sonora” (SHAFER, 2001), como o som característico de um espaço ou que se torna notável pelo povo daquele lugar. O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras possibilita o surgimento de uma nova paisagem sonora na cidade, paralela dos sons naturais já estabelecidos. Os palcos são facilmente identificados a alguns metros de distância pelo início de uma nova identidade sonora assim que adentra-se o espaço musical – considerado aqui como até onde o som chega na extensão que rodeia seu ponto de origem.

A paisagem sonora da cidade vai mudando e com ela alteram-se também as pessoas, o comércio, as estruturas e os comportamentos. O fazer saber de estar-se no mesmo lugar “pela repetição dos mesmos ruídos e da mesma sonoridade” (BRESSON, 2008, P. 68) é um dos fatores que parecem intensificar a experiências dos indivíduos presentes no evento, assim como seu desejo de militância pelo cenário ali sendo vivido.

### *Metodologia*

Metodologicamente essa pesquisa visa seguir os conceitos de pesquisador ANT – sigla referente ao termo *actor-network theory*, ou Teoria Ator-Rede, mas que se também traduz para “formiga” do inglês -, estabelecidos por Latour (2012), na obra *Reagregando o Social*. Ou seja, pretende-se reconhecer a instabilidade da ideia de social - enxergando o termo como um elemento que não precisa ser estabilizado ou ordenado, mas sim como um documento de reassociação e reagregação não-estável -, a autora aqui se posiciona “em termo de reflexividade, sempre um passo atrás daqueles que estuda” (LATOURE, 2012; p. 57).

Rio das Ostras não precisa seguir um padrão estabelecido anteriormente por outras cidades para que tenha seu próprio fenômeno cultural mapeado a partir dos aspectos singulares que compõem o mesmo. E talvez seus elementos sejam possíveis de serem mapeados em objetos futuros, mas não necessariamente se fundamentando na necessidade de que isso aconteça. Assim, reconhece-se que os atores no cenário em estudo não se estabelecem como partes estagnadas de ato, que tendem a praticar as mesmas ações sempre que posicionados frente aos meus elementos - são eles parte de um evento, que pode ou não ser correlacionado a outros de mesmo valor, mas que permanece sempre sujeito às alterações e instabilidades tão típicas do social. Defini-lo cabe apenas aos atores em estudo e não a quem os analisa.

Cabe ao observador aqui apenas relatar suas observações e a partir delas identificar as redes que vão se estabelecendo a partir das ações dos atores envolvidos. Há de se observar nesse estudo que muitas vezes os próprios indivíduos que rodeiam e interagem com a cena do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras não parecem perceber as teias de ligações entre eles. Tal fato não estabelece que tais teias sejam inexistentes, mas cria-se a partir dele um cuidado da parte da autora de não impor no objeto que estuda a teoria que acredita estar em prática. É possível por parte do ator não perceber a dimensão do cenário no qual está envolvido, mas tal substância ainda assim deve ser relatada por ele, mesmo que em partes de um quebra cabeça que só o pesquisador parece ser capaz de montar.

De acordo com Latour (2012):

é como se disséssemos aos atores: não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias, deixaremos que se atenham os seus próprios mundos e só então pediremos sua explicação sobre o modo como os estabeleceram (LATOURE, 2012; p. 44)

Considera-se aqui a rede como parte da ferramenta e do método de estudo, e não como aquilo está sendo observado. Não sempre serão encontradas associações diretas para um fenômeno, Latour (2012) reconhece que deve-se tomar disso como um ponto favorável a pesquisa e aos pesquisados, que se mostram entranhados em uma série de fatores que estabelecem suas redes e que a partir deles podem se desviar de seus padrões a qualquer momento. Ou seja, a matéria que torna possível a não observação das redes que cercam os atores pelos mesmos pode ser em si um aspecto interessante de ser estudado e conter algumas respostas para o cenário em estudo estar configurado da maneira como se encontra.

Importante ainda considerar a presença de um líder em todo processo de ação (LATOURE, 2012). De acordo com Latour (2012), um ativador da rede estabelecida é elemento principal para que esta venha a se tornar um evento. Em Rio das Ostras nota-se uma relevante ausência de liderança se tratando da cena de música local de Jazz & Blues – tal é composta de um número grande de indivíduos que parecem trabalhar separadamente em seus próprios objetivos sem perceber a linha que os unem com outros membros de sua rede. Não que tais indivíduos não sejam ativos, eles apenas parecem se focar mais em objetivos diretos e próximos sem perceber o senso coletivo que os cercam.

Contrariamente, quando consideramos o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras em si, é na figura de Stenio Mattos – com o apoio de indivíduos em posição de poder -, que pode ser possível se perceber a fonte de contínuo sucesso do evento. Até mesmo os indivíduos que se posicionam como peça chave para o acontecimento do festival parecem estar de alguma maneira sob a administração de Stenio. O produtor controla a mídia direcionada ao evento, de que maneiras a verba captada será utilizada e parece ser o detentor do poder de decisão para os pequenos elementos – quantas cadeiras serão instaladas no palco principal -, até os maiores – é Mattos quem define a listagem final das bandas que se apresentarão no festival<sup>16</sup>.

Assim, torna-se necessário identificar essa figura de liderança e investigar os elementos que tornaram possível o seu posicionamento dentro da esquemática de produção do evento. Ainda discute-se as possíveis transformações que se arquitetariam se apenas a cena local de Jazz & Blues possuísse um indivíduo em

---

<sup>16</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.

mesma posição que Mattos – sendo este possível indivíduo parte da cena alternativa de música ou mesmo uma figura política interessada em tornar possível a realidade de uma “Cidade do Jazz” existente durante todo ano no município de Rio das Ostras.

Outra fator que interfere metodologicamente é a distância cultural do pesquisador em relação a cultura em estudo. Assim fez-se uma escolha de passar o microfone adiante – deixar que os atores em estudo falem de seus próprios aspectos formadores. Para isso faz-se uso de depoimentos de atuantes locais, captados quando possível em registro audiovisual. A ideia foi possibilitar ao objeto familiaridade suficiente para que ele correspondesse e respondesse ao comportamento do observador de forma deliberadamente afetiva. Afinal, a experiência se coloca como uma determinação “radicalmente subjetiva (...) aquele que sente a dor, dela diz: eu é que sei. Frente à dor do outro, há comoção com maior ou menor distância e intensidade” (SARTI, 1998; p. 02). O pesquisador pode ter a intenção de entender seu pesquisado, mas é um passo a frente se colocar em uma posição de empatia tal que possa-se receber do estudado tudo aquilo que ele pode dar (dentro de seus próprios limites pessoais).

Primeiramente foi importante entender a quem se analisava: “a escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência” (ALBERTI, 2005; p. 31). Nesse esquema, por uma vez, uma história de vida pode ter mais relevância que outra. Quem será o definidor dos conceitos a serem estudados em uma pesquisa é o ponto de maior centralidade da tal. O personagem em pauta, seja da classe social ou cor de pele que for, foi escolhido por razão além de apenas a sua existência dentro de um conjunto. O resto dos desafios enfrentou-se com o tempo, mas a compreensão inicial do porquê por trás do ponto de vista sendo encontrado parece ter tido função notável dentro da pesquisa.

Voltando a questão da história individual que cada um dos personagens pode estabelecer sobre o assunto em pauta, primeiramente levou-se em conta que “são os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história” (DELGADO, 2007; p. 10). Assim, embora um depoimento possa parecer destoante dentro do conceito trabalhado, ele ganha importância pela posição de seu depoente dentro de um grupo cultural. Se o personagem identificado como um olhar relevante da história sendo estudada diz algo, esse algo vem por uma razão.

Dessa forma, analisou-se a narrativa, relevou-se seus momentos falhos – se é que possível considerá-los existentes -, mas fundamentalmente levou-se todos os fatores apresentados em consideração. Afinal, “devemos ter em mente a subjetividade pessoal: [o discurso pessoal] não se refere a eventos históricos, mas ao crescimento pessoal; não à história, mas ao seu lugar dentro dela.” (PORTELLI, 2010; p. 185). E é em tal posição que parece se encontrar a chave da compreensão de uma cultura alheia; o posicionamento pessoal do ator em um contexto histórico extenso é um elemento orgânico que muito mais pode dizer sobre os verdadeiros aspectos de uma cultura que apenas definições observadas. Talvez seja enfim na interpretação que se encontra a solução da divergência cultural – no sentido em que tal interpretação para se constituir ideal, tentou ser quase não conflitante, almejando a inexistência.

Como afirma Foucault (1975):

quanto mais se avança na interpretação quanto mais há uma aproximação de uma região perigosa em absoluto, onde não só a interpretação, vai encontrar o início do seu retrocesso, mas que vai ainda desaparecer como interpretação e pode chegar a significar inclusive a desapareição do próprio intérprete (FOUCAULT, 1975; p. 21)

De acordo com o pesquisador Joutard (2000), a história oral “pode ajudar as identidades a efetuar esta mestiçagem necessária, (...) assumindo completamente sua própria mestiçagem, suas ambiguidades (a ambiguidade do próprio nome "história oral") e sua diversidade” (JOURTARD, in ALBERTI, FERNANDES & FERREIRA, 2000; p. 45). Assim, ao analisar-se um objeto que admite ser incerto em seu conteúdo ganha-se a vantagem da análise não enganada. Os depoimentos que aqui serão descritos são vistos por parte de entrevistador e entrevistado como detentores de informações relativizadas por seu narrador e um contexto espaço-temporal específico.

Ou seja, a partir da escassez de documentação e registro oficial por parte da prefeitura de Rio das Ostras em relação a história da cidade e do Festival de Jazz & Blues, a investigação se dará a partir de narrativas e depoimentos de figuras atuantes na cidade. Serão levados em consideração os elementos que justificam a importância do depoimento do indivíduo e como este se posiciona dentro do cenário atual de Jazz & Blues em Rio das Ostras.

Para realização das entrevistas que justificarão a reconstrução da história do festival, segue-se o modelo de análise estabelecido por Kaufmann (2013), no qual não

há necessidade da elaboração de dezenas de perguntas a serem feitas ao ator; apenas estabelecimento de pontos guias para condução da conversa. Caberá a autora nesse contexto, analisar o depoimento e melhor defini-lo “a partir dos pontos que deseja alcançar, sabendo que dessa conversa pode sair a melhor pergunta a ser feita, haja vista partir daquilo que acabou de ser dito pelo informante” (KAUFMANN, 2013; p. 81). Assim, as entrevistas serão conduzidas em um contexto mais informal e devem ser percebidas ao longo da pesquisa em tal cenário.

### *Pesquisa de Campo*

Para realizar a pesquisa de campo intencionada foi necessário estabelecer o objeto de estudo e o alcance deste, pelo menos aquele que se visava estudar. Primeiramente foram entrevistados um representante da Secretaria de Turismo da cidade, Edmilson Oliveira, e o produtor do Festival de Jazz & Blues, Stenio Mattos. Também foi observada a edição de 2014 do evento e suas especificidades. Foram necessárias ainda algumas conversas informais com consumidores da edição. Tais ações promoveram maior compreensão em relação a dimensão do objeto que pretendia-se estudar. Além disso, a partir dela percebeu-se superficialmente as alterações que o evento já promovia na cidade e a ausência de registros documentais que a cidade possuía sobre tal fenômeno.

Veio daí a estratégia de trabalhar-se com o depoimento oral como forma de registro histórico dos acontecimentos que se deram na cidade. Inicialmente pretendia-se trabalhar com registros audiovisuais (câmera e microfone) em todas as entrevistas, porém tal aparelhagem logo se mostrou ineficaz quando utilizada com determinados atores da cena – muitos se sentiam intimidados ou desconfortáveis frente a uma câmera -, sendo substituídos por materiais mais discretos e menos intrusivos (como gravadores, aparelhos de celular; e muitas vezes apenas papel e caneta).

Há, porém, um desafio claro ao se depender do testemunho pessoal para buscar uma verdade de coletivo. Trabalhar com a história oral não é simples como construir uma biografia, um cronograma objetivo de acontecimentos. Como define Portelli, “na história oral, a história é representada pela experiência pessoal de indivíduos específicos, enquanto a biografia é sustentada pela ênfase na participação individual em eventos históricos” (PORTELLI, 2010; p. 186). Os personagens que foram escutados em busca de um arranjo de cenários históricos, possibilitaram apenas

a existência de tais da maneira como os perceberam. Foi necessário cruzamento de dados históricos, além de pesquisa por acervo jornalístico que confirmasse alguns dos elementos apresentados pelos entrevistados.

Como mencionado, descobriu-se ainda a partir do produtor Stenio Mattos que naquele ano (2014) pela primeira vez, havia sido promovido um concurso de bandas regionais para tocar no palco principal do evento e que foram realizadas mais de cinquenta e cinco inscrições. Tal informação apontou a possível existência de uma rede de artistas instrumentais locais independentes dos festivais, ainda que desorganizados entre si. A partir dela incluiu-se na estratégia de estudo a busca por integrantes das bandas vencedoras do concurso para recolhimento de seu relato em relação a uma cena musical alternativa em Rio das Ostras.

A conversa com Edmilson Oliveira mostrou as inúmeras alterações pelas quais o Festival de Jazz & Blues passou ao longo dos seus anos de acontecimento. O assessor da Secretaria de Turismo esteve presente desde o surgimento do evento e percebeu sua chegada e sucesso gradual inseridos no seu próprio cotidiano. Oliveira ainda denunciou a existência de opiniões contrárias à existência do festival que talvez fossem chave para perceber que o evento não possuía aprovação unânime na cidade, e tal fator apontava para uma possível relação de projeto pessoal do produtor Stenio Mattos com o evento.

Estabelecida a estratégia, alguns dos atores entrevistados ao longo da pesquisa foram o produtor cultural Stênio Mattos, novamente em 2015; o ex-Secretário de Cultura, Gilberto Menezes; a Secretária de Desenvolvimento Econômico e Turismo Rio das Ostras (durante a realização da pesquisa), Carla Ennes; o presidente da Fundação Rio das Ostras de Cultura, Cosme dos Santos; o prefeito da cidade (durante a realização da pesquisa) – que era prefeito também na época que o Festival surgiu – Alcebíades Sabino; além de músicos de Jazz & Blues da região de Rio das Ostras; entre outros atores envolvidos no assunto no cenário em estudo.

Ainda foi realizado extenso processo de observação dos cenários musicais que se dão na cidade dentro e fora do período de acontecimento do Festival de Jazz & Blues. Realizou-se também pesquisa bibliográfica para melhor compreender a relação espaço-social de uma cidade e como as transformações culturais urbanas podem afetar uma região. Também por meio de registros históricos buscou-se um mapeamento dos

efeitos do Jazz & Blues em Rio das Ostras, além de outras cidades de características semelhantes afetadas pelo gênero. Um estudo audiovisual possibilitou ainda a análise desse espaço afetado e como os transeuntes de Rio das Ostras o ocupam atualmente.

Os festivais ocorridos dentro da duração da pesquisa (previamente 2014, mas ainda 2015 e 2016) foram acompanhados diretamente pela autora. Foram visitados ambientes onde a cultura do jazz predomina na cidade, além de comércios locais, e também integrantes do setor hoteleiro, nos quais as transformações que o gênero possibilitou foram sentidas. A ideia manteve-se em fugir de uma pesquisa puramente burocrática e tentar mapear o fenômeno ocorrente na cidade por meio de sua própria geografia e população – “focando no interior social, mais que no seu formato vendido para fora” (LATOUR, 1998; P. 09).

### *Objetivos*

De acordo com Mattos, a partir do sucesso em Rio das Ostras, a procura de outras cidades da região por um projeto de festival é intensa, mas nem todas as iniciativas são bem sucedidas. O produtor não sabe explicar tal fenômeno e procura atribuí-lo a “boa vontade” da prefeitura e secretaria de turismo local de investir no projeto. Porém, percebe-se clara a necessidade de se entender de onde vem o sucesso do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, quais fatores o mantêm e quanto tempo ele pode ainda vir a durar.

Dessa forma, um dos objetivos dessa pesquisa é tentar compreender as razões pelas quais o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras é bem sucedido enquanto outros não parecem seguir a mesma rota. O evento, embora gratuito, ocorre em um local onde o turismo é registrado como predominantemente de classe C<sup>17</sup>, é estável o suficiente para ter acontecimento ininterruptamente desde 2003. Por si só, treze anos de edições já é um grande marco, consideradas as condições nas quais ele ocorre – o evento sobreviveu a crise econômica de 2014 e inúmeras mudanças de governo-, pode-se apenas entender que há algo sobre a cidade que parece favorecer as chances do festival.

Ainda procura-se definir o estabelecimento da experiência dos consumidores do evento com suas atrações, em prol de identificar se tais laços fazem parte dos

---

<sup>17</sup> Dados disponibilizados em Relatório de Demandas da Cidade de Rio das Ostras, 2014. Concedido pela Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico de Rio das Ostras

elementos que tornam o festival algo possivelmente intrínseco no cotidiano do riostrense. O evento parece afetar a cidade de Rio das Ostras de muitas maneiras, uma delas a forma como ele torna possível a movimentação em espaços por parte de indivíduos que anteriormente não reconheciam tais lugares como parte de seu cenário urbano. Assim, não só uma transformação cultural parece ter se dado a partir da criação do festival em Rio das Ostras, mas também em sua essência os indivíduos que habitam a cidade parece estar passando por ocasiões que geram alterações em seus hábitos sociais, ainda que essas ocasiões só ocorram uma vez ao ano. Objetiva-se aqui então entender como que tais eventos anuais, isolados em seus elementos do cenário social que se dá no resto do ano em Rio das Ostras, podem ser catalisadores de uma mudança de percepção social e cultural por parte dos riostrenses.

Seguindo tal caminho, entendendo quais fatores possibilitam o acontecimento e estabilidade do Festival de Jazz & Blues, pode-se tentar ainda perceber se tais aspectos podem ser repetidos em outras localidades, ou, por meio de comparação com eventos semelhantes, se fenômenos do mesmo tipo já foram registrados. A ideia é tentar entender se o que acontece em Rio das Ostras é um evento isolado, catalisado pelo desejo de um indivíduo e apoiado por políticas públicas e patrocínios, ou se faz parte de um movimento de abertura cultural que parece estar tomando conta de várias regiões no Brasil. Para isso será necessário buscar saber de outras cidades, que também promovem música da maneira que Rio das Ostras, preferencialmente o Jazz & Blues ou Instrumental, fazem uso das mesmas ferramentas de produção do evento e se os resultados obtidos em tais ambientes são de alguma maneira relacionáveis aqueles identificados em Rio das Ostras.

Será necessário assim cartografar os acontecimentos ocorridos na cidade e as alterações promovidas por estes em seu espaço geográfico e configuração social.

Mattos enumera:

Com o Festival, a UFF [Universidade Federal Fluminense] abriu um curso de produção cultural pela demanda; tem uma orquestra na cidade; tem uma oficina de construção de instrumentos; sem contar o tanto de barzinho que surgiu com essa temática de jazz.<sup>18</sup>

Somando tais aspectos as bandas que se inscreveram para o concurso de bandas locais na edição de 2014, percebe-se que Rio das Ostras não saiu incólume a partir do

---

<sup>18</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.

surgimento do festival. Estudar mais a fundo esses elementos e ainda investigar que outras mudanças podem ser identificadas na cidade desde o surgimento do Festival de Jazz & Blues, será de grande importância para relativizar o nível de impacto que ele tem no cotidiano social do riostrense.

Procura-se ainda formular a rede que parece conectar os atores e possibilitam a existência do festival, assim como aqueles que parecem viver em suas margens e aproveitar-se do ganho de consumo que o evento promove todo ano. Apesar da alteração social e possível ruptura de padrões por si só já ser de importância acadêmica para o estudo das cenas musicais abertas em espaço urbano, também entender como tal movimento afeta a cidade politico-economicamente permitiria melhor identificar a posição de impacto do evento em Rio das Ostras. O objetivo é tentar mapear até que ponto o festival se dá por razão de ativismo de seus consumidores e beneficiários diretos, por políticas públicas de grande impacto ou desejo comercial do setor privado da cidade.

#### *Justificativas e Hipóteses*

Deve-se ressaltar que o estudo aqui proposto traz relevância para a maneira de se pensar futuros projetos musicais, como os próprios festivais de Jazz & Blues. No Brasil, tal mercado tem se expandido cada vez mais. A Associação Brasileira dos Produtores de Festivais de Música Instrumental, Jazz & Blues (ABRAFEST) foi criada em 2010, com Stênio Mattos (produtor do Festival de Jazz e Blues de Rio das Ostras) eleito presidente<sup>19</sup>.

De acordo com Hobsbawm, “o jazz é, desde o seu início, uma música de pobres urbanos (HOBBSAWM, 2005; p. 176). O fenômeno que ocorre em Rio das Ostras, no qual a população pobre da cidade parece estar lentamente se apropriando do gênero, que primeiramente foi considerado para fazer o extremo oposto e atrair um turismo de elite, mostra que existe a possibilidade de que os padrões definidos para determinados gêneros musicais podem começar a perder sua imutabilidade, frente a atração promovida por eventos em espaço aberto e gratuito.

Além disso, o surgimento de uma cena local de Jazz & Blues indica que a população da cidade consegue reinventar o seu cotidiano e tenta ser incluída na

---

<sup>19</sup>Disponível em: <<http://abrafest.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10/12/2016

dinâmica dos privilegiados, disponibilizada pela prefeitura. Assim, partir deste gênero musical, os atores envolvidos no evento começam a remodelar o cotidiano da cidade, incentivando uma inclusão social inesperada.

Considerado que “devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas” (HALL, 1997; p. 08), nota-se uma diversidade de possibilidades a partir de duas pequenas ações de produção. Ou seja, quando os produtores do evento resolveram torná-lo de fácil acesso para o turista desavisado – acessível e gratuito -, podem ter causado um efeito em massa que abala todo o sistema cotidiano social de Rio das Ostras e permite a modificação ainda que gradual de sua cultural de convivência.

O questionamento que surge a partir de tal afirmação é: que tipo de desconstrução social seria essa? Ao que se permite o riostense a partir do momento que não há barreiras para sua presença em um espaço de convivência?

De acordo com Yúdice (2005), a cultura “proporciona não somente uma melhoria ideológica, segundo a qual as pessoas seriam avaliadas em termos de valor humano, mas também uma inscrição material nas formas de comportamento” (YÚDICE, 2005; p. 26). Assim, nota-se a possibilidade de que a partir do momento que os moradores de Rio das Ostras se incluem em espaços que anteriormente – ou fora da época do festival – encontram-se fragmentados, uma mudança de cultura começa a se estabelecer lentamente e que tal mudança pode acarretar em uma mudança social na cidade.

Ainda, como evidenciado por Mattos ao revelar a existência de bandas de instrumental locais, Rio das Ostras mostra indícios de recentemente ter adquirido uma cena alternativa de Jazz & Blues. A banda riostrense Segundo Set foi a vencedora do concurso de bandas locais em 2014, e é atualmente composta por Junior Muniz (contra-baixo), Eduardo Bruno (saxofone), Diego Freitas (bateria) e Lucas Andrade (teclado). O grupo possui membros nascidos em outras cidades, que se mudaram para a região depois do surgimento do Festival – não necessariamente por razão do evento. E ali encontraram uma cena de música instrumental, ainda que nada organizada.

Freitas e Andrade se uniram à banda com trajetórias semelhantes. O primeiro entrou em contato com os músicos da região por frequentar o mesmo bar e mais tarde foi levado à uma casa de cultura improvisada e não oficial, que se localizava em

Unamar (bairro de Cabo Frio, à 20 minutos do centro de Rio das Ostras). Já Andrade passou a conhecer o resto do grupo a partir dos eventos nos quais toca no Teatro Municipal riostrense – iniciados em 2005.

Assim, percebe-se que de certa maneira, a inauguração do festival e sua popularização não só possibilitou a entrada de indivíduos em espaços não estabelecidos para eles, mas também permitiu a criação de novas paisagens musicais a partir desse rompimento. Visa-se então por meio dessa pesquisa tentar entender se esse surgimento de outros cenários de música instrumental na cidade e região – mesmo que totalmente desvinculados e aparentemente pouco administrados – são resultados diretos do Festival de Jazz & Blues e se possuem alguma estabilidade por si fora da época do evento ou durabilidade em caso do evento acabar.

Ainda, ao longo do estudo que veio a resultar na pesquisa aqui explanada nota-se sempre a presença de um questionamento em particular: não seriam todas essas transformações territoriais e sociais ocorrentes em Rio das Ostras apenas um efeito da exploração de petróleo na Bacia de Campos (Macaé – RJ), iniciada na década de 70, ao invés de uma nova configuração territorial causada pelo Festival de Jazz & Blues?

Desde a instalação da estatal da Petrobrás, Macaé assistiu a inauguração de mais de 4 mil empresas, entre elas grandes multinacionais, e hoje possui mais de 200 mil habitantes<sup>20</sup>. Porém estruturalmente a região não demonstra grandes mudanças. Além disso, o capital da cidade se mostra intensamente vinculado a exploração de petróleo, oscilando com o mercado a cada vez que a Petrobrás demonstra queda comercial. Tal padrão pode ser observado em muitas outras cidades na Região do Lagos, do estado do Rio de Janeiro.

Rio das Ostras em compensação mostra-se abalada pela conjuntura atual de crise do petróleo, porém surpreendentemente vem superando a situação por conta de suas taxas de turismo. Percebe-se então a necessidade de se buscar entender como a decisão de investir o financiamento gerado pelos *royalties* em aspectos culturais, incentivando o turismo local, como não só o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, mas também em eventos como o Festival de Verão, o Ostracycle e o Festival de Frutos do Mar, pode ter sido catalisadora para a possível independência econômica

---

<sup>20</sup> Dados disponibilizados pelo sítio oficial do Programa Cidades Sustentáveis. Disponível em <[indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival](http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival)>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

da cidade frente a uma crise que afeta toda a região ao seu redor; além de que tal economia baseada em cultura e turismo parece se apresentar mais estável do que aquela baseada em aspectos teoricamente mais lucrativos como comércio e indústria, como vistos em Macaé (RJ). De acordo com a *webpage* do programa Cidades Sustentáveis:

o município [de Rio das Ostras] hoje é considerado referência em iniciativas culturais permanentes que deram início a programas e projetos de geração de emprego e renda, aliados ao princípio da autogestão financeira da Fundação Rio das Ostras de Cultura, instituição que gerencia as ações do setor no município.<sup>21</sup>

Ainda considerando a possibilidade de que elementos específicos tornaram possível a existência e sucesso do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, visa-se identificar tais ferramentas em prol de perceber se tais poderiam ser emuladas em outros espaços para obter-se o mesmo resultado. A existência do Festival por treze anos e sua intensa importância para o setor econômico da cidade evidencia como investimento em políticas culturais pode ser um fator crucial de rendimento para uma cidade. Principalmente ser for possível tornar a população de tal localidade e os consumidores do evento parte do ativismo que o mantém em funcionamento. Se o Festival de Jazz & Blues se revelar como elemento de importância crescimento econômico para a cidade de Rio das Ostras, ele cabe dentro do conceito de economia criativa de Yúdice (2005) como um resultado de investimento político cultural conveniente e, dessa maneira, exemplificador da possibilidade de um rendimento econômico de alta escala baseado apenas em focos de entretenimento gratuito.

Estuda-se ainda como o cenário de Rio das Ostras pode ser analisado frente ao estudos recentes de economia e cidade criativa, principalmente quando levado em consideração o elemento do turismo e sua importância atual no contexto econômico de Rio das Ostras. Com tal análise seria possível perceber melhor os impactos que medidas políticas podem causar em um cenário financeiro quando há o investimento em cultura como base das estratégias de desenvolvimento local – podendo esta, quando somada a necessidade de um turismo, ainda ser catalisadora para a reconstrução ou criação de uma identidade cultural do meio social onde se aplica.

---

<sup>21</sup> Dados disponibilizados pelo sítio oficial do Programa Cidades Sustentáveis. Disponível em <[indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival](http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival)>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

Por fim, como mencionado anteriormente, a ABRAFEST, presidida por Stênio Mattos, tem no Festival de Jazz & Blues seu maior representante e também exemplo de funcionamento<sup>22</sup>. A estrutura do evento e o número de pessoas que ele atrai parece formar o ambiente perfeito para se experimentar os elementos que podem ou não funcionar dentro de outros festivais semelhantes.

Porém, tornando tal hipótese uma possibilidade de estudo, precisa-se confrontar o questionamento de o que aconteceria ao festival sem a presença do produtor e se é possível mesmo uma figura sozinha manter um evento que comove um cotidiano apenas por um interesse social. A existência de indivíduos-chaves que apoiam o evento dentro de outros setores, possuindo igual capacidade e poder ao produtor parece também surgir como uma necessidade de investigação.

### *Estrutura*

Esse trabalho se divide em introdução, quatro capítulos, considerações finais e mais anexos que disponibilizarão todas as entrevistas realizadas em transcrição, mais fotos, vídeos e registros em geral das edições de 2014, 2015 e 2016 do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Ainda serão incluídos documentos fornecidos pela Fundação Getúlio Vargas e Secretaria de Turismo de Rio das Ostras, entre outros, que comprovam a veracidade de quaisquer dos dados aqui explanados.

O primeiro capítulo compõe-se de breve análise histórica do gênero musical Jazz & Blues - a partir de bibliografia relacionada -, assim como reconstrução do histórico da cidade de Rio das Ostras, a partir dos depoimentos obtidos pela autora e documentação bibliográfica oferecida pela Fundação Rio das Ostras de Cultura (FROC). Nesse mesmo capítulo, será ainda descrita a história do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, a partir de depoimentos de atores relevantes no surgimento do mesmo – em destaque o prefeito na época, Alcebíades Sabino; o secretário de turismo na época, Gilberto Menezes e o produtor do evento, Stênio Mattos.

Será então traçado nesse capítulo o processo de transformações que ocorreram no evento desde sua origem em 2002, além do atual cenário no qual ele se encontra, em busca de melhor esclarecer como o contexto atual do evento em Rio das Ostras veio a ser constituído ao longo dos anos. Esse capítulo visa ainda apresentar em detalhes o

---

<sup>22</sup>Disponível em: <<http://abrafest.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10/12/2016.

objeto em pauta, discutindo sua história, possibilidades futuras e desafios ao longo dos anos.

O segundo capítulo visa explicar a pesquisa de campo realizada pela autora ao longo dos dois anos de visita que se deram. Serão descritas as experiências observadas durante as edições de 2015 e 2016 do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras – além de apresentados depoimentos de consumidores, ambulantes e artistas que fizeram parte dos eventos nos anos mencionados. As edições ocorreram em cenários econômicos diferenciados, o que permitiu a autora observar as transformações as quais o evento foi submetido dentro de um contexto de corte de gastos, mas também os momentos em que a iniciativa privada teve que apoiar o evento e quaisquer manifestação por parte dos consumidores e moradores da cidade em torno do acontecimento ou não acontecimento do festival em determinado ano.

O objetivo desse capítulo é melhor esclarecer para o leitor como ocorre o evento e quais são as estratégias utilizadas em produção que distinguem o festival e o tornam tão atrativo para o público. Serão ainda percebidos os consumidores do evento e como eles se posicionam dentro do território musical proposto, além de serem percebidas as alterações – positivas e negativas - no cotidiano da cidade que vem promovidas pelo Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras.

No terceiro capítulo será analisada a relação do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras com sua cidade-mãe. Esse capítulo visa expor de quais maneiras a cidade parece ter sido afetada pelo festival ao longo dos anos e como os cidadãos se posicionam em relação ao evento. Será demonstrada a cena local de música instrumental que ocorre fora da época do festival, descrita por meio de depoimentos de atores da música riorostrense.

O objetivo aqui é perceber de que maneira o social local é afetado pela presença de um grande evento que acarreta a maior movimentação turística, cultural e financeira da cidade, mas que não aparenta reverberar em outros momentos do ano. Será necessário ainda melhor perceber outros eventos que ocorrem na cidade e seus efeitos na população em comparativo. Busca-se ainda entender a relação músico local e lideranças públicas que parece ter culminado na recente divulgação de uma lei para criação de um Fundo Municipal de Cultura e Comitê Gestor – composto de

representantes do governo em conjunto com líderes culturais locais - para cidade de Rio das Ostras.

Apresenta-se ainda o capítulo quatro, no qual serão melhor analisados os impactos econômicos que os investimentos em cultural por parte de recursos públicos parecem ter trazido para Rio das Ostras. Serão entrevistados empresários do setor comercial e hoteleiro, em busca de notar que impasses parecem surgir, permitindo que o empresariado se beneficie do evento, mas ainda pareça não estar disposto a investir em sua ocorrência anual, mesmo em momentos de crise. Ainda serão analisadas de que maneiras o festival foi financiado ao longo dos anos, assim como os aspectos econômicos externos que afetaram sua execução na edição de 2016. E, por fim, será necessário discutir de que maneiras a cidade de Rio das Ostras se enquadra no contexto de cidades criativas, e quais estratégias podem ser percebidas em ausência impossibilitando a completa estabilização do setor cultural da cidade.

O objetivo desse capítulo é aprofundar o estudo de economia criativa e demonstrar como os investimentos de políticas públicas em torno da cultura podem influenciar o cotidiano de uma cidade, e até mesmo criar uma identidade cultural para um território prioritariamente ocupado por imigrantes e por esta razão sem temática cultural definida em sua origem. A ideia é melhor compreender os benefícios e malefícios de uma política econômica embasada na cultura, além de introduzir o cenário atual de Rio das Ostras e a posição do Festival de Jazz & Blues em relação a cidade.

Dessa maneira chega-se as considerações finais, espaço no qual será analisada a interação evento-cidade que ocorre em Rio das Ostras, de maneira a permitir o questionamento e a buscar por uma resposta a seguinte pergunta: o Festival de Jazz & Blues se tornou identidade cultural da cidade de tal maneira que ele sempre irá ocorrer independentemente do envolvimento das autoridades locais ou a partir do momento que a Prefeitura não quiser mais investir no evento sua presença será finda?

## **CAPÍTULO 01 - Rio das Ostras e o Jazz & Blues**

Este capítulo visa traçar um panorama histórico da cidade Rio das Ostras e do Festival de Jazz & Blues que ocorre anualmente na região, desde 2003. Para que essa narrativa pudesse ser construída foram utilizados relatos de atores de relevância da região, além de registros jornalísticos e documentais, em parte disponibilizados pela prefeitura da cidade e em parte encontrados em investigação realizada para a pesquisa.

O objetivo é tentar entender de onde surgiu a possibilidade de se fazer um Festival de Jazz & Blues em uma cidade de veraneio, sem histórico cultural relacionado ao gênero musical. Busca-se ainda perceber as alterações que aconteceram no evento desde o seu surgimento, as razões pelas quais ela se deram e como elas influenciaram não só o festival, mas também o cotidiano de Rio das Ostras.

Objetiva-se ainda cruzar dados históricos que relacionem o gênero do Jazz & Blues com a cidade de Rio das Ostras. Além de buscar entender o formato político econômico que a cidade aplica em sua administração de recursos e que tornou possível o surgimento do Festival. Para que tal análise se concretize é necessário estabelecer breve histórico do gênero e também no município, afim de se perceber em que momento a cidade Rio das Ostras se viu capacitada para desenvolver um projeto de música instrumental tão destoante em relação a sua cultura típica.

A ideia é permitir ao pesquisador ter mapeado as condições em que o festival ocorre a ponto de estabelecer um panorama confiável em relação a estabilidade do evento como participação cultural da cidade e sua possibilidade de continuação nos anos que se seguirão. Também pretende-se entender de onde surgiu o evento, assim como seus elementos principais e a partir daí ter um contexto estabelecido o suficiente para se seguir para capítulos seguintes.

### **1.1 Nova Orleans e o início do jazz**

Em Becker & Fauckner (2009), os pesquisadores descrevem um cenário de apresentação de Jazz & Blues em um bar nos Estados Unidos. A descrição é a seguinte:

Todo mundo não sabe todas as músicas, um músico sabe uma musica que o outro pode não conhecer, então qual música será tocada depende deles encontrarem uma

que ambos saibam. Só assim a resposta para questão de como eles fazem isso seria “todo mundo sabe a música”, e ainda assim a gente pode ter certeza que não vai ser todo mundo, porque na próxima vez um terceiro músico pode não conhecer a música que esses dois sabem. (BECKER & FAUCKNER, 2009; p. 15)<sup>23</sup>

Percebe-se no trecho uma das características mais conhecidas do Jazz & Blues, a capacidade de improviso de seus músicos, além da familiaridade que o gênero possui ao ponto de garantir o reconhecimento de uma mesma música (provavelmente um clássico) por dois músicos diferentes, e ainda a capacidade destes de tocarem em harmonia, mesmo nunca tendo interagido anteriormente. Na mesma obra, os autores explicam o público típico do Jazz & Blues como um grupo pequeno, mas dedicado. Mas não foi assim que começou.

Embora o termo *jazz* só tenha sido vinculado ao gênero musical em meados do século XX, na cidade de Chicago (Estados Unidos da América), os elementos para a sua criação datam de algumas décadas anteriores. De acordo com o historiador Sérgio Porto, os primeiros aspectos daquilo que seria o jazz no futuro já podiam ser reconhecidos nas cantorias e rodas de dança executadas pelos escravos negros em meados do século XIX (PORTO, 1953; p. 07).

Na mesma época, a cidade de Nova Orleans, localizada no interior sul dos Estados Unidos da América, às margens do rio Mississippi, é descrita por Porto como “pequena e pitoresca” (1953). A região recebia visitantes de diversas nações, vindos nas barcaças que trafegavam pelo seu porto constantemente, em busca de “fazer fortuna no próspero comércio local” (PORTO, 1953; p. 23).

A mistura do ritmo dançante dos negros, exposto aos diversos viajantes que frequentavam a cidade facilitou a dispersão do gênero musical que se tornaria o *jazz* pelos Estados Unidos. Mas o aspecto necessário de ser ressaltado para a compreensão dessa pesquisa é que, ao que tudo indica, o gênero surgiu de um meio popular.

O pesquisador Hobsbawn (2005) ainda descreve o público do gênero como “pobres que, embora extremamente oprimidos, são menos dados a organização coletiva e a conscientização política, e que encontram a sua ‘liberdade’ se esquivando da opressão e não fazendo frente a ela.” (HOBSBAWM, 2005; p. 282). Assim, nota-

---

<sup>23</sup> Tradução da autora. No original: “everyone doesn’t know all the songs, that one player knows songs another player may not know, so that which song they play depends on them finding one they both know. Only then can the answer to the question of how they do it be “because everyone knows it,” and we can be sure that it won’t be everyone, because the next time another player may not know the tune these two have just agreed on”.

se que houve uma transição do típico público do Jazz & Blues, que deixou de ser uma música popular, voltada aos “pobres urbanos” (HOBSBAWN, 2005), passando a ser uma música de classe A e B, ouvida em nichos reduzidos, geralmente em grandes centros. O pesquisador e músico Berliner (1994) reforça ainda a heterogeneidade do jazz, afirmando que o gênero é uma tradição dinâmica com muitos estilos, cada mudando com o tempo e até se introduzindo novos (BERLINER, 1994). Talvez seja mesmo essa diversidade que faz o gênero congregar em espaços alternativos ao longo dos anos.

De acordo com Brito (1986), os primeiros indícios do jazz no Brasil datam de meados de 1949. Segundo pesquisadores, entre eles o autor, muito da Bossa Nova brasileira foi inspirada no gênero jazz, bebop e cool jazz (BRITO, apud. SANTOS, 2006). Interessante analisar que de acordo com Medaglia (1978), a bossa nova também é um gênero que surge em um contexto de expressão musical popular e urbana, e que por ter uma característica de elaboração progressiva acabou por ser tomada em tempo por um público de nicho elitista, assim como seu predecessor (MEDAGLIA, 1978. p. 68-70).

Ainda, recentemente o Jazz & Blues vem tomando uma nova esfera. Surgindo como um atrativo particularmente surpreendente no contexto de performances musicais realizadas na rua – particularmente no Rio de Janeiro, o gênero invadiu os espaços públicos, atraindo massas para colecionando um carteadado de fãs dedicados e ativos (HERSCHMANN & FERNANDES, 2012). De acordo com Herschmann & Fernandes (2014), o nicho do mercado do gênero vem crescendo exponencialmente entre 2011 e 2012 (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014; p. 165), invocando um público diversificado, mas com o mesmo desejo de experimentar o instrumental na rua.

Dentro desse contexto, pensa-se eventos como o *Free Jazz Festival*, que ocorreu em Rio de Janeiro e São Paulo de 1998 a 2001, e foi um dos grandes influenciadores do ex-secretário de turismo, Gilberto Menezes, ao estabelecer o projeto de um festival de Jazz & Blues na cidade de Rio das Ostras. Mas isso será melhor abordado nos subcapítulos a seguir.

## 1.2 Rio das Ostras, a cidade onde tudo passa

Localizada a 127 km da capital do Rio de Janeiro, Rio das Ostras faz parte de um aglomerado de cidades pertencentes à região das Baixadas litorâneas, que também abrange os municípios de Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Cachoeiras de Macacu, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande, Maricá, Rio Bonito, São Pedro da Aldeia, Saquarema e Silva Jardim.



**Figura 6** - Localização geográfica da cidade de Rio das Ostras

**Fonte:** Site Oficial do Governo de Rio das Ostras. Disponível em: <http://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-do-municipio.html>. Acesso em 15 de julho de 2016.

Buscando rastros sobre a origem da cidade percebe-se que, se no início do século XX, Nova Orleans poderia ser caracterizada como “pitoresca”, o povoado que viria a constituir a cidade de Rio das Ostras mal seria considerado um vilarejo. Os primeiros indícios sobre a região na qual se situa datam do princípio do século XVIII, a partir de uma freguesia denominada Sacra Família de Ipuca, em 1761. Porém, a região de Rio das Ostras de fato apenas constituiu-se como núcleo recentemente, na década de 50 (LIMA; 1998).

Há registros de uma intensa movimentação de viajantes na região desde o início do século XVIII, quando o porto que se situava na região que futuramente seria a cidade estava em pleno funcionamento. O desembargador Luiz Thomaz de Navarro, já em 1808, observou um pouso de passageiros na chamada região de “Tabebuçu”, sendo inclusive necessário a construção de ponte sobre o rio das ostras, que na época só dava passagem em maré vazia (AGUIAR, SANTOS & MACHADO, 2006. P. 15).

A pesquisadora Maria Lima também descreve sobre meados do século XIX:

por sua localização a beira mar e a meio caminho entre os engenhos de cana de açúcar do norte fluminense e a capital [Rio de Janeiro], Rio das Ostras sempre foi uma das paradas obrigatórias dos viajantes. O rio obrigava todos a uma travessia que dependia ora das marés, ora do estado da ponte, fazendo com que os viajantes se detivessem por algum tempo nos arredores do arraial (LIMA, 1998; p. 87).

Assim, percebe-se que Rio das Ostras sempre foi uma cidade de passantes, viajantes. Inicialmente utilizadores do porto, e com o tempo profissionais destinados aos arredores de Macaé para exploração petrolífera, ou caminhoneiros fazendo uso da rodovia Vitória-Rio de Janeiro, ou até meros turistas cariocas em fuga da balbúrdia da capital.

Entre 1813 e 1859, possivelmente após a construção da ponte sobre o rio das ostras, a cidade estabeleceu seu povoado entre o rio e o mar, na época destacando-se o comércio de exportação de madeira, café, farinha de mandioca e outros gêneros; além do tráfico de escravos (AGUIAR, SANTOS & MACHADO, 2006; p. 15). Mas em meados de 1925, a cidade já possuía como sua maior fonte de renda a pescaria, diferentemente das regiões ao redor, que ainda exploravam madeiras nobres, justificando talvez a intensa preservação da mata na região até os dias de hoje.

Destaca-se ainda nesse meio tempo dentre os viajantes, passantes e moradores mais conhecidos (e considerados de relevância para a pesquisa aqui descrita) os seguintes: Charles Darwin (1832), o Imperador Dom Pedro II - veio repousar embaixo da centenária Figueira (LIMA; 1998. p. 21) que poder ser vista até hoje no centro da cidade -; a Princesa Isabel (1868); o futuro presidente Washington Luiz (1883); José Marques de Abreu - pai do poeta Casimiro de Abreu (década de 50), o compositor Geraldo Carneiro (final da década de 50), Hugo Paulo de Oliveira (década de 60), Joel Dias Barcellos (1978), Helba Nogueira (meados da década de 70), e Dorival Cayimmi (1984) (AGUIAR, SANTOS & MACHADO, 2006). Assim, percebe-se principalmente uma intensa presença de artista e músicos na região, algo que justificaria a criação do primeiro teatro no povoado ainda nos anos 70 do século XIX, antes mesmo deste se tornar uma cidade, e a familiaridade com o incentivo a cultura que futuramente se tornaria legado em Rio das Ostras.

Ainda, curiosamente, além do tráfico de escravos, nota-se o registro de uma série de fugas dos mesmo do estado do Rio de Janeiro em direção à região. De acordo com Lima, “não eram poucas as fugas ‘para os lados’ de Rio das Ostras e barra de São João. Os quilombos se refugiavam nos sertões, nunca próximos a foz do rio, por ser local de forte vigilância das autoridades” (LIMA, 1998; p. 80). Levando em consideração tais relatos, percebe-se uma possível semelhança entre a pitoresca Nova Orleans e a *ainda vilarejo* Rio das Ostras. Ambas as localizações apresentavam: uma intensa movimentação de viajantes, que absorviam cultura tão simplesmente quanto à

distribuíam; a presença forte de escravos negros, aqueles que originaram os primeiros atributos musicais do que viria a ser o jazz; e uma população estabelecida interiorana, ainda em processo de desenvolvimento, e talvez desgarrada de uma noção política de organização coletiva, características que o pesquisador Hobsbawm (2005) tanto considera como típica dos apreciadores do jazz.

A cidade de Rio das Ostras só começou a crescer a partir da construção da Rodovia Amaral Peixoto, que expandiu a Região dos Lados e possibilitou a instalação da Petrobrás na Bacia de Campos, em Macaé (RJ), no final da década de 70. A partir daí, Rio das Ostras assistiu sua população crescer radicalmente, até finalmente chegar sua emancipação político-administrativa do município de Casimiro de Abreu em 10 de abril de 1992, pela Lei número 1.894 (AGUIAR, SANTOS & MACHADO, 2006. p. 25). Entre as justificativas para emancipação estão listadas: o primeiro jornal riostrense *A Razão*; o primeiro posto telefônico (1975), o início das obras da Petrobrás (1977), a melhoria do trecho RJ-162, a construção uma paróquia (1979), e a primeira escola estadual (1982).

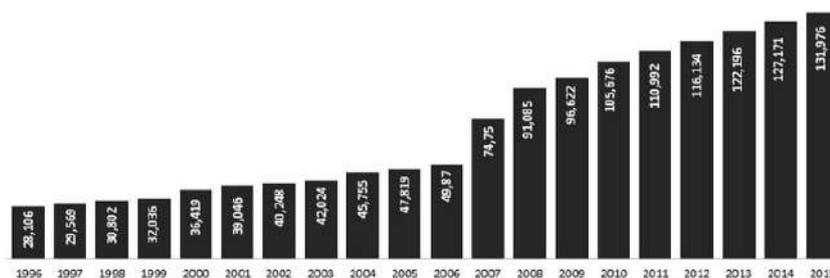
Em 1997, foi eleito o segundo prefeito de Rio das Ostras, Alcebíades Sabino, provindo da região. A família do de Sabino data do Termo de Cabo Frio, no século XIX, região que incluía o que futuramente seriam as cidades de Macaé, Maricá, Capivari, Barra de São João, Araruama, São Pedro da Aldeia e Rio das Ostras (AGUIAR, SANTOS & MACHADO, 2006). Tal fato é relatado aqui em prol de justificar futuros depoimentos do de Sabino, que demonstram conhecimento vívido em relação a história da cidade. Foi esse prefeito que estava atuante no momento da criação do festival de Jaz & Blues e durante as duas edições do evento acompanhadas pela autora.

Atualmente Rio das Ostras se destaca por seus investimento em infraestrutura e saneamento básico, somados ao princípio de autogestão financeira no setor de turismo e cultura possibilitado pela Fundação Rio das Ostras de Cultura - FROC. Seu crescimento populacional se tornou o maior do estado em 2010, e hoje se configura entre os 5 maiores do país, cerca de 11% ao ano – como pode ser percebido no Gráfico 1 -, distribuídos em 229,5 km<sup>2</sup> de área territorial<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Informações disponibilizadas pelas Fundação Rio das Ostras de Cultura - FROC

Dados Populacionais de Rio das Ostras de 1996 - 2014

**Gráfico 1** - Dados populacionais de Rio das Ostras de 1996-2014

**Fonte:** Dados disponibilizados pelo sítio oficial do Programa Cidades Sustentáveis. Disponível em <[indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival](http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio.../rio-das-ostras-jazz-blues-festival)>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

Em Rio das Ostras, a maior parte da classe média alta mora na região do bairro de Costazul; em compensação, nas regiões periféricas da cidade, concentra-se o maior número de moradores de aquisição financeira classe c<sup>25</sup>. Percebe-se então, o espaço como incluso de uma “conexão materialística de um homem com o outro” (MARX & ENGELS, apud. SANTOS, 2008, p. 321); porém como mesmo notado pelo pensadores alemães, tal conexão é embebida na possibilidade de modificações. Assim, ainda que se perceba uma intensa dicotomia no cotidiano da cidade - que emula consistência quando comparada a regiões urbanas centrais como a capital Rio de Janeiro -, Rio das Ostras, como qualquer outro local, está aberto a alterações espaciais a todo momento.

### 1.3 Rio das Ostras: Cidade de Turismo

A partir da criação da Zona Especial de Negócios – combinando desenvolvimento e preservação ambiental – mais de 80 empresas ligadas ao segmento de petróleo se instalaram no município, gerando aumento de mercado de trabalho e incentivando a capacitação de mão de obra – estabelecido o Programa de Qualificação Profissional, pela prefeitura de Rio das Ostras. Em relação ao Produto Interno Bruto – PIB da cidade, os dados revelam que economicamente a cidade 21,5% no ano de 2009,

<sup>25</sup> Informações disponibilizadas no sítio oficial da Prefeitura de Rio das Ostras. Disponível em: <<http://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-do-municipio.html>>. Acesso em: 15/07/2015

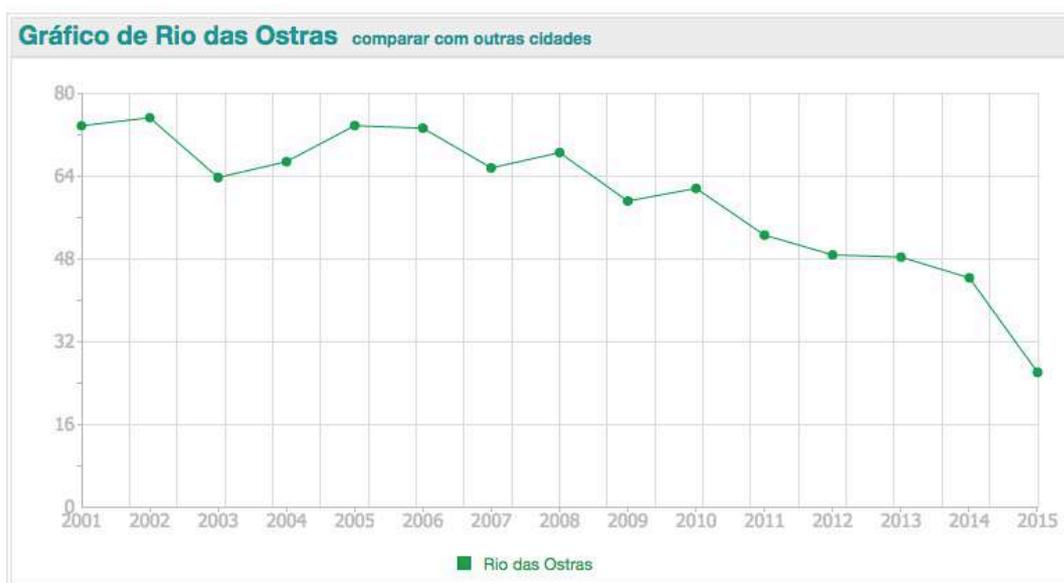
23,7% em 2010 e desde de então só aumentou – em comparação, a população de pobres e o analfabetismo tem diminuindo constantemente desde 2005 (PREFEITURA DE RIO DAS OSTRAS apud. MÜLLER, 2008). Além de ser um dos destinos turísticos mais populares na região Costa do Sol, com sua área costeira beirando 28 km.

Tal intensa atividade turística parece ser elemento chave para justificar a autonomia financeira do município, que só cresce desde sua emancipação. Também Rio das Ostras passou a depender cada vez menos da transferência de recursos externos – prioritariamente aqueles provindo dos *royalties* da exploração de Petróleo na Bacia de Campos –, como pode ser observado nos gráficos 2 e 3, respectivamente.



**Gráfico 2** - Autonomia financeira de Rio das Ostras de 2001-2015

**Fonte:** Dados disponibilizados pelo sítio oficial do Programa Cidades Sustentáveis. Disponível em: <<http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio-das-ostras/autonomia-financeira>>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

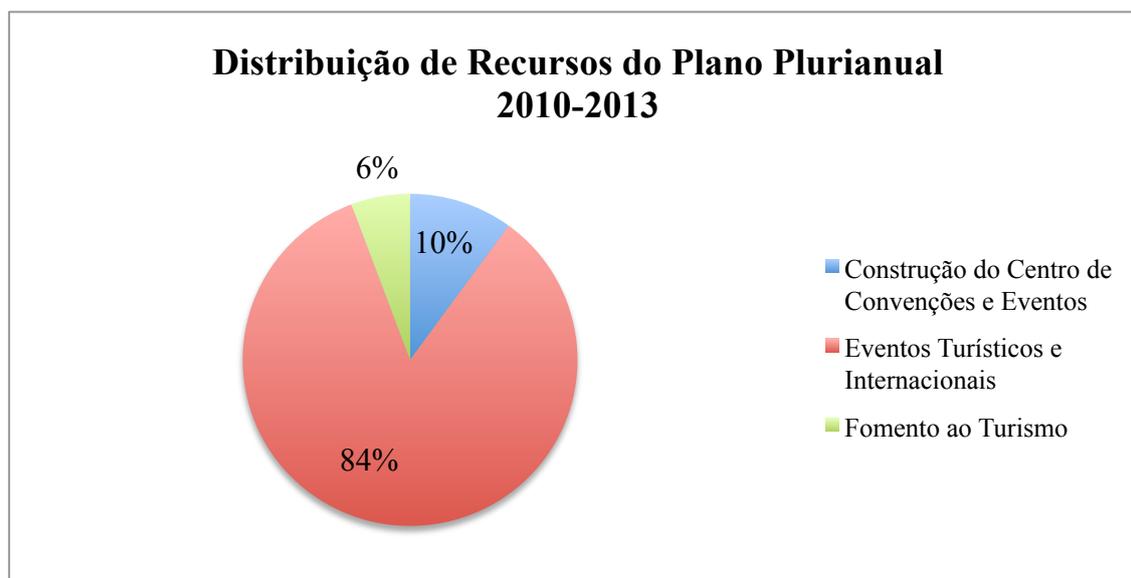


**Gráfico 3** – Dependência de transferência de recursos de Rio das Ostras de 2001-2015

**Fonte:** Dados disponibilizados pelo sítio oficial do Programa Cidades Sustentáveis. Disponível em: <http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio-das-ostras/dependencia-de-transferencia-de-recursos>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

A partir da instituição da Lei Orçamentária Anual (Lei 1.219/2007), estabelecida em 2008, verificou-se um aumento significativo nas verba direcionadas a Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio da cidade de Rio das Ostras. No ano de sua divulgação, a lei garantiu um repasse de quase R\$ 10 milhões – especificamente, R\$ 9.277.000,00 (nove milhões, duzentos e setenta e sete mil reais) – inseridos dentro dos aproximadamente R\$ 600 milhões previstos para o município. Ou seja, 1,6% dos recursos destinados a cidade foram investidos em Turismo (MÜLLER, 2008). Em 2012, esse repasse cresceu ainda mais, sendo 2,5% dos recursos destinados a cidade voltados para a Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio (MÜLLER, 2008).

Com o surgimento do Plano Plurianual 2010-2013, a Lei 1498/2010, definiu os recursos para todos os programas governamentais na cidade, inclusive o Programa de Desenvolvimento do Turismo. Para tal segmento foi destinado valor de aproximadamente R\$ 20 milhões (MÜLLER, 2008), sendo este recurso organizado da maneira explicitada no Gráfico 4, abaixo:



**Gráfico 4** – Distribuição de Recursos do Plano Plurianual 2010-2013

**Fonte:** Autora.

Assim, percebe-se a importância dos eventos turísticos e internacionais para a economia da cidade de Rio das Ostras – afinal, 84% dos recursos aplicados para a Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio são destinados a esse segmento, sendo apenas 6% destinados ao fomento do turismo em geral. Política atípica em um país no qual o PIB Cultural contribui com apenas 1% da riqueza nacional (TRIGO & MAZARO, 2012; p. 16).

Os eventos Turísticos e Internacionais citados na pesquisa acima são reconhecidos pela prefeitura em sua agenda de cultura oficial como quatro: o Festival de Verão, o Ostracycle, o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras o Festival de Frutos do Mar de Rio das Ostras; e até 2013, o Festival de Dança Internacional de Rio das Ostras. Dentro dessa pesquisa apenas se torna objeto o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, mas para teor comparativo, abaixo segue uma pequena descrição de cada um dos outros três eventos principais que se mantêm na agenda do município atualmente.

#### *Festival de Verão*<sup>26</sup>

Estabelecido em meados de 2010, acontecendo sempre no período entre janeiro e fevereiro, o evento promove um dia de *shows* gratuitos (em geral nos

<sup>26</sup> Informações disponibilizadas no sítio oficial da Prefeitura de Rio das Ostras. Disponível em: <<http://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-do-municipio.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2016.

domingos, mas não há uma regra - em algumas edições todos os *shows* foram gratuitos e em outras, todos foram pagos), de artistas populares, entre eles: Thiaguinho, Roupa Nova, Revelação, Mumuzinho e Bom Gosto. Ainda outras apresentações são cobradas: Ivete Sangalo, Anitta e Sorriso Maroto são alguns dos artistas que já passaram pelo evento, cobrando ingressos que começam em R\$ 20 reais.

O evento acontece na Área de Eventos de Costazul, em geral nos finais de semana, com censura de 16 anos. É promovido pela Ensaio Produções, em parceria com a Prefeitura de Rio das Ostras e a Rádio local, 104,9 FM.

A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros declararam até 20 mil pessoas presentes no Camping Costa Azul na edição de 2015. Ainda, de acordo com declaração de representante da Secretaria de Cultura da cidade, o Festival de Verão tende a atrair mais os próprios moradores de Rio das Ostras, além dos turistas que já estão na cidade para o verão – período de alta temporada na cidade.

### *Ostracycle*<sup>27</sup>

Acontecendo sempre no último fim de semana de março - o Ostracycle é dos três maiores encontro de motoqueiros do Brasil. O evento ocorre desde 2000, contando com a presença de quase 20 mil pessoas por dia de evento e quase 600 motoclubes nacionais e internacionais. O evento é realizado pela Secretaria de Turismo da Prefeitura de Rio das Ostras, mas organizado pelos Motoclubes Jaguar do Asfalto e Ostradeiros, e ainda conta com o apoio da Associação dos Motociclistas do Estado do Rio de Janeiro (AMO-RJ).

Durante o encontro, há apresentação de 24 bandas, tocadas do gênero Rock, em quatro espaços diferentes em vários setores da cidade. Seguindo o exemplo bem sucedido do Festival de Jazz & Blues, o Ostracycle em 2015 organizou o Ostrabandas - concurso de bandas locais, que tocaram no encerramento do evento.

Durante o I Fórum Municipal de Turismo, realizado no dia 29 de fevereiro de 2015, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontou o Ostracycle como o 2º evento mais importante do calendário turístico da cidade, atrás apenas do Rio das Ostras Jazz &

---

<sup>27</sup> Informações disponibilizadas no sítio oficial da Prefeitura de Rio das Ostras. Disponível em: <<http://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-do-municipio.html>>. Acesso em 10 de dezembro de 2016.

Blues. De acordo com pesquisa da FGV, em 2015, o Ostracycle movimentou mais de R\$ 6,5 milhões em Rio das Ostras.

*Festival de Frutos do Mar de Rio das Ostras*<sup>28</sup>

O Festival de Frutos do Mar de Rio das Ostras, acontece desde 1997, sempre em novembro. Porém, foi apenas a partir de 2012 que a degustação do prato apresentados no evento passou a acontecer nos próprios restaurantes que as fabricam. O Festival tem como motor o Concurso de Gastronomia, no qual cada comércio inscrito prepara um prato inédito que concorre ao troféu do festival.

O evento ainda possui em sua agenda *workshops* gratuitos ministrados por chefs de renome nacional e internacional. Os pratos são servidos em porções individuais e em média custam R\$ 27. Ainda, além de apresentar a culinária local, o objetivo do festival, segundo a prefeitura, é aquecer a economia na baixa temporada anterior as férias de fim de ano. De acordo com a Secretaria de Turismo de Rio das Ostras, a clientela dos restaurantes participantes intensificou em 30% durante o Festival em 2015.

Nota-se então a importância que o setor de cultura tem dentro da planilha de investimentos da cidade. Tal fator parece vir prioritariamente do desejo da prefeitura de instigar o turismo local na cidade, mesmo fora de alta de estação (verão). De acordo com o atual prefeito - que será sucedido em 2017 por Carlos Augusto -, Alcebíades Sabino<sup>29</sup>:

A nossa intenção sempre foi valorizar a cidade e dar uma qualificação a cidade, também na busca de uma identidade para cidade. Nós trabalhamos três grandes eixos para Rio das Ostras. Primeiro uma qualificação da questão ambiental, estabelecendo áreas de preservação ambiental e os corredores verdes. A segunda questão foi o desenvolvimento do esporte e da realização também de eventos esportivos. E o terceiro na questão de posicionamento da cidade no ponto de vista da cultura. A gente fala mais do Festival de Jazz, ele foi o que se tornou mais forte até do ponto de vista da economia, mas nós tivemos o festivais de cinema, de teatro, dança. [...] O verão exerce por si só uma atração muito grande. Por causa das praias as pessoas já vem em Rio das Ostras. Quando chega no que eu chamo de baixa temporada a gente precisa criar eventos para que as pessoas possam vir para Rio das Ostras. Por isso a decisão de trazer esses eventos para fora da temporada de verão, para você gerar uma renda eternamente na cidade.

---

<sup>28</sup> Informações disponibilizadas no sítio oficial da Prefeitura de Rio das Ostras. Disponível em: < <http://www.riodasostras.rj.gov.br/>>. Acesso em 15 de julho de 2016.

<sup>29</sup> SABINO, Alcebíades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

Assim, é possível perceber que o investimento em cultura para atração turística fora de temporada em Rio das Ostras vem encadeado a uma onda de estudos que estabelecem exatamente a importância desse setor na hora de estabilizar o turismo de uma região. Ainda, os benefícios que esse investimento podem trazer podem vir refletidos “em termos sociais e culturais nas comunidades residentes, ao ajudá-las a tomar consciência da importância de salvaguardar o seu patrimônio cultural, ao aproximá-las e ao rejuvenescer as suas artes e ofícios tradicionais” (EUSEBIO, 2006; p. 59). Ou seja, além de instigar a economia da região, a atração de turistas requer que a cidade busque uma identidade, seja esta originada na região ou aplicada ao território. Essa ideia é reforçada em Trigo & Mazaro (2012) quando os autores afirmam:

O turismo tem na sua essência a localidade e o que ela tem de singular. Os fundamentos da economia da experiência e da criatividade colocam a essência única das localidades e de sua cultura como fonte inspiradora para a composição da oferta turística (TRIGO & MAZARO, 2012; p. 17-18).

E ainda por Herrero, Sanz, Devesa, Bedate & Barrio (2002):

O turismo cultural pode ser, em primeiro lugar, um fator para o desenvolvimento econômico; e em segundo lugar, um incentivo para a regeneração urbana das cidades, cujas descobertas de tradição (heritage) e novas instalações fazem elas se destacarem e mudaram sua imagem, se tornando mais atrativas e representativas de uma qualidade de vida. (HERRERO, SANZ, DEVESA, BEDATE & BARRIO, 2002; p. 13)<sup>30</sup>

Percebe-se então a intenção da prefeitura de estabelecer um contexto de identidade cultural que venha a passar para o possível turista uma ideia de experiência local. Tal necessidade de criar essa origem vem ainda muito vinculada ao fato de que Rio das Ostras é uma cidade de imigrantes, e por isso desprovida de uma temática comum como fator cultural. De acordo com Sabino:

Rio das Ostras é uma cidade de imigrantes. Só 3% dos moradores são nascidos aqui. No hino da cidade tem um verso que diz: Rio das Ostras, cidade mãe de quem nasce ou de quem vem para ela. Se você vier morar aqui no dia seguinte você é riostrense. Por outro lado, em uma cidade em que 90% das pessoas são imigrantes é preciso

---

<sup>30</sup> Tradução da autora. Do original: “cultural tourism can be, in the first place, a factor for richness and therefore economic development; and in the second place, a boost to the urban regeneration of cities, whose heritage recovery and new cultural facilities become a way to make them stand out from other areas and a factor for changing their city image to make it more appealing and representative of the quality of life.”

contar a vida da cidade para pessoas. [...] A gente pensou que essa cidade tinha que ter uma identidade, a melhor identidade para esta cidade é a cultura.<sup>31</sup>

Ainda, vários investigadores (MATHIESON & WALL, 1990; MCINTOSH & GOELDNER, 1986) estabelecem que cidades que demonstram uma dependência em relação ao turismo estão fncadas em instabilidade. Assim, para que esta fragilidade possa ser suavizada, “os agentes responsáveis pelo planejamento dessas regiões deverão apostar numa diversificação da sua base económica, [...] e dentro da indústria turística na diversificação de atividades” (EUSEBIO, 2006; p. 70). É importante então que a cidade de Rio das Ostras tenha um histórico de não embasar sua atividade turística em apenas a alta estação (verão), ou mesmo no Festival de Jazz & Blues. Há um intenção, embora efetiva ou não esteja a cargo de estudos revelarem, de se criar uma agenda de eventos que mantenha a cidade em atrativo o ano inteiro.

Esse aspecto que determina a necessidade de um desejo de experiência em torno do evento em prol de atrair turistas será melhor desenvolvido no capítulo quatro. Porém, por ora, é bom ter em mente para melhor compreensão da chegada do Festival de Jazz & Blues na cidade essa já intencionalidade presente em Rio das Ostras no contexto de apoiar causas culturais com objetivo de dar a cidade um atrativo, principalmente para pessoas de fora. Ainda considerando que em muitos casos os eventos não são projetados para prover benefícios aos consumidores locais, mas para “atrair turistas (e seu gasto), de uma região de fora [...] Esse sendo o caso, muito dos benefícios para a economia local vem da reconciliação do impacto local com o custo-benefício no turismo de eventos” (BURGAN & MULES, 2001; p. 325).<sup>32</sup> Ou seja, a prefeitura prefere arcar com os danos que um turismo em excesso pode provocar, mas manter a legitimação da identidade da cidade em torno desse contexto cultural.

Dessa forma, fica contextualizado o sistema de financiamento e as escolhas realizadas pela prefeitura, além do histórico da cidade, clarificando o cenário no qual Rio das Ostras se inseria no momento em que surgiu o projeto de um Festival de Jazz & Blues, em 2002.

---

<sup>31</sup>SABINO, Alcebiades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

<sup>32</sup> Tradução da autora. Do original: “attracting tourists (and, of course, their spending) from outside the region. [...] This being the case, much of the benefit to the host economy comes from the impact on reconciling cost–benefit and economic impact assessment for event tourism”

#### 1.4 O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras

O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras atualmente é o evento de maior importância para o turismo no município. Tão grande sua dimensão, o festival entrou para o calendário oficial de eventos do Rio de Janeiro em 2010<sup>33</sup>. Atualmente, o evento é um dos maiores festivais de Jazz & Blues da América Latina, atraindo em 2015 uma média de 120 mil pessoas anualmente para assistirem a performances realizadas em quatro palcos ao longo da cidade e aproveitarem estruturas de comércio, principalmente no setor alimentício, construídas especialmente para o evento (FGV, 2015).

Até 2014, o evento foi realizado pela Azul Produções e a Prefeitura Municipal de Rio das Ostras, por meio da Secretaria de Turismo, e patrocinado pela Lei de Incentivo da Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro; além de ter contado com o apoio de alguns patrocinadores ao longo de suas treze edições, em destaque a V&M Brasil e a Caixa Econômica Federal. Na edição de 2015, o evento perdeu o apoio financeiro da prefeitura local e contou apenas com três patrocinadores e onze apoiadores para o seu financiamento, sendo anunciado como “100% Financiada pela Iniciativa Privada”. Em 2016, o evento voltou a ser financiado pela prefeitura, com estrutura e programação reduzida, devida a redução da verba direcionada a cultura na cidade – reflexo da crise do petróleo de 2015.

De acordo com pesquisa de perfil do turismo realizada durante o Festival de 2011, 70,9% do público presente no evento possuía nível superior e 79,1% do público tinha renda familiar acima de R\$ 1.801,00 (TCE-RJ, 2003). Já o Relatório de Demandas de Turismo de 2014 evidencia uma queda para apenas 48,6% dos presentes no festival declarando escolaridade de nível superior – possivelmente aqueles próprios moradores da cidade que passaram a frequentar o evento com mais assiduidade ao longo dos anos.

Ainda assim, dos que vieram de outras cidades, a maioria consumidores do festival chegou a Rio das Ostras de carro próprio e ficou hospedado em pousadas durante sua estadia para o evento. Percebe-se então que o evento pode ser considerado de grande importância econômica para a cidade, visto que os turistas que atraem fazem

---

<sup>33</sup> Informações disponibilizadas no site oficial do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Disponível em: < <http://www.riodasostrasjazzblues.com/joomla/index.php>>. Acesso em 15 de janeiro de 2017;

parte do perfil ideal de visitantes almeçados pelo município. Tais visitantes são aqueles de alto poder aquisitivo, que em muito se contrastam aos que costumam frequentar a cidade no período de alta temporada (dezembro e janeiro).

O festival configura-se como um sucesso quando analisado em relação ao seu objetivo de criação. Afinal, foi exatamente do desejo de atrair esse turismo de alto poder aquisitivo para a cidade que surgiu a possibilidade da criação do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras em 2002. Ele veio após o bem sucedido Festival de Instrumental de Rio das Ostras, que ocorreu na cidade a partir de 2000, em atividades mensais. O evento, assim como o festival de jazz, foi uma iniciativa do então secretário de turismo (mandato de 1997 a 2004), Gilberto Menezes.

Menezes afirma:

Eu sempre busquei através desses eventos musicais qualificar o nosso visitante. A gente não tem uma cidade preparada para um turismo de massa. A gente não tem estrutura de serviço que suporte um turismo de massa. Então a gente tinha qualificar um turismo<sup>34</sup>

O ex-secretário mudou para Rio das Ostras na década de 90, depois de passar uma longa temporada no Rio de Janeiro, onde percebeu os efeitos de festivais que tocavam jazz & blues, entre outros gêneros instrumentais - como o *Free Jazz Festival* e *Tim Festival* – na hora de atrair um público consumidor qualificado para a região de Santa Teresa, na qual residia.

A história do festival então começa em 2000, quando Menezes buscou o produtor Stenio Mattos – que na época realizava eventos de instrumental em parceria com o SESC-SP, em São Paulo (SP) - e propôs a ele a possibilidade de produzir um projeto de música instrumental em Rio das Ostras. Gilberto Menezes relata a necessidade de uma produção mais qualificada para eventos de maior porte:

A prefeitura era muito pobre no início do mandato do Sabino. Você cria, você pensa, mas para executar precisa ter ferramenta. O primeiro mandato foi em 1997, aí no final em 99 ou 2000 na inscrição instrumental Rio das Ostras. Na época amigos em comum disseram que tinha Stênio que conhecia bastante coisa e fazia muito evento para o SESC. Até ali, quem fazia a produção do evento era o pessoal da secretaria. A gente criava a formatação do palco, eles que amarravam, subiam 10 metros para amarrar as coisas.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup>MENEZES, Gilberto. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

<sup>35</sup>MENEZES, Gilberto. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

De acordo com Edmilson Oliveira, comunicólogo e assessor da secretaria de turismo de Rio das Ostras, a prefeitura havia ainda observado o sucesso da música instrumental que acontecia ocasionalmente no Pátio Cultural de Cabo Frio – cidade que se localiza a aproximadamente 50 km de Rio das Ostras -, e visou o gênero como um atrativo para um turismo diferenciado em alta temporada no município.

Relata Stênio Mattos:

Aí eu fiz: a ideia era palco na praia e de graça, no qual eu levaria uns músicos legais da cena instrumental brasileira. Um mês depois eu entreguei para ele o projeto pronto, achando que não ia dar em nada. Três meses depois ele me liga avisando que o projeto foi aprovado. No começo foi bem “mambene”, um palco com uma estrutura de merda... mas mesmo ali já conseguimos trazer uma galera.<sup>36</sup>

O evento foi realizado em período de alta temporada, na praia da Costazul, e de acordo com Edmilson Oliveira, em sua primeira edição atraiu por volta de 500 pessoas - a maioria passantes que já estavam na cidade para veraneio. Ainda assim, a Secretaria de Turismo resolveu tornar o evento mensal – durante o segundo sábado de cada mês -, além disso o evento passou a contar com *workshops* ministrados pelas próprias atrações do festival. Assim, lentamente começou a perceber-se um público diferenciado se formando em torno das atrações.

De acordo com Oliveira:

A partir daí começou-se a notar a diferença do público que frequentava esse evento. Era um público, olhando pelo lado do turismo, de interesse direto. (...) Um público que tinha uma capacidade de gasto interessante para o município. Olhando pelo lado do turismo, você tem que ter menor número e maior gasto, né? Pra que não seja um turismo predatório.<sup>37</sup>

A Secretária de Turismo atual, Carla Ennes, que em 2000 era estatuária da Secretaria de Turismo de Rio das Ostras, relatou ainda a primeira reação do público de moradores da cidade em relação ao evento:

As pessoas tinham essa noção de que “Ah, as pessoas não gostam de música instrumental aqui”, mas na verdade as pessoas não conheciam e não tinham acesso, ainda mais no interior. Com o tempo, a gente foi vendo o público crescer e aí veio a ideia de então apostarmos em um Festival.<sup>38</sup>

Dois anos depois do estabelecimento do Rio das Ostras Instrumental, Stênio Mattos propôs que se viabilizasse a ideia de realizar um Festival de Jazz & Blues na

<sup>36</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014

<sup>37</sup>OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014

<sup>38</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015

cidade. O prefeito à época – e atual prefeito da cidade em 2016 –, Alcebíades Sabino, aprovou o investimento no evento desde que realizado em alta temporada. “Porque já estaria lotada a cidade no verão, aí a gente sabia que ia alguém lá, nem que passasse por lá, visse acontecendo... pelo menos ia ter algum público”, contou Stenio Mattos<sup>39</sup>. A estrutura inicial era pouco maior que a do evento de instrumental, contanto com *trailers* e um sistema de som razoavelmente superior.

Gilberto Menezes ainda enfatiza o turismo da cidade vizinha, Búzios, como um objetivo da prefeitura de Rio das Ostras:

A gente tá numa região que tem Búzios como a princesinha da região. Ali naturalmente se recebia um turismo de muita qualidade. Então quando nós criamos o Festival de Jazz no feriado no Rio [Rio de Janeiro] que era dia 20 de janeiro. Era para atrair essas pessoas que estavam na região para virem até aqui com atrativo muito legal. E isso funcionou.<sup>40</sup>

O 1º Rio das Ostras Jazz & Blues Festival então ocorreu com as apresentações de bandas Nuno Mindelis, Blues Étílicos, Baseado em Blues, Yamandú Costa e Kenny Brown. Os palcos onde o evento iria acontecer foram estabelecidos a partir dos locais para os quais a secretaria queria atrair os turistas. De acordo com os entrevistados, inicialmente havia um palco no Mar do Norte – praia afastada da região central de Rio das Ostras e por isso pouco frequentada pelos turistas da região. Assim, foram quatro palcos inicialmente: o Mar do Norte, a Lagoa do Iriry, a Praia da Tartaruga e na Praia da Costazul – atualmente há um espaço de eventos, mas na época as atrações se apresentavam nas areais da praia.

Edmilson e Menezes corroboram que o palco no Mar do Norte visava atrair o turista novo na cidade para a região. Já na Lagoa do Iriry já existia um anfiteatro construído que poderia baratear os custos estruturais para o evento. Na Praia da Tartaruga a ideia era se aproveitar da geografia atípica da Pedra da Tartaruga, que avança alguns metros em direção ao mar, e fazer dela um palco natural; além de aproveitar o pôr do sol para promover um diferencial no *marketing* para o evento. Porém, pela estrutura depender em boa parte das condições climáticas – uma ressaca marítima muito forte pode derrubar o palco -, muitas vezes as apresentações nesse palco acabam sendo realocadas para o palco da Concha Acústica. A última apresentação no palco da Praia da Tartaruga aconteceu em 2014.

---

<sup>39</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014

<sup>40</sup>MENEZES, Gilberto. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016



**Figura 7** - Palco da Tartaruga, agosto de 2014.

**Fonte:** Acervo da autora

Carla Ennes conta que a partir do sucesso razoável da primeira edição surgiu o questionamento em relação ao número de pessoas que participaram do evento apenas por este estar acontecendo na cidade em um período de alta temporada e quantas tinham ido para a cidade naquele período exatamente por razão do festival. Foi quando contratou-se uma pesquisa de demanda para a Fundação Getúlio Vargas que constatou que mais de 50% dos turistas presentes na cidade estavam ali também por causa do Festival de Jazz & Blues. A partir deste dado, a Secretaria de Turismo conta que começou-se a considerar a possibilidade de trazer o evento para a baixa temporada<sup>41</sup>.

Em 2003, o 2º Rio das Ostras Jazz & Blues teve performances de bandas internacionais como Stanley Jordan, Jane Monheit e Big Time Sarah; além de alguns brasileiros. Nesta edição especialmente, o festival contava com um palco na Praia do Cemitério, próximo do local aonde se estabeleceria a Concha Acústica. O prefeito Alcebíades Sabino conta que inicialmente houve rejeição por parte da população em relação ao evento:

Em um primeiro momento a cidade estava muito acostumada com um tipo de produção, um tipo de evento, um tipo de música. Quando nós apresentamos a proposta do Festival de Jazz, gerou-se muita dúvida se essa proposta seria capaz de trazer retorno financeiro para a cidade. Eu ainda pude fazer as duas primeiras realizações, e então houve mudança de governo. No terceiro ano do festival, o evento foi profundamente ameaçado e aí a nova gestão entendeu que não deveria prosseguir com festival. Houve uma militância muito grande na cidade para fazer uma pressão sobre a nova administração para não desistir do festival. Ainda bem que isso ocorreu, o festival vem a cada ano se firmando. [...] Na medida que festival gerou

<sup>41</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

renda, emprego, aqueceu a economia da cidade, hoje há pressão para realização do festival de jazz por parte da sociedade para a prefeitura.<sup>42</sup>

Já em sua terceira edição, em 2004, mesmo em meio a instabilidade e possível cancelamento, o evento teve seu maior número de artistas internacionais até aquele momento, entre eles Magic Slim, John Scofield, Mike Stern, Richard Bona, Eddie C. Campbell, Nenna Freelon e Kenny Garrett; além de nomes brasileiros como Celso Blues Boy, Big Joe Manfra, Jefferson Gonçalves e Sérgio Duarte<sup>43</sup>. Foi também em 2005 que se inaugurou a Cidade do Jazz. O espaço construído próximo ao palco da Costazul contava com comércio local, circuito gastronômico e telão lateral para a exibição das apresentações que aconteciam no palco principal. De acordo com o site oficial do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, 12 mil consumidores compareceram ao evento naquele ano.



**Figura 8** – Pôr do sol no Palco da Tartaruga, em 2004

**Fonte:** Fotógrafo oficial do evento - Jorge Ronald

---

<sup>42</sup>SABINO, Alcebiades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

<sup>43</sup>Informações disponibilizadas no sítio oficial do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Disponível em: < <http://www.riodasostrasjazzblues.com/joomla/index.php>>. Acesso em 15 de julho de 2016.



**Figura 9** – Músico toca com consumidores na Praia da Costazul, em 2004

**Fonte:** Fotografia oficial do evento - Jorge Ronald

De acordo com Mattos:

O primeiro, em 2002, foi legal, deu umas 500 pessoas. Logicamente que a metade de pessoas que estavam... não, provavelmente todo mundo que estava lá, já estava na cidade. Mas teve o segundo, que também ficou nessa média. E nesses dois anos eu pensando que aquilo era uma coisa que tinha que fazer, mas criando uma alternativa para a cidade, não vou ficar sempre fazendo verão porque isso já tenho - a cidade quer outras coisas. Foi só no terceiro ano que nós arriscamos, mudamos para o feriado de Corpus Christi e aí começou...<sup>44</sup>

A mudança foi efetiva. A 4ª edição do Rio das Ostras Jazz & Blues apresentou, além dos *shows* nos palcos principais, a Dixie Square Jazz Band, que correu diversos do município, tocando instrumentais do jazz de Nova Orleans (EUA). Na 5ª edição do evento, foi a primeira vez que vieram grandes nomes do Jazz & Blues internacional, como Roben Ford e Roy Rogers.

<sup>44</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.



**Figura 10** – Palco na Praia da Costa Azul, em 2006

**Fonte:** Fotógrafo oficial do evento – Jorge Ronald



**Figura 6** – Show no centro da cidade, em 2006

**Fonte:** Fotógrafo oficial do evento – Jorge Ronald

A vinda do evento para um período de inverno também causou uma alteração em seu esquema de palcos. O Mar do Norte, região de forte ressaca marítima no inverno foi substituído pelo palco da Concha Acústica no centro da cidade. De acordo com Oliveira, o local foi escolhido por estar abandonado a muito tempo e em necessidade de restauração. “E a Concha é mais central, né? Todo mundo tem acesso com mais facilidade”, explicou o assessor<sup>45</sup>.



**Figura 7** - Concha Acústica, junho de 2015.

**Fonte:** Acervo da autora.



**Figura 8** - Concha Acústica, agosto de 2015 (durante o Festival de Jazz & Blues).

**Fonte:** Acervo da autora.

De acordo com estudos de turismo cultural, o impacto econômico que o incentivo a cultura tem em uma cidade “não é só uma consequência no planejamento cultural e gasto do visitante, mas também percebido no esforço de investimento em equipamentos e construções da cidade” (HERRERO, SANZ, DEVESA, BEDATE & BARRIO, 2002; p. 14). Ou seja, percebe-se na Concha Acústica um exemplo de clara modificação e desenvolvimento espacial na cidade de Rio das Ostras a partir das necessidades estruturais do festival.

A partir dessa mudança no planejamento de palcos, o festival permaneceu razoavelmente estável até 2014. O evento passou por governos diferentes, um elemento atípico em cidades do interior, mas sempre reconhecido em sua relevância para a economia do município o suficiente para não ser desconsiderado.

<sup>45</sup>OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014.

Em sua 6ª edição, o prefeito de Rio das Ostras à época, Carlos Augusto Balthasar, declarou que a Prefeitura arcava com metade do financiamento do projeto, cerca de R\$ 600 mil – mas que a cada ano o investimento no evento por parte da prefeitura diminuía. Ainda assim, Balthasar reconheceu o intenso público que presenciava o evento e afirmou que de qualquer maneira que fosse possível, a prefeitura estaria sempre apoiando o Festival de alguma maneira<sup>46</sup>. Tal declaração se torna importante quando considerado que sete anos depois, o evento passou a ser financiado em sua significativa maioria pela iniciativa privada – a prefeitura da cidade oferecendo apenas Apoio.



**Figura 9** - Palco da Costazul, agosto de 2015.

**Fonte:** Acervo da autora.

De acordo com o assessor Edmilson Oliveira, embora o evento tenha passado por dificuldade de arrecadação ao longo dos anos, nunca se considerou passar a cobrar entrada. Ele explicou:

A gente tá indo por outra linha, a gente está tentando cada vez mais novos patrocinadores, que diminua o custo para a prefeitura. Ou, que não seja diminuir o custo, mas que melhore a qualidade do festival, com mais dinheiro você tem condições de fazer coisa melhor. E na verdade a gente acreditava que o empresário local pudesse investir... no início, nos primeiros festivais, aconteciam as *jam sessions*. Alguns restaurantes interessados tinham a possibilidade de terem artistas do palco, tocando no seu estabelecimento. Só que o empresário não levou isso muito adiante. Não acreditava muito que os custos valiam a pena...<sup>47</sup>

Em sua 8ª edição, em 2010, o festival possibilitou a apresentação de talentos do Jazz & Blues nacional, em um palco montado na Praça de São Pedro, no centro de Rio das Ostras. A mesma edição foi marcada pela intensa chuva que assolou o evento

<sup>46</sup> O GLOBO. Página Oficial. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/apesar-da-chuva-rio-das-ostras-jazz-blues-festival-atraiu-40-mil-pessoas-2998266#ixzz4D28XleA9>>. Acesso em 15/06/2016. Publicado em 07/06/2010.

<sup>47</sup> OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014.

durante todo o final de semana de sua duração. De acordo com Stenio Mattos, foi a primeira vez que se percebeu a estabilidade do evento como atração cultural na cidade. Ele conta:

Cara, foram uns 5 dias de chuva sem parar, mas o festival aconteceu, não teve desistência. Eu falei logo: vão cancelar as reservas... quem é que vai vir pra show na chuva? Mas o pessoal de pousada me mantém em um feedback, né? E ninguém cancelou reserva. Veio todo mundo. E o festival dava uns intervalos, parava a chuva era muito engraçado, o balé dos guarda-chuvas... começava a chover era fantástico, todo mundo abria o guarda-chuva, aí parava, todo mundo fechava. Mas o chão virou um *woodstock*, um lamaçal. Aí eu pensei, não dá mais...<sup>48</sup>



**Figura 10** – Palco da Costazul, a Cidade do Jazz, em 2010

**Fonte:** Fotografia oficial do evento – Jorge Ronald



**Figura 11** – Palco da Lagoa do Iriry, em 2010

**Fonte:** Fotografia oficial do evento – Jorge Ronald

<sup>48</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.



**Figura 12** – Palco da Concha Acústica, em 2011

**Fonte:** Fotografia oficial do evento – Jorge Ronald

Assim, em sua décima edição, o evento passou a contar com um tablado impermeável no Palco da Costazul, além de lonas de cobertura para a praça de alimentação. Foi também o primeiro ano que se instalou cadeiras nas sessões mais próximas aos palcos, com a aplicação de rampas para deficientes. De acordo com Mattos, a ideia era também pensar no público idoso que comparecia ao evento, mas não aguentava ficar em pé até o final e acabava saindo cedo. Ainda estruturalmente, o espaço ganhou estacionamento para *mortorhomes* e bicicletários. Naquele ano, o evento foi assistido por uma média de 15 mil pessoas por dia, e ainda transmitido em tempo real pela *web*, no Portal da Prefeitura de Rio das Ostras e acessado em cerca de 40 países – o maior número de acessos vindos dos Estados Unidos<sup>49</sup>.

Sobre a decisão de colocar cadeiras próximas ao palco principal, Mattos ainda explicou:

Era muito menor [o número de cadeiras]. Nós tínhamos mais espaço então era tranquilo. Tinha muito aquela coisa de nego vir com as cadeirinhas de praia e fazia mesmo ali, tipo, família, fica tudo em volta, com um isoporzinho de gelo. Só que aí foi enchendo, enchendo, enchendo e foi perdendo o espaço... aí pensei, precisa aumentar o número de cadeiras, porque apesar de ter muito jovem hoje em dia, tem

<sup>49</sup> Informações disponibilizadas no sítio oficial do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Disponível em: < <http://www.riodasostrasjazzblues.com/joomla/index.php>>. Acesso em 15 de julho de 2016;

que prezar pelo público mais velho também. Então cada vez eu aumento mais... antes eram 700 cadeiras, agora são 2000. E vou botar mais.<sup>50</sup>



**Figura 13** – Palco da Costazul, em 2012

**Fonte:** Fotógrafo oficial do evento – Jorge Ronald



**Figura 14** – Palco da Concha Acústica, em 2013

**Fonte:** Fotógrafo oficial do evento – Jorge Ronald

Em sua última alteração notável, o evento mudou de data novamente em 2014, passando do feriado de Corpus Christi, em junho, para dois finais de semana em agosto. Oliveira explicou que a alteração se deu por razão da Copa do Mundo de Futebol da FIFA, que aconteceu em junho de 2014<sup>51</sup>, mas acabou por mostrar-se satisfatória. De acordo com a Secretária de Turismo de Rio das Ostras, a data

<sup>50</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.

<sup>51</sup>OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014.

intercalada por uma semana deu aos turistas a oportunidade de ficar na cidade por mais tempo, muitos escolhendo emendar os dias do festival<sup>52</sup>. Uma nova alteração de data está prevista para este ano (2016), visto que no período de agosto de darão os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro – a data provisória é de 8 a 11 de setembro<sup>53</sup>.

Atualmente o Festival de Jazz & Blues conta com os palcos da Praia da Tartaruga, Costazul, Lagoa do Iriry e Concha Acústica. A estrutura da Costazul atrai o maior número de consumidores, além de ser onde as atrações principais do evento se apresentam. O palco conta com piso sintético, lonas de proteção, espaço de entretenimento – onde são instaladas cabines de fotos e estátuas decorativas do evento -, e um extensa área de comércio na qual se instalam comerciantes de diversos setores (gastronômicos, artesanais, vestuário, entre outros). Esse comércio é formado apenas por vendedores locais, que se inscrevem com antecedência na Prefeitura de Rio das Ostras.

De acordo com Carla Ennes:

A gente procura abrir os espaços do evento para os comerciantes da cidade. Tem vários segmentos que se beneficiam com o festival. O segmento dos restaurantes se inscreve e a gente seleciona, e um dos requisitos é que o espaço tenha um alvará de Rio de Ostras. Um outro segmento que a gente procura beneficiar os artesãos e a parte de renda alternativa, mas todos do município de Rio das Ostras. A gente não abre para fora.<sup>54</sup>



**Figura 15** - Estrutura de banheiro químico no palco da Costazul, agosto de 2015.

**Fonte:** Acervo da autora.

<sup>52</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

<sup>53</sup>Informações disponibilizadas no sítio oficial do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Disponível em: < <http://www.riodasostrasjazzblues.com/joomla/index.php>>. Acesso em 10 de dezembro de 2016.

<sup>54</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015..



**Figura 16** - Vendedor licenciado pela prefeitura no palco da Costazul, agosto de 2015.

**Fonte:** Acervo da autora.

Um argumento para a popularidade do evento é o crescimento do público apreciador do Jazz & Blues no estado no Rio de Janeiro que vem sendo notado nas últimas décadas, fenômeno que causou surpresa para a mídia e cenas musicais do país (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014). Talvez seja difícil aplicar tal crescimento em uma cidade interiorana como Rio das Ostras, porém a influência carioca na cidade aumentou notavelmente desde o início dos trabalhos na Bacia de Campos (Macaé – RJ) e a incidência de moradores vindos do Rio de Janeiro para a cidade em prol de trabalhar nas plataformas petrolíferas<sup>55</sup>.

Além do crescimento da popularidade do Jazz & Blues, o próprio formato do festival é algo que parece estar atraindo cada vez mais consumidores. De acordo com Herschmann (2010):

nos últimos anos, é possível constatar o crescimento dos rendimentos com concertos ao vivo. Mesmo com o mundo vivendo um período marcado pela crise econômica, o mercado de shows musicais apresentou um crescimento de 10% em 2008, movimentando cerca de US\$ 25 bilhões, entre venda de ingressos, publicidade e direitos de imagem (HERSCHMANN, 2010; p. 159).

No Brasil, esse mercado de festivais e concerto ao vivo tem se expandido cada vez mais. A Associação Brasileira dos Produtores de Festivais de Música Instrumental, Jazz & Blues (Abrafest) foi criada em 2010, com Stênio Mattos (produtor do Festival de Jazz e Blues de Rio das Ostras) eleito presidente, e conta com mais de 16 festivais

---

<sup>55</sup>Dados disponibilizados pelo sítio oficial do Programa Cidades Sustentáveis. Disponível em: <<http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio-das-ostras/dependencia-de-transferencia-de-recursos>>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

nacionais representados, sendo apenas a primeira das muitas associações que vem surgindo para explorar esse novo cenário de música ao vivo<sup>56</sup>.

Assim, percebe-se que o festival de Rio das Ostras surge como um pioneiro – sua criação foi em 2003, o registro de aumento de concertos ao vivo no Brasil data de 2008 – de um movimento que já estava em andamento no país. Dessa maneira, a popularização do evento se encontra dentro de um contexto no qual “se vivencia uma totalização dos mercados econômicos e simbólicos transnacionais” (CANCLINI, 2009 apud. HERSCHMANN, 2010; p.153).

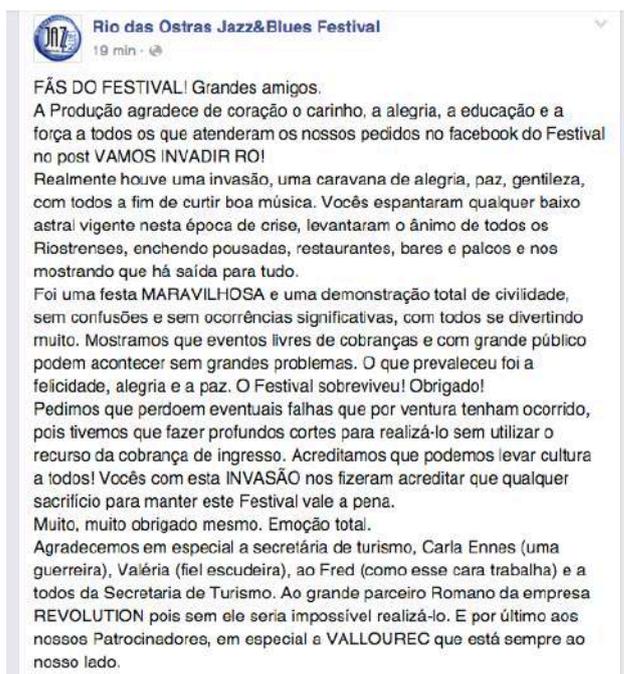
O festival então vem se consolidando como grande motor econômico na cidade de Rio das Ostras. Em 2014, o evento possibilitou a injeção de cerca de R\$ 11 milhões na economia do município, em cinco dias, segundo pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Turismo, novamente em parceria com a FGV. A mídia espontânea gerou um retorno para a cidade de cerca de R\$ 3 milhões, comprovada pelo interesse e credenciamento de 80 jornalistas da mídia impressa e eletrônica. Consequentemente, possibilitou a geração de emprego e renda e o incremento da economia no município. Em 2013, o valor de fluxo econômico na região foi de R\$ 9 milhões (FGV, 2013).

Porém, mesmo com dados tão favoráveis, desde a queda radical de recursos providos dos *royalties* da Bacia de Campos, o evento vem encontrando dificuldade na obtenção de recursos para sua realização. Em 2015, a data de realização do festival só foi divulgada dois meses antes de seu acontecimento. Por muito tempo manteve-se na cidade um burburinho de que havia a possibilidade do evento não acontecer por falta de verba.

O evento acabou por ser realizado e sua qualidade não deixou a desejar. Porém, ao fim do último show, o produtor Stenio Matos dirigiu um discurso emocionado a plateia presente, agradecendo pela participação no evento e elevando as figuras que tornaram possível o seu acontecimento. A fala do produtor mais tarde foi divulgado na *fanpage* oficial do evento, na rede social Facebook, como pode ser observado na Figura 8. Mais sobre as dificuldades da edição de 2015 serão abordadas no capítulo dois.

---

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://abrafest.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10/06/2016.



**Figura 17** - Post gerado na fanpage oficial do evento.

Fonte: Fanpage Oficial Rio das Ostras Festival de Jazz & Blues.  
Disponível em:  
<<https://www.facebook.com/Rio-das-Ostras-JazzBlues-Festival/>>.  
Acesso em 20 de agosto de 2015.

Um outro aspecto que poderia vir a justificar o sucesso do evento, vem de sua capacidade de expor um desejo do riostrense. O festival hoje é mantido a partir da vontade do público de ter uma festividade aberta e acessível que os permitem interagir com pessoas que normalmente não habitam o mesmo espaço. Por parte da prefeitura, manter o evento seria uma nova forma de contabilizar o capital, mas também controlando “os investimentos de desejo. (...) nossos investimentos de desejo são ainda mais facilmente dirigidos nessa situação em que acreditamos que a vigilância ocorre para nossa vantagem” (CAIAFA, 2011; p. 142). Assim, o estado controla o ir e vir do cidadão riostrense na época do festival, mas o faz a partir do desejo próprio deste, dando a tal a impressão de estar em controle de seu próprio espaço e o permitindo extrapolar as barreiras sociais que antes lhe limitavam.

De acordo com Carla Ennes:

A população comparece... no decorrer dos anos até pessoas que não eram daquele meio do Jazz e do Blues, que não frequentavam aquela parte da cidade [Costazul], tinham um gosto mais popular... e muitos deles vão ver o que é. Até porque é gratuito. E muitos gostam e aí levam a família e tal. Os jovens parece que vão por causa do movimento e de qualquer forma escutam e aí vão passando a gostar, aí no outro já vão pelo evento mesmo<sup>57</sup>.

<sup>57</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

Ou seja, dentro dos acontecimentos que vem ocorrendo há treze anos na cidade, nota-se um fator em potencial: essa gratuidade e acessibilidade geográfica do evento promove algo mais além de uma presença riostrense em seu espaço, promove a presença de *qualquer* riostrense, sendo cobrado deste apenas seu próprio desejo de participação. Ainda pode ser levada em consideração essa parcela jovem da população, que começa a estar presente em ambientes que seus pais não tiveram a oportunidade ou o costume de frequentar e que tem seus horizontes expandidos a partir do momento que passam a conhecer um novo modelo de entretenimento. A secretária de turismo apontou:

De uns tempos para cá o povo da cidade começou a querer participar também. Acho que muito vem da instalação também da Universidade Federal Fluminense (UFF), do curso de produção cultural. A gente viu que quando veio o curso de produção cultural, o público do festival, ele ficou mais jovem.<sup>58</sup>

Stênio Mattos também notou a transição:

Até a quinta edição foi aquela média que é do Jazz, um público de 40 anos, 50, 75... uns gato pingado de 20, esses *nerds*. De quatro anos para cá, mudou. Já é assim, posso dizer que 60% é de jovens. Então, é o que a gente queria, uma formação de público total pra esse gênero.<sup>59</sup>

Ou seja, vivemos em uma época que nos permite explorar o além de barreiras sociais previamente delimitadas. A população jovem de Rio das Ostras – grandes frequentadores do Festival de Jazz & Blues – partem de uma geração que está em constante incitação para inovar. Eles buscam expressar suas opiniões em constância, e exploram as redes para ultrapassarem limites tecno-sociais rotineiramente. A única coisa necessária para acender essa chama, é uma fagulha.

De acordo com Yúdice (2005), em sociedade, a cultura pode ser essa fagulha. A cultura “proporciona não somente uma melhoria ideológica, segundo a qual as pessoas seriam avaliadas em termos de valor humano, mas também uma inscrição material nas formas de comportamento” (YÚDICE, 2005; p. 26). Assim, nota-se a possibilidade de que a partir do momento que os moradores de Rio das Ostras se incluem em espaços que anteriormente – ou fora da época do festival – encontram-se fragmentados, uma mudança de cultura começa a se estabelecer lentamente e que tal mudança pode acarretar em uma mudança social na cidade.

---

<sup>58</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

<sup>59</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.

Nos períodos pelos quais perduram o Festival de Jazz & Blues, a diferença social tão evidente na ocupação de espaços de Rio das Ostras parece se anuviar ou até desaparecer. A população comparece em peso e – como averiguado por meio de entrevistas e pelo Relatório de Turismo (2014) disponibilizado pela Secretaria de Turismo de Rio das Ostras – não há como determinar com certeza qual a classe financeira predominante durante o evento. A questão é que qualquer morador pode pegar um transporte público até o locais de *show* (estes de quantidade duplicada na época do evento) e esta é a única taxa a qual irá precisar considerar.

Ou seja, essa interação riostrense pode ser chave para o sucesso do Festival de Jazz & Blues. A presença do público local, em direto contato com os turistas, além de realização de trocas entre pessoas que em outras situações não conviveriam, são alguns dos aspectos que formam a cena musical de Rio das Ostras. E pensando as interações sociais como algo tão relevante diretamente na prática, percebe-se as mudanças que tais podem acarretar.

De acordo com Santos (2008), as relações de proximidade são “garantia de comunicação entre os participantes” (SANTOS, 2008; p. 324). Assim a interação de diversas classes sociais em compartilhamento do mesmo espaço revela a possibilidade de maior entrelaçamento social entre estes. Também, a partir da presença de setores da população local em espaços antes não frequentados por qualquer um, ou simplesmente abandonados, a prefeitura de Rio das Ostras passa a encontrar novas possibilidades de investimentos espacial.

Edmilson Oliveira explicou que os investimentos realizados em locais como a Concha Acústica e a Praia da Tartaruga estão diretamente relacionados com as possibilidades que os palcos do Festival de Jazz & Blues revelaram nessas localidades.

Afirma Oliveira:

Se as pessoas dos bairros mais ricos frequentam quando tem *show*, então porque eles não frequentariam em outros momentos? É uma questão de colocar mais carrinho de pipoca e limpar as arquibancadas? Então a gente faz isso, né? <sup>60</sup>

---

<sup>60</sup>OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014.

Assim, lentamente parece que os limites territoriais que marcam o centro da cidade vão se anuviando. De acordo com Fernandes (2011):

o nomadismo atual permite-nos ampliar nosso espectro de interação cotidiana no momento em que nos deslocamos entre territórios simbólicos, linguísticos e de diferentes formas de vida sociocultural. Igualmente, os limites territoriais, no sentido sócio-antropológico, são redefinidos conforme as relações e interações vão ocorrendo no cotidiano vivido (FERNANDES, 2011; p. 268).

Ou seja, o riostrense pode até não fazê-lo com tal intenção, mas ao passar a transitar em ambientes não previamente designado para sua classe social, pode estar tornando territórios em espaços reconfigurados, tornando-os ambientes de livre acesso, ou pelo menos de acesso menos limitado.

É claro que tal processo não necessariamente ocorre após o fim do evento, talvez no fim seja realmente um fenômeno isolado, o riostrense apenas frequenta espaços fora de sua zona de conforto quando tais estão em promoção de eventos. Porém, considerando que o convívio social parece se definir “simplesmente pela massa dos indivíduos que (a/o) compõem, pelo solo que ocupa, (...) pelos movimentos que realiza, mas, antes de tudo, pela ideia que faz de si mesm(a/o)” (DURKHEIM apud SARTI, 1998; p. 05), talvez apenas essa uma semana de convívio ilimitado seja suficiente para modificar, ainda que lentamente, a ideia que o indivíduo faz de seu lugar definido no território urbano – e por si só, tal processo já é digno de investigação.

Em um outro ponto, essa transição de núcleos sociais por espaços diversificados acaba por movimentar o comércio local de tais ambientes. De acordo com Yúdice (2005), “a cultura pela cultura, seja lá o que isso represente, nunca receberá fomentos a não ser que possa oferecer uma forma indireta de retorno” (YÚDICE, 2005; p. 32); assim, ao levar a ambientes anteriormente abandonados por determinados setores sociais um novo impulso de comercialização, o festival – ainda que gratuito – comprova sua propensão ao retorno financeiro e como um evento em contexto de incentivo à cultura como base econômica.

## **CAPÍTULO 02 - Festivais de Jazz & Blues 2015 e 2016**

Durante o período de março de 2015 a janeiro de 2017 foi realizada pela autora extensa pesquisa de campo em Rio das Ostras. Ao longo do processo muitas das estratégias anteriormente assumidas foram alteradas em consequência de características da cidade e seus atores. Algumas entrevistas que se dariam inicialmente foram abandonadas por serem julgadas irrelevantes ao objeto em estudo e diversos atores que antes não haviam sido considerados importantes em planejamento se revelaram figuras centrais no processo de análise do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras.

Porém, ainda que essas alterações tenham tomado parte durante o estudo, uma estratégia que não mudou desde o início do planejamento da pesquisa foi a intenção da autora de acompanhar presencialmente as duas edições do festival que se dariam durante o período de realização do estudo aqui abordado. Tais edições se configuram como, respectivamente, o 13º e 14º Rio das Ostras Festival Internacional de Jazz & Blues.

Importante apontar que os dois eventos aconteceram em cenários econômicos muito diferentes entre si. O Festival de 2015 (13º) foi realizado em um período conturbado no qual a prefeitura de Rio das Ostras começava a tentar se reestruturar após a crise na Bacia de Campos da Petrobrás em 2014. Ainda muitos trabalhadores da bacia moravam na região dos lagos e, por isso, a população da cidade se configurava em tal contexto. Além disso, a crise no país se mostrava ainda em primeiros passos e por isso a incidência de turistas na cidade era mais evidente e esperada. Em resumo, existia por parte das autoridades de Rio das Ostras uma confiança maior na realização do evento, e o impacto que este poderia ter na configuração socioeconômica da cidade se mostrava mais previsível.

O evento de 2016 já surge em um novo contexto, no qual as prefeituras do estado do Rio de Janeiro se encontravam em período de poupar investimentos de risco, muitas tomando como primeira estratégia o corte no financiamento de atividades culturais. Ainda, da mesma forma que o governo se vê em necessidade de diminuir riscos econômicos, o setor privado não se encontra em melhor situação, muitas empresas fechando, se reestruturando e repensando estratégias de apoio. Em Rio das Ostras, mostrou-se notável a mudança no comércio local, muitos novos negócios abrindo ou se reinventando, mas em maior parte, muitas portas fechadas. Em

outro contexto, a cidade pareceu ter uma juventude que começava a se formar em cursos superiores relacionados ao setor criativo e que lentamente tomava a cidade em atividades de cunho cultural, que em muito se assemelhavam às observadas em outras cidades da região, principalmente a capital do estado, Rio de Janeiro.

Assim, percebe-se que no intuito de se observar com clareza as dinâmicas que se deram durante as duas edições do festival em Rio das Ostras, a autora se viu na posição de imergir no cenário social e cultural da cidade, observando comportamentos de seus atores a fim de descobrir quais se mostravam em evidência quando relacionados ao objeto de estudo e como as ações de ocorrência em setores sociais se ramificaram a ponto de atingir o Festival de Jazz & Blues daquele ano.

Foram observados trâmites governamentais e econômicos – que serão melhor explorados no Capítulo 4 -, além da maneira como o setor hoteleiro e comercial se mostrou envolvido com os eventos. Também será avaliada a relação da população local com o evento e com o gênero do Jazz & Blues – por suas vez, esse estudo que será aprofundado no Capítulo 3. Essas análises serão ilustradas nesse trabalho a partir de depoimentos de atores representantes de tais grupos em análise, sendo estes entrevistados em uso de metodologia de história oral, a qual:

Dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história, à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo” (*Geschichte von unten*, *Geschichte von innen*), atenta às maneiras de ver e de sentir e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”. (FRANÇOIS apud. FERREIRA & AMADO, 1998; p. 04)

Importante ressaltar que tais “excluídos” supracitados estão representados pelos atores e consumidores do jazz durante o evento. Mas ainda assim também será considerada a opinião das autoridades locais, como prefeitura e produção. Ainda assim, a autora considerou de extrema importância ouvir a opinião da população de consumidores, locais e turistas mesmo nesse capítulo descritivo da pesquisa de campo.

Para que melhor se dê a compreensão das dinâmicas aqui exploradas, julgou-se estruturalmente mais proveitoso posicionar tais análises após a descrição da análise de campo realizada pela autora presencialmente nas edições de 2015 e 2016 do Festival. Assim, este capítulo se concentrará em evidenciar as características

observadas pela autora durante os eventos e que serão retomadas quando em necessidade para exemplificar as observações realizadas em futuros capítulos.

Importante manter em mente durante a leitura do descritivo aqui exposto que as observações foram realizadas dentro do contexto metodológico de Bruno Latour, que afirma no seu livro *Reagregando o Social* (2012):

O argumento deste livro pode ser definido de maneira simples: quando os cientistas sociais acrescentam o adjetivo "social" a um fenômeno qualquer, aludem a um estado de coisas estável, a um conjunto de associações que, mais tarde, podem ser mobilizadas para explicar outro fenômeno. [...] O que tenciono fazer no presente livro é mostrar por que o social não pode ser construído como uma espécie de material ou domínio e assumir a tarefa de fornecer uma "explicação social" de algum outro estado de coisa (LATOURE, 2012; p. 17-18).

Assim, respeitando as limitações temporais estabelecidas na pesquisa em pauta, pretende-se avaliar os acontecimentos do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras em um contexto no qual a autora observou os acontecimentos em sua frente e permitiu também aos atores participantes destes explicar o que estava acontecendo. Não cabe à autora definir os acontecimentos ou tirar destes uma conclusão oficial e sólida. Assume-se na pesquisa de campo então a missão de observar e relatar o fenômeno em análise e permitir aos seus atores que falem sobre aquilo que eles identificam, sem assumir nenhuma teoria pré-estabelecida ou a necessidade de definir verdadeira qualquer conclusão que venha a ser atingida no texto a seguir.

## **2.1 O 13º Rio das Ostras Festival Internacional de Jazz & Blues**

Em 2015, o cenário econômico de Rio das Ostras não parecia favorável para o 13º Festival de Jazz & Blues. Nas redes sociais, muitos questionavam a demora por parte da produção do evento em anunciar a data oficial de sua realização. Desde 2013, quando o evento deixou de acontecer no inverno, que ele não ocorria em data fixa. Muitos apostavam no período de agosto, principalmente porque em 2014, por razão da Copa do Mundo de Futebol, o evento havia sido movido para o final do mês, e muitos acreditavam que a prefeitura buscaria manter pelo menos um período similar em anos consecutivos.

Em meados de junho de 2015 o rumor se confirmou verdadeiro. A cidade começou a ser decorada com cartazes e *outdoors* que afirmavam a data fixada para realização do evento: 20 a 23 de agosto. A notícia foi recebida com empolgação nas

redes sociais e por volta do início de agosto as pousadas locais já apresentavam lotação para o período.

### *2.1.1 Financiamento*

Porém, o que mais chamou atenção sobre as propagandas espalhadas pela cidade foi a frase que acompanhava a data. De acordo com os outdoors, naquele ano o Festival era “100% Financiado por Iniciativa Privada”. Mais especificamente, o evento foi realizado pela Azul Produções de Stênio Mattos, contando ainda com o patrocínio da Vallourec e Viação 1001. Também foi utilizada a Lei de Incentivo da Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro. E a Prefeitura Municipal de Rio das Ostras, pela primeira vez desde a criação do evento, entrou apenas como Apoio, por meio da Secretaria de Turismo.

Na página oficial do evento no Facebook podiam ser observados postagens diversas na qual a produção do evento agradecia bandas que se propunham a tocar gratuitamente e ainda o apoio aos patrocinadores. Ao que a página indicava, o evento estava sendo realizado com o mínimo de gastos possível e tentando se apoiar em um financiamento privado limitado para ocorrer.

A situação era razoavelmente previsível, considerando que o Festival de Dança que ocorria na cidade anualmente não havia sido realizado em 2015 pela primeira vez desde de sua criação – em 2010 - e o segundo evento de maior escala da cidade, o Ostracycle, teve sua estrutura notavelmente diminuída. Ou seja, a crise financeira vinda do corte no recebimento do *royalties* do petróleo da Bacia de Campos afetava diretamente Rio das Ostras, o setor cultural sendo apenas mais um dos gastos em redução na cidade.

Ainda sobre o corte de gastos, dessa vez o festival estava marcado para ser realizado em apenas um final de semana. Se seguisse seu ritmo comum, o evento se daria por cinco dias – em 2014 divididos por dois finais de semana -, mas em 2015 o evento foi realizado em quatro dias, dos quais dois apenas possuíam atrações durante o dia.

Uma nova estratégia que poderia indicar o corte de gastos surgiu quando anunciadas as atrações, era notável a ausência do Palco da Tartaruga. A estrutura equilibrada na Pedra da Tartaruga, embora um dos palcos mais populares do evento, apresentava uma necessidade de maior preocupação por razão de sua proximidade com o mar. Como mencionado anteriormente, a estrutura se erguia na pedra que

nomeia a praia – seu formato se assemelha àquele de uma tartaruga semi-submersa, além da presença de tartarugas marinhas na maior parte do litoral da cidade -, a formação geológica adentrando o mar em alguns metros.

Porém, importante acrescentar que, de acordo com a prefeitura da cidade, existe a preocupação em relação a segurança do palco desde sua criação e então, com o avanço natural da água, a estrutura estaria em risco de ser cancelada por motivos naturais de qualquer maneira. Ausentando-se talvez a influência de uma crise financeira neste ponto. Ainda assim, importante ressaltar que o festival começa sua décima terceira edição com um palco a menos.

### *2.1.2 Estrutura*

Em grande controversa, considerando que todas as informações veiculadas sobre o evento davam a entender que este viria em uma versão menor e estruturalmente mais pobre, com a primeira atração foi notada por parte da autora uma completa inversão de expectativas. Talvez por estar sendo financiado por iniciativa privada pela primeira vez ou em busca de consolidar sua qualidade de realização mesmo em tempos de crise, o festival se revelou estruturalmente capitalizado, demonstrando evidente desejo de crescimento por parte de sua produção.

Seguem em descrição as observações realizadas pela autora nos três palcos do evento na edição de 2015.

- Palco da Costa Azul, a Cidade do Jazz:

No Palco da Costa Azul, onde ocorreu a primeira apresentação do evento, podiam ser notadas diversas características que o diferenciavam em tamanho de edições anteriores. Antes mesmo da chegada ao palco, a autora já percebeu que a movimentação mudava de ritmo. Na entrada da Avenida Governador Roberto Silveira – pode ser vista na Figura 18 - que dá caminho ao palco, carros de polícia revelavam que a rua estava fechada. Os carros estacionavam em estacionamentos privados ou apenas deixavam os consumidores e seguiam para outras direções. O transporte público, na cidade realizado em grande maioria por vans particulares, também estava organizado para deixar as pessoas na entrada da rua, mudando sua trajetória rotineira.



O palco principal da Costa Azul se localiza dentro da chamada “Cidade do Jazz”. A estrutura aberta foi planejada para conter um público de até 10 mil pessoas. O palco podia ser visto logo à entrada, cercado pelos camarins e espaços VIPs, além de um dos três conjuntos de banheiros químicos espalhados pelo local. Inicialmente foi possível notar que o ambiente incluía uma praça de alimentação própria, a maior vista pela autora em relação as edições que frequentou informalmente em anos anteriores.



**Figura 19** – Palco da Costazul, em 2015

**Fonte:** Acervo da autora.

Na praça, apenas podiam ser notados comerciantes de Rio das Ostras, muitos de bares e restaurantes conhecidos na cidade como o Trainera e o Trik Trik Pub. Além disso, ainda era presente intensa movimentação de vendedores uniformizados com camisetas da prefeitura, comercializando artigos de alimentação mais práticos como pipoca, algodão doce, etc. Ainda era notável a presença de placas de venda de artigos diversos como “vodcolé” e “brownies mágicos”, claramente vendidos por jovens consumidores do evento e provavelmente não oficializados.

A mesma estrutura coberta que continha a praça de alimentação, também se ligava à Feira de Artesanatos – de acordo com a secretária de turismo, Carla Ennes, composta apenas de feirantes da região. Porém notável que em impressão da autora, as pessoas ali presentes não pareciam as mesmas que compõem a tradicional Feira de Artesanatos de Rio das Ostras, permanentemente localizada no centro da cidade;

considera-se então que talvez por região, denomina-se a inteira região dos lagos e não apenas cidade.

Sobre a estrutura do palco, o mais notável para a autora foi a presença intensa de cadeiras posicionadas em meio ao público nas atrações principais. De acordo com Stênio Mattos, tal mudança se dá em favor do público mais velho do evento que quer apreciar, mas não tem condição de ficar em pé durante toda a programação – que em média dura até seis horas, com intervalos de vinte minutos entre as bandas. Porém, é necessário ressaltar que tal estratégia torna o público do evento visualmente mais escasso e relativamente menos movimentado. As pessoas sentadas constituem um público mais calmo, enquanto pelas margens o consumidor mais jovem movimentava a plateia.

Encaminhando-se para longe do palco principal foi possível alcançar a denominada Casa do Jazz. Esse espaço pequeno continha a apresentação de diversas bandas, em maioria locais. O ambiente era notavelmente diferente do resto da Cidade do Jazz, seu público em grande maioria mais jovem e embora contidos em um espaço limitado, mais animados com o som sendo tocado. Ali as bandas também estavam em contato muito mais intenso com o consumidor, sendo separados deles por uma linha imaginária que definia o palco de acordo com o desejo de posicionamento da banda e do público.



**Figure 20** – Entrada da Casa do Jazz, em 2015

**Fonte:** Acervo da autora

Na Casa do Jazz podia ser ainda encontrado balcão de venda de bebidas e um espaço externo para fumantes. Do lado de fora do espaço se localizavam duas grandes estátuas, uma de saxofone e outra de guitarra, para que sejam tiradas fotografias no ambiente. Como mencionado anteriormente, havia uma clara capitalização do evento nessa edição, com diversos artigos de entretenimento que se configuram para o prazer do turista.

- Palco da Lagoa do Iriry

Localizado em relativa proximidade ao palco da Costa Azul, o palco da lagoa era notavelmente diferente de seu vizinho. Ele era constituído de uma estrutura simples, em muito emprestada da construção permanente da cidade – o palco foi estabelecido em frente a uma construção em formato de teatro grego –, que se estendia na direção da Lagoa do Iriry, popularmente conhecida como Lagoa da Coca-cola, por ter águas escuras.



**Figure 21** – Arthur Menezes toca no palco da Lagoa do Iriry, em 2015

**Fonte:** Acervo da autora

Havia apenas um espaço para estacionar em frente ao palco e este lotou horas antes da primeira atração, agendada para 14h no sábado de festival. Ao caminhar pela beira da praia já era possível ouvir o barulho de música a alguns metros de distância e por ali já podiam ser percebidos carros estacionados improvisadamente na pista coberta por areia da praia. Nos arredores foi possível encontrar um número de limitado de estacionamentos pagos, que cobravam uma média de R\$6-10 a hora.

No espaço em si, as pessoas se espalhavam pelo gramados ao redor da lagoa e por entre os arbustos do ambiente, fugindo do sol. Na frente do palco, o teatro grego foi rapidamente preenchido, ao ponto que quando o primeiro músico começou sua apresentação, já não havia mais como assistir o show. A formação vertical côncava do espaço em frente ao palco faz com que as pessoas barrem a visão de quem está em cima e não inserido na estrutura e causa muitos a simplesmente sentarem pelos arredores e ouvirem a música de longe.



**Figura 22** – Formação do público na Lagoa do Iriry, em 2015

**Fonte:** Acervo da autora

A presença do comércio era mais discreta, muitos dos vendedores móveis – vans, carrinhos de pipoca, isopores, etc. - os mesmos que mais tarde iriam vender no Palco da Costa Azul. Além de venda de roupas estilizadas e artesanatos, havia também dois quiosques - fixos na região -, abertos e única fonte de pratos executivos aos consumidores desavisados que chegassem ao palco esperando encontrar uma praça de alimentação.

O *backstage* da lagoa se configurava apenas em uma corda de limite entre público e produção, permitindo que os artistas estivessem em muitas proximidade com os consumidores mesmo quando não estavam tocando. Nesse palco não havia presença de camarins ou áreas VIPs.

Em resumo, o palco da lagoa se posicionava de uma maneira estruturalmente muito simples em relação ao da Costazul, porém bem mais movimentado. Talvez por acontecer mais cedo ou por ser apenas no fim de semana – quando os turistas já estão

na cidade -, o espaço deu a impressão de estar proporcionalmente mais cheio que os outros palcos do evento.

#### - Palco da Concha Acústica

Assim como o palco da Lagoa do Iriri, a Concha Acústica apresentava uma estrutura bem simples, apenas trabalhada em cima de uma construção já permanente da cidade. Localizado na praça São Pedro, no centro de Rio das Ostras, o palco teve atrações apenas durante as manhãs de sábado e domingo, atraindo um público em maioria composto de crianças e idosos.

A estrutura criada pela produção se resumia aos equipamentos, decoração e *backstage* – pouco utilizado, os artista ficando mais entre o público que dentro dos “camarins” -, mas tornou o espaço mais movimentado foi a intensa presença de vendedores locais. O espaço estava dinamizado com vendedores de pipoca, algodão doce, etc, mas também brinquedos diversos, camas elásticas, balões, reunião que dava ao ambiente um aspecto de parque infantil.

Nesse contexto, a música parecia servir mais de trilha sonora para a festa que atração principal. Muitos sentavam pelos bancos da praça ao redor da Concha, mas mesmo as pessoas que se posicionavam em frente ao palco pareciam dispersas em conversas e saindo do seu lugar a todo momento, demonstrando mais uma necessidade de apenas ouvir a música do que acompanhar o *show*.

O palco contava ainda com um conjunto de banheiros químicos, além de ambulância e escolta policial. Por ser localizado em frente a praia, o palco ainda era servido do intenso número de quiosques que rodeiam a região, além de restaurantes e estacionamentos privados.

#### 2.1.3 Bandas

A primeira observação feita pela autora assim que foi divulgada a lista de apresentações do evento, e confirmada durante os shows, foi que no ano de 2015, o festival começou a abrir seu escopo de música. Se nas edições anteriores era mais comum ouvir performances de tradicionais músicos do Jazz & Blues, nessa as bandas já se incluíam em um contexto um pouco mais aberto do gênero. Muitas bandas no *setlist*, durante os shows, identificavam seu som como rock’n’roll, e de Jazz & Blues apenas improvisavam uma coisa ou outra durante suas performances. Os maiores

astros, como tradição, tocaram no palco principal da Costa Azul, alguns deles repetindo suas performances no dia seguinte na Lagoa do Iriry.

No primeiro dia de *shows*, 20 de agosto, foi curioso notar o depoimento de uma das cantoras a se apresentar no palco principal. Luiza Casé, cantora de carreira internacional, declarou no final do seu show que a primeira apresentação que fez a grande público foi no Festival de 2002 e o quão grata ela era pela projeção internacional que sua carreira tomou após o evento. Diversas outras bandas ainda fizeram discursos após suas apresentações, entre outras coisas, agradecendo o produtor Stênio Mattos e declarando a importância de eventos como o Festival.

Um outro depoimento considerado relevante pela autora veio em entrevista realizada com o guitarrista britânico, Matt Schoefield, que identifica seu gênero como *progressive jazz*. O depoimento foi tomado no palco da Lagoa do Iriry, alguns minutos antes da última apresentação de Schoefield no Festival. Tal momento foi escolhido propositalmente pela autora, visto que foi informado que o músico viajaria logo após seu segundo *show*, mas considerando que era necessário para a pesquisa que ao menos uma performance fosse assistida antes de entrevistar o músico em pauta. A razão para isso era que não era possível entrevistar todos os músicos em apresentação, então foi necessário julgar quais poderiam acrescentar a pesquisar, mas também pela possibilidade de que o músico pudesse declarar algo em sua apresentação que fosse necessário questionar em entrevista.

Schoefield foi selecionado por seu intenso histórico de apresentações em festivais de música independente e ainda porque o músico é frequentador assíduo do Festival de Jazz & Blues de Nova Orleans; ainda, durante sua apresentação, o músico declarou que esta era sua primeira vinda ao Brasil, considerando-se a partir de então a necessidade de entender porque ele veio justamente no Festival de Rio das Ostras.

Para acessar o músico foi necessário fazer o uso do crachá de imprensa que conseguiu com a secretaria de turismo, mas que a autora havia evitado usar até o momento. Não que fosse impossível acessá-lo de fora do *backstage* por uma questão de barreira da produção. A maior dificuldade eram as pessoas que lotavam os arredores do palco e não permitiam a autora se aproximar da estrutura, onde estavam concentrados os artistas. Uma vez dentro do *backstage*, a autora se dirigiu a produção do evento questionando sobre a possibilidade de captar o depoimento em áudio, que foi autorizada. A partir dessa autorização, o acesso ao músico foi bastante simples.

Relevante aqui apontar a boa vontade com qual os artistas se comunicam durante todo o evento com público ou imprensa. A autora não teve recusa em nenhum pedido de gravação ou entrevista e teve todas as suas perguntas respondidas com facilidade. A única limitação se deu na possibilidade de entrevistar bandas que apenas falavam idiomas não fluentes pela autora.

Segue os momentos destacados pela autora em entrevista com Matt Schoefield:

É a primeira vez que a gente vem ao Brasil, a minha banda, e a energia aqui é maluca. Quando a gente chegou, eu e a minha banda, nós falamos “isso aqui é como um daqueles festivais *old school*, com as pessoas se divertindo”. (...) E tem pessoas de todas idades, homens e mulheres. Porque na América do Norte e em outros lugares que eu toquei, muitas vezes, são homens de uma certa idade que frequentam esse tipo de coisa. Então, para nós, tocar para uma audiência mais diversa é muito legal. (...) Além disso, a praia e o calor dá uma sensação de liberdade, é divertido. O blues & jazz é uma língua universal, as pessoas aqui tocam e ouvem o que a gente toca e ouve, é ótimo!<sup>61</sup>

Percebe-se então que a sensação de liberdade e informalidade mencionada aqui também foi percebida pelo músico. Importante ressaltar que Schoefield teve presença em diversos festivais ao redor do mundo, mas que nunca havia tocado da América do Sul. Talvez então seu julgamento venha de um ponto de vista muito acostumado ao público europeu e norte-americano, teoricamente menos calorosos que os latinos. Porém, ainda assim, a autora julgou de valor notar a percepção do músico. Principalmente ao que diz respeito a variedade de público, em gênero e idade, que ele mencionou.

Foram entrevistados ainda nessa edição o guitarrista Arthur Menezes, que afirmou se impressionar com o tamanho da estrutura do festival e o fato de que as apresentações não atrasava<sup>62</sup>. Já o acordeonista Dwayne Dopsey reiterou a impressão de Schoefield de que o público em Rio das Ostras era muito energético<sup>63</sup>. Ambos Menezes e Dopsey foram entrevistados no *backstage* do palco da Costa Azul, após suas respectivas apresentações. Não sendo necessário pedir a autorização de ninguém

---

<sup>61</sup>SCHOEFIELD, Matt. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 ago. 2015. Tradução da autora. Do original: “It’s the first time we have ever been to Brazil, my band, the energy here is crazy. When we drove out, me and my bando, we were like ‘this is one of those old schools festivals’ with people having a really good time. There’s people from all ages, male and female. Because in North America and all around the world, a lot of the time is a lot of man with a certain age that comes to this kind of thing, so for us to play to a broader audience is very nice. Also, the beach and the heat adds a kind of sense of freedom, it’s fun. Blues and Jazz is a universal language, people here play the same kind of music as us, that’s great.”

<sup>62</sup>MENEZES, Arthur. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 ago. 2015.

<sup>63</sup>DOPSEY, Dwayne. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 ago. 2015.

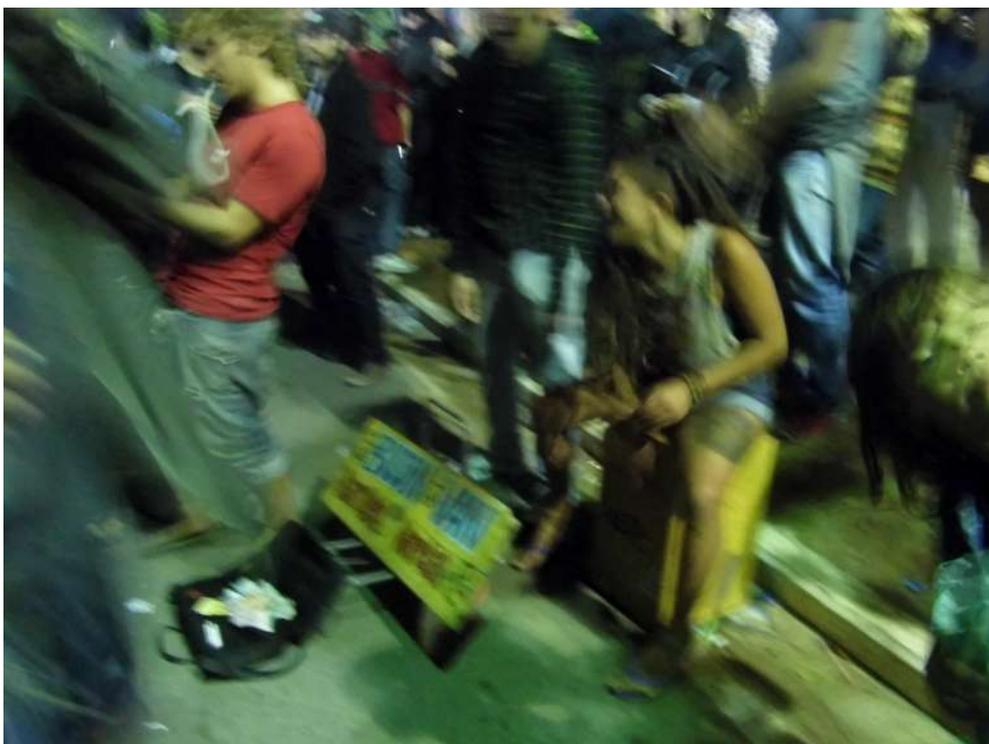
da produção para conduzir a entrevista – a autora havia perguntado anteriormente na sala de imprensa e foi informada que, com o crachá de imprensa, dentro do *backstage* estava sempre permitido gravar voz.

A apresentação de Dopsey contou com um momento considerado pela autora de importância de observação. Durante o show, o músico convidou as mulheres na plateia a subirem ao palco. Diversas meninas então pularam as grades e adentraram o *backstage*. Porém, ao notar o acontecimento, a produção do evento tentou impedir a movimentação e conseguiu barrar a entrada de alguma mulheres. Percebe-se então uma facilidade do artista do jazz & blues de interagir com seu público, que é muito praticada nos palcos menores da Lagoa do Iriry e Concha Acústica; porém, no palco da Costa Azul, de maior estrutura e esta a de maior segmentação entre público e artista, o comportamento foi tomado com hesitação e ao fim recusado por parte da produção.

#### *2.1.4 Observações Gerais*

Além dos elementos citados acima, alguns outros acontecimentos chamaram a atenção da autora durante a pesquisa de campo realizada na 13<sup>a</sup> edição do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Porém tais não se configuram dentro de uma categoria e por isso são citados a seguir.

Na sexta-feira e sábado, 21 de agosto de 2015, foi notável a presença de bandas tocando em espaço público da cidade em paralelo ao Festival de Jazz & Blues. Foram encontradas bandas de rock, jazz e até mesmo algumas orquestras sintetizadas; tais grupos se reuniam prioritariamente na “praça artificial” criada em frente a Cidade do Jazz, porém foram encontradas duas bandas tocando no centro da cidade, perto da estação de vendas da Autoviação 1001 – utilizada como rodoviária em Rio das Ostras – e na Praça do centro. Ao redor dos grupos se reuniam uma diversidade de público, que iam de jovens interessados, a passantes desavisados, entre vários que paravam para filmar a apresentação com o celular.



**Figure 23** – Banda se apresentando do lado de fora do palco da Costazul, em 2015

**Fonte:** Acervo da autora

Em busca de uma dessas bandas, a autora se ausentou da Cidade do Jazz em uma noite e foi consumir em uma pizzaria próxima a uma das bandas. O que pôde ser percebido no ambiente foi um surpreendente caos. O restaurante não possuía atendentes ou mantimentos suficiente para atender a demanda da clientela. Ao ser questionada, a garçonete do espaço afirmou que todos os lugares por ali estavam da mesma maneira e que a pizza demorava em média uma hora e meia para sair. Ainda assim, havia uma intensa fila na porta do local, formada por pessoas que esperavam para serem atendidas. Assim, nota-se que mesmo com a praça de alimentação do espaço – esta também passando a não ter mais refeições a partir de certa hora do evento por falta de produtos -, o comércio da região não pareceu dar vazão ao número de pessoas que frequentou a cidade na época do festival. Talvez pelo comércio de Rio das Ostras estar prioritariamente ocupado com um turismo que pouco consome – o típico de verão -, este turismo que faz uso do comércio local parece sempre encontrar espaços pouco preparados para servir sua demanda.

Em um caso bem diferenciado, foi observada no Palco da Costa Azul uma cena curiosa. Uma menina jovem pareceu extremamente interessada em um dos produtores do evento que corria de um lado para o outro tentando sanar as

necessidades da equipe técnica. Em um momento a menina se debruçou sobre a grade, fazendo o produtor parar, ela em seguida pediu para tirar foto e um autógrafa do homem. Ao perguntar à mãe da garota porque ela queria tal foto, a autora descobriu que o produtor era o guitarrista Marfydio Vieira Machado Neto, conhecido internacionalmente como Big Joe Manfra. Considera-se importante entender que o público do evento é um que reconheceria um famoso artista da música ali tocada, e fato que se torna ainda mais curioso quando se leva em consideração a idade da menina observada.

Ainda percebe-se importante ressaltar que não foram percebidos conflitos durante qualquer momento do festival. Ao contrário, no evento percebia-se a presença de muitas crianças e famílias. Mesmo assim deve-se também mencionar que o uso de drogas e consumo de bebidas alcoólicas – este em excesso - pôde ser notado.

Durante uma conversa informal com uma vendedora oficializada da prefeitura, a mulher mencionou que se sente muito segura em trabalhar até tarde durante o evento. Ela ainda afirmou que, por ela, poderia ser festival todo dia, visto que a venda dobrava em tais períodos. Ela ainda afirmou que os parentes sempre iam ao evento, assim como alguns amigos, mas assumiu que no palco da Costa Azul ela percebia mais turistas. Em um outro momento no mesmo local, uma senhora mais velha mencionou estar profundamente incomodada com a música sendo tocada na Concha Acústica, mas que sempre ia, pois seu filho gostava do gênero e quase nunca conseguia ouvi-lo na cidade.

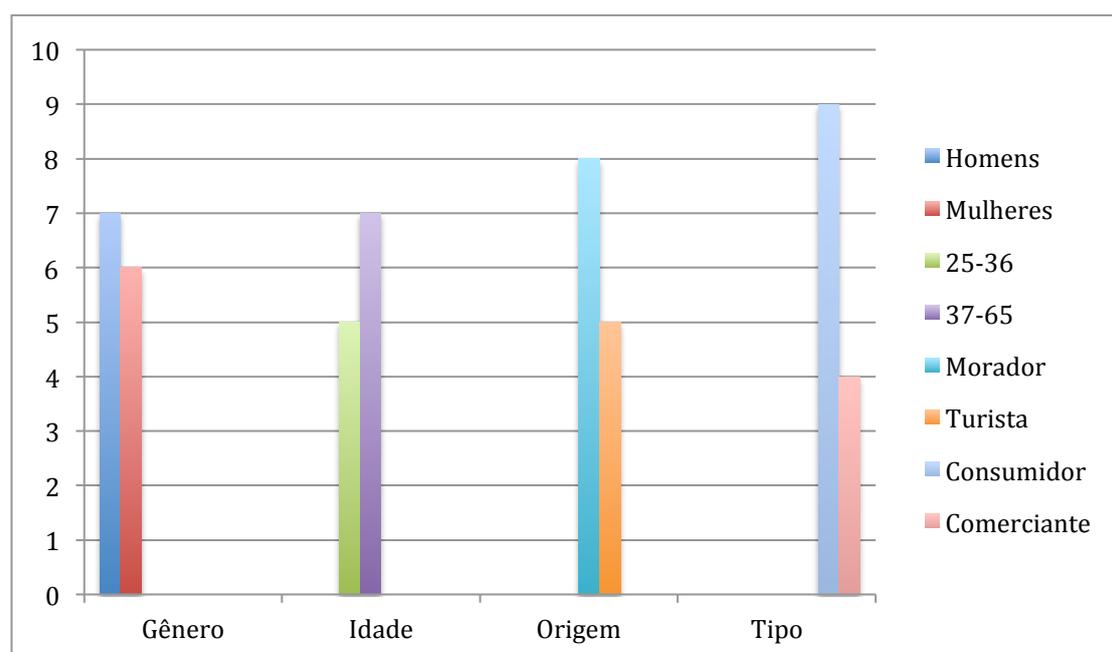
Por fim, percebeu-se um grande número de pessoas no evento, mas principalmente a partir da sexta-feira, 21 de agosto, quando presume-se os turistas passaram a chegar na cidade e as pessoas que não trabalhavam no fim de semana tinham a liberdade de frequentar o festival. Em geral, foi realizada uma estrutura capitalizada e mais expansiva do que foi observado em outras edições. Também notou-se um fluxo grande de turistas da região serrana do estado do Rio de Janeiro e da capital durante o período do evento; foi perceptível o aumento na movimentação da cidade ao ser observado trânsito intenso, comércios e restaurantes cheios, além de filas extensas nas poucas agências bancárias da cidade. O festival então, mesmo com todas as dificuldades financeiras, se deu com um público considerável e manteve sua anuidade intacta.

## 2.2 14º Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras

Em introdução, julga-se importante primeiramente ressaltar que a análise da edição de 2016 do Festival de Jazz & Blues será aqui exposta de maneira diferente da edição anterior. Estruturalmente o evento se realizou de maneira semelhante ao do ano anterior - ainda que em menor escala -, por isso, ao invés de descritas por completo, as situações encontradas serão evidenciadas apenas quando se encontrarem em divergência com a edição de 2015 do Festival.

Em compensação, nessa edição foram realizadas um total de doze entrevistas formais com consumidores e comerciantes da renda alternativa de Rio das Ostras presentes no evento e, por isso, tais depoimentos serão mais evidenciados na construção textual do espaço observado, a fim de formar uma imagem mais clara do que foi o evento e a percepção do público que o acompanhou, aquém as observações da autora. Foram realizadas conversas com os artistas que tocaram no evento, mas esses se encontram em menos evidência de maneira que permaneceram menos na cidade e podem dar sua observação apenas de um ponto de vista razoavelmente distanciado do público.

A fim de esclarecimento, no Gráfico 5 é possível acompanhar o perfil de entrevistados que serão utilizados no texto a seguir.



**Gráfico 5** – Perfil de entrevistados durante o 14º Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras

**Fonte:** Pesquisa de campo realizada pela autora.

### 2.2.1 Financeiro

O ano de 2016 apresentou um festival submerso na dúvida de sua realização. A crise econômica da região avançou, os investimentos privados a eventos culturais foram cortados e na data que em tradição recente ocorreria o evento aconteceu as Olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro.

De acordo com o prefeito Alcebíades Sabino:

Houve muita dificuldade do ponto de vista financeiro para realizar o festival. Principalmente nos dois últimos anos. Ano retrasado e no ano passado nós conseguimos que o festival fosse financiado pela iniciativa privada. Tínhamos a expectativa de que também para esse ano isso ficasse o seguro, não foi assim infelizmente. A gente se viu forçado a reduzir bastante tamanho da produção. Tivemos que fazer um festival muito menor do que estamos acostumados [...] A gente teve que fazer dois adiamentos porque a gente não assegurava recursos. A gente decidiu há cerca de 15 dias acertar os riscos de fazer o festival com recursos próprios. [...] A gente reduziu o que era possível reduzir, mas vamos continuar a realizar o festival.<sup>64</sup>

Assim, por muito tempo a autora se manteve aguardando em conjunto com os consumidores do evento alguma novidade em relação ao acontecimento do festival. Muitos opinaram nas redes sociais que talvez o evento devesse voltar a sua época anterior e ser realizado no feriado de Corpus Christi, em junho, porém a essa produção respondia que o prazo para conseguir patrocínio precisava ser estendido e não encurtado, e que o evento provavelmente aconteceria ao fim do ano de 2016.

Finalmente, no início de agosto foi anunciada data de 12 a 18 de setembro para o Festival. Um mês depois a data mudou novamente e o festival foi confirmado para 18 a 20 de novembro, ainda sob dúvida de muitos consumidores – como pode ser observado nas figuras 24 e 25.



**Figura 24** – Postagem realizada pelo perfil oficial da produção do evento

**Fonte:** Rede social Facebook. Último acesso em 07/01/2017

<sup>64</sup>SABINO, Alcebíades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.



**Figura 25** – Postagem feita por consumidora do Festival e resposta do perfil oficial da produção

**Fonte:** Rede social Facebook. Acesso em 05/01/2017

De acordo com Afonso Furtado, 65 anos, morador do Rio de Janeiro:

Ficamos esperando porque normalmente é em Corpus Christi, que é mais ou menos em junho, julho. Mas caía quinta-feira e aí eles emendavam quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Agora, esse ano, não sei, deve ser por causa de crise ou para não ter concorrência da Olimpíada, a gente achava que nem ia ter. Aí depois apareceu no Facebook, falamos "Ah, vai ter", mas viemos só hoje [sábado] também porque sexta feira é complicado, todo mundo trabalhando.<sup>65</sup>

Assim, percebeu-se que por muito tempo os consumidores ficaram na dúvida de quando o evento ocorreria e se ele ocorreria, impedindo-os de preparar sua ida para a cidade, mas mesmo assim havia o desejo de estar presente. Também notou-se que a nova data ainda apresentava o problema de ser em um final de semana, que não possuía feriado, e que ainda tinha a previsão climática de chuvas e vento, diminuindo o atrativo da cidade para possíveis turistas. De acordo com o produtor Stênio Mattos, nem mesmo a produção do evento sabia se ia conseguir investimento a tempo, considerando as chances de retorno financeiro:

O festival seria feito sem a gente ganhar um dinheiro qualquer, arriscando perder dinheiro. [...] Confiando na palavra da prefeitura e patrocínio de que seria pago, algo que depende de inúmeros fatores. Mas aconteceu, foi lindo, porque se caísse ia ser muito difícil levantar ele de novo.<sup>66</sup>

Já o prefeito à época, Sabino – que era também prefeito na época em que o Festival foi criado - disse que finalmente a prefeitura decidiu assumir o risco por dois motivos:

O quanto a cidade perderia em não realizar... não posso interromper uma programação de sucesso. [...] A decisão foi muito pautada no significado que o Festival de Jazz tem para cidade, no que ele representou esses anos todos, nos ganhos que a cidade conquistou. [...] Não foi uma decisão fácil, mas quando a gente coloca numa balança os riscos para cidade de Rio das Ostras interromper o festival que hoje é o evento mais importante da cidade. E depois, de vista pessoal, eu fui prefeito que lá atrás tomei a decisão sobre riscos de rejeição de realizar o Festival de Jazz. Eu não queria ser o prefeito também que interrompeu o Festival.<sup>67</sup>

<sup>65</sup> FURTADO, Afonso. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>66</sup> MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

<sup>67</sup> SABINO, Alcebiades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

Assim, percebe-se um esforço por parte das autoridades da cidade de manter uma tradição na ocorrência do evento. O festival ser interrompido nesse ano passaria a representar uma contínua dúvida em sua existência por anos a frente, fator que não seria positivo quando pensado em relação ao turista que se programa desde cedo para estar na cidade na época do evento. Quando enfim as datas foram oficializadas, o festival de 2016 foi declarado financiado por recursos da Prefeitura, pela Secretaria de Turismo, associado com entidades como o Núcleo Gourmet e o Rio das Ostras Convention & Visitors Bureau.

### 2.2.2 Estrutura

O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras veio então em sua décima quarta edição em uma versão um pouco mais reduzida. Novamente, apenas três palcos foram montados, a Cidade do Jazz em Costa Azul, a Lagoa do Iriri e na Concha Acústica, na Praça São Pedro. Em adendo, nos dois primeiros dias de evento – quinta e sexta – apenas o palco da Costa Azul possuía atrações.

Na Cidade do Jazz eram clara as mudanças. O chão não possuía tablado em frente ao palco principal, muito menos cadeiras. A praça de alimentação foi erguida, porém a continuação da estrutura que dava vez a venda de artesanatos foi substituída por barracas esporádicas distribuídas pelo local. Dessa vez não havia estátuas para fotos ou cabines de fotos em tira. Alguns poucos *trailers* pelo espaço vendiam artigos gerais, mas estes muito pouco relacionado a temática do evento em si.



**Figura 26** – Palco da Costazul, em 2016

**Fonte:** Acervo da autora

No *backstage* a estrutura se mantinha muito parecida, com exceção da ausência de uma área lateral ao palco para que as bandas pudessem assistir a atração que ocupa o palco a dado momento. Em contraposição, a Casa do Jazz novamente estava em funcionamento, com uma estrutura muito semelhante a do ano anterior, considerando que este palco tem em si uma característica de simplicidade que se não proposital, parece ser muito bem absorvida pelo público que frequenta as atrações que ali ocorrem.



**Figura 27** – Palco da Casa do Jazz, em 2016

**Fonte:** Acervo da autora

Nos arredores da Cidade do Jazz, novamente foram erguidas barracas e *stands* de venda alternativa. A avenida principal foi novamente fechada, embora seja necessário apontar que nos primeiros dias – principalmente na quinta-feira – a presença de consumidores por esta área era muito escassa. Nesse contexto, o palco principal parecia extremamente esvaziado no início do evento, talvez mesmo por ser uma quinta-feira fora de época de feriado ou mesmo a ausência de cadeiras ocupando o centro do público tornava este, em aparência ao menos, muito reduzido.

Nos palcos da Concha Acústica e Lagoa do Iriry, classicamente mais simples que os da estrutura em Costa Azul, a ausência de recursos era sentida em bem menor impacto. Era clara a ausência de decoração nos espaços, principalmente da Concha, que em muito pouco estava alterada de sua aparência comum no resto do ano. Nesse espaço também, fazia falta a presença de comércio alternativo. Se no ano anterior

havia pipoqueiros, vendedores de balões, camas elásticas, entre outros, no primeiro dia de atrações no palco, havia apenas cinco vendedores no espaço, todos de artigos de alimentação – bebidas, milho e pipoca. Porém, vale aqui ressaltar que neste dia em menção o clima estava pouco ideal, com fortes ventanias e muito quente. Considerando que o palco se localiza na beira da praia, fica claro perceber que muito da ausência de público e vendas vem da percepção natural de que talvez as pessoas não saíssem de casa em uma situação climática tão desfavorável.



**Figura 28** – Palco da Concha Acústica, em 2016

**Fonte:** Acervo da autora

Nesse contexto, o palco da Lagoa do Iriri era o mais semelhante ao da edição anterior, podendo ser percebida apenas a maior escassez de público. Considerando porém que, se o público era visualmente menor quando comparado a anos anteriores, em nada significa que era um público pequeno. A parte frontal ao palco principalmente estava tomada de pessoas pela duração do evento, e novamente as que não sentiam apelo na multidão se espalhavam pelos gramados do local, sentadas em cangas e cadeiras de praia.



**Figura 29** – Palco da Lagoa do Iriry, em 2016

**Fonte:** Acervo da autora



**Figura 30** – Pessoas em cadeiras de praia assistem o show no Palco da Lagoa do Iriry, em 2016

**Fonte:** Acervo da autora

Ainda assim, a diferença dessa edição para suas anteriores foi bem sentida pelo público consumidor. De acordo com Paulo Roberto, 25 anos, morador de Rio das Ostras:

Ah, esse ano está mais fraquinho, né? Acho que teve menos patrocínio, na estrutura e até no número de atrações, reduziram pelo menos para metade do que geralmente é. Mas mesmo assim está um festival massa. Ontem fez meio frio, mas hoje [sábado, palco da Lagoa] já está melhor, acho que a noite vai ser bom.<sup>68</sup>

A impressão foi também ressaltada por Rafael, 36 anos, carioca morador de Rio das Ostras. De acordo com ele: “esse ano [2016] diminuiu mais, caiu um pouco a qualidade. Ainda está bom, mas três anos atrás era top de linha, estou sentindo essa diferença”. Percebe-se uma crítica então não só a edição de 2016, mas também a de 2015 e 2014, que também sofreram com a ausência de investimento. Dentro desse contexto, uma outra reclamação comum por parte dos entrevistados foi a ausência do palco da Praia da Tartaruga – mencionado anteriormente. O palco por muito tempo foi um atrativo comercial do evento, pela sua posição atípica instalado em cima da Pedra da Tartaruga, porém desde 2014 que não entra no quadro de programação do evento por diversas razões, que variam de fenômenos naturais a questão de segurança do público. Rafael Freitas, entrevistado na Lagoa do Iriri, no sábado de evento, ressaltou:

Eu e muita gente gostava do visual lá [Praia da Tartaruga]. Acredito que tenha um bom motivo para ter acabado. Em geral, sempre prefiro os palcos menores, mais tranquilo, mais privacidade, começa mais cedo, dá pra curtir mais.<sup>69</sup>

Dentro do mesmo contexto, Paula Ribeiro, 31 anos, moradora de Rio Ostras entrevistada no palco da Concha Acústica afirmou:

É um ambiente muito tranquilo, para família, eu trago minha cachorra para caminhar e fico por aqui. Esse ano está bem ‘caído’, nos outros anos era fantástico. No ano passado no Costa Azul tinha tablado, a estrutura era a melhor. E tiraram o show da Praia da Tartaruga que pra mim era o melhor.<sup>70</sup>

Percebe-se aí logo uma – entre muitas - distinção entre o público que frequenta o espaço da Cidade do Jazz e o que frequenta os outros espaços. Na Lagoa e Concha é mais comum encontrar famílias e crianças que na estrutura da Costa Azul. Mesmo pelas atrações serem planejadas para não acontecerem em dois espaços ao mesmo tempo, os palcos acabam se dividindo pelos do dia e da noite, atraindo seus devidos públicos de acordo. Entre a Concha e a Lagoa em si ainda pode ser notada uma diferença de público, a segunda atraindo mais jovens, em sua maioria adotados de características estéticas ditas “alternativas”, vestindo-se em trajes coloridos e em

<sup>68</sup>ROBERTO, Paulo. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>69</sup>FREITAS, Rafael. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>70</sup>RIBEIRO, Paula. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

muito se aproximando a um público que frequentaria o carnaval na capital do estado do Rio de Janeiro.



**Figura 31** – Consumidora dança no palco da Lagoa do Iriry

**Fonte:** Acervo da autora

### 2.2.3 Comércio e turismo

O comércio da edição de 2016 do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras se dividiu em três tipos reconhecidos pela autora: os vendedores com *stands* na Cidade do Jazz – em geral restaurantes e bares locais -, comerciantes informais – em sua maioria vendedores de bebidas – e ainda representantes da renda alternativa da cidade. Essa última categoria fez jus ao Programa de Renda Alternativa de Rio das Ostras, um cadastramento de vendedores informais que funciona anualmente na cidade.

De acordo com Ana Maria da Silva, 50 anos, vendedora de pipoca:

A pessoa paga para trabalhar na renda alternativa, a gente paga, todo mundo tem seus uniformes, ganha suas camisas e só pode trabalhar assim. Tem que ir na COFIMS [Coordenadoria Municipal de Fiscalização e Licenciamento], fazer o cadastro. Eu já pago a muitos anos. Mas é direto, não é só para evento.<sup>71</sup>

A tarifa da qual a vendedora fala é paga de seis em seis meses, sendo cada vendedor designado a um setor na cidade. O sistema uniformiza os vendedores locais

<sup>71</sup>SILVA, Ana Maria. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

e em tese permite que todas as áreas da cidade estejam abastecidas de comércio independente do período. Porém, é nos grandes eventos que o comerciante parece encontrar mais retorno. Sobre o festival, Ana Maria afirma:

O evento é bom para gente que trabalha com vendas, bom porque traz mais pessoas para a cidade, entendeu? A gente vende mais e fica mais animado, anima mais. Tá meio devagar esse ano, com essa crise que tá aí né, as pessoas tão meio sem dinheiro. Nos outros anos tem sido bom. Mas o que mais dá venda é em Costa Azul. Eu não posso ir lá porque eu sou do centro, antes eu trabalhava lá.<sup>72</sup>

O palco da Costa Azul realmente pareceu ser o espaço que reuniu mais pessoas durante o evento, mas foi curioso perceber que mesmo com a estrutura de praça de alimentação montada na Cidade do Jazz ainda havia um consumo muito intenso de outros artigos alimentares mais práticos. Ainda necessário ressaltar o número de turistas que veio para a cidade na época do evento, mesmo que em maior parte os vendedores tenham reconhecido que na edição em pauta, havia um número menor deles. O vendedor Marcos Vinicius, 40 anos, morador de Rio das Ostras, confirmou a importância do festival, mesmo reconhecendo um melhor resultado quando este era realizado em feriado:

Quando é no feriado vem bastante gente de fora. Melhor pra gente que trabalha com vendas, né? Melhora bastante, a gente vende bem, ganha um dinheiro extra. É importante, atrai mais os turistas. Não pode deixar de fazer não.<sup>73</sup>

Geilson Henrique, 61 anos, vendedor de milho entrevistado no palco da Concha Acústica, concordou com Marcos Vinicius, embora tenha dado outro motivo para a ausência de turistas: “evento sempre ajuda na venda, já melhora, mas dessa vez por causa do tempo tá meio ruim. Ano passado estava melhor”<sup>74</sup>.

Sobre os turistas presentes na cidade, a maior parte dos entrevistados assumiu que reconhecia mais pessoas da cidade que de fora na edição. Porém, de acordo com Paulo Roberto, 25 anos, embora o evento estivesse “mais vazio que nos outros anos”, ainda assim era possível reconhecer muita gente da capital Rio de Janeiro; embora a maioria do público ainda parecesse composta de “gente local, da faculdade, da área de cultura de Rio das Ostras”<sup>75</sup>.

Em relação a forma como os consumidores souberam sobre o evento, a ferramenta mais citada foi internet, em foco a página oficial do Festival no Facebook.

<sup>72</sup> SILVA, Ana Maria. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>73</sup> VINÍCIUS, Marcos. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>74</sup> HENRIQUE, Geilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>75</sup> ROBERTO, Paulo. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

A mídia é administrada pela produtora Azul Produções, responsável pelo evento, e parece mesmo ser a maior forma de comunicação do evento. Principalmente no ano de 2016, no qual o apoio da mídia jornalística impressa e eletrônica foi limitado – a autora encontrou pouquíssimas menções ao evento -, a página do Facebook pareceu ter funcionado como maior fonte de informações para o consumidor interessado, além naturalmente do conteúdo que é transmitido boca-a-boca. Foi o caso de Andréa Martins, 46 anos, que ouviu falar do evento pelo parceiro Rogério de Abreu, 51 anos, ambos vindos de Itaboraí:

R: Faz muitos anos que eu tinha vontade de vir. Ouvi falar por meio da mídia: internet, rádio...

A: Eu ouvi por ele, fiquei empolgadíssima, porque ano passado eu não pude vir, porque era um período de aulas. Aí esse ano a gente resolveu vir juntos, porque ele falou tão bem. E amei, maravilhoso, fico toda hora colocando alguma coisa na internet pro pessoal poder vir no próximo ano.<sup>76</sup>

Percebeu-se na declaração então dois aspectos fundamentais na comunicação do evento, da parte de Rogério, o acesso a informação via internet e rádio, e da parte de Andréa a transmissão via contato com alguém que já havia frequentado o evento anteriormente. Ainda importante mencionar que a mulher passou então a fazer sua própria parte, tomando para si uma militância em relação ao festival, na qual ela, após averiguar a qualidade do convite que lhe foi feito, passou a, por sua vez, divulgar a informação a outros que, como ela, poderiam ter interesse, mas dificuldade de acesso a tais.

Caio Moraes, 30 anos, morador de Macaé, reafirmou a importância das redes sociais na hora de se preparar para o evento:

Eu fico sempre pesquisando na internet. Sempre fico vendo, ouvi a ‘adição’ de datas e aí vi que ia ocorrer no final do ano, já estava gravadinho. Infelizmente caiu na mesma data do aniversário da minha sobrinha, mas acabou que deu pra vir para cá. Viemos todos, a gente vai poder comemorar juntos.<sup>77</sup>

Um outro aspecto pontuado pelos consumidores em relação a escassez de turistas na cidade – já mencionado anteriormente pelos comerciantes – foi o período no qual ele foi realizado. Porém, o morador Rafael Freitas, 36 anos, apontou um fator interessante. Para os moradores, talvez, seria mais vantajoso ter um festival mais calmo, desprovido da balbúrdia que os turistas inevitavelmente trazem para a cidade. De acordo com ele:

<sup>76</sup>MARTINS, Andréa; ABREU, Rogério. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>77</sup>MORAES, Caio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

Hoje, como a cidade diminuiu o número de moradores, acho que ficou mais tranquilo [realizar o evento]. Fica melhor pra curtir, menos tumulto, eu como morador prefiro dessa forma. Prefiro quando é realizado nessa época.<sup>78</sup>

Assim, percebe-se que o evento de 2016 acabou por ter uma presença maior das pessoas da cidade, talvez mesmo pela ausência do tumulto que em geral envolve a festa. Naturalmente, nessa edição houve muita reclamação por parte do comércio em relação a pouca venda de produtos. No Capítulo 4 ainda será abordada a reação da hotelaria quando colocada frente a essa questão da ausência de turistas, mas por ora já basta informar que previsivelmente os resultados não foram positivos.

Assim, encontrou-se essa dialética, na qual a população da cidade se viu ressabiada em frequentar um evento dominado por turistas, mas ao mesmo tempo o comércio e hotelaria se encontravam em necessidade de tê-los. Talvez uma lógica solução para tal questão seria mesmo a ação de uma cena alternativa de jazz & blues, que ocorresse fora da época do festival e pudesse suprir a demanda de um morador que quer ouvir o gênero, mas prefere não se posicionar em desconforto – mais sobre isso será abordado no Capítulo 3.

#### *2.2.4 Observações gerais*

Como no subcapítulo anterior, além dos elementos citados, outros acontecimentos chamaram a atenção da autora durante a pesquisa de campo da edição 2016 do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Como tais não se encaixam dentro das categorias supracitadas serão então descritos aqui.

Um fator curioso percebido durante a observação do evento – este já tendo sido citado em texto anterior – foi a singularidade reconhecida nos grupos que frequentavam os diferentes palcos que compunham o evento. Na Cidade do Jazz foi observado um público mais diversificado, variando entre jovens e adultos, turistas e pessoas da cidade, porém importante ressaltar que no palco principal se localizava a maior variedade de pessoas, enquanto na Casa do Jazz o público era predominantemente jovem.

Na Lagoa do Iriry frequentavam em grande maioria famílias e jovens, a maioria em trajes alternativos e aparentemente de fora da cidade. Enquanto na Concha Acústica havia uma presença mais intensa de pessoas da cidade, um público mais

---

<sup>78</sup>FREITAS, Rafael. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

tradicional, a maioria em trajes de banho, aparentemente vindos da praia; havia ainda uma notável presença de idosos e crianças nesse palco, embora reconhecidamente em menor escala que na edição anterior.

Um outro fator interessante vem do fato de que muitos dos consumidores entrevistados reconhecem ter conhecido o jazz & blues a partir de sua experiência no Festival e desde então se encontram fãs do gênero. Como Caio Moraes, 30 anos, morador de Macaé, que afirmou sempre ter escutado rock'n'roll, mas que só passou a conhecer o jazz no festival. Ainda Paula Ribeiro, 31 anos, moradora de Rio das Ostras afirmou: “eu não tinha gosto musical do jazz, mas tem uns 5 e 6 anos que venho frequentando. Conheci aqui”.

De acordo ainda com Andréa Martins, 46 anos, o parceiro contagiou a casa com o som do jazz & blues que adquiriu em Rio das Ostras:

Ele contagiou todo mundo. No ano passado ele comprou um CD de um outro cantor que veio aqui, de outro instrumentista que veio e aí a gente acabou passando a gostar. Eu gostava, mas não tão de perto como passou a ser do ano passado para cá.<sup>79</sup>

Curioso então perceber que o festival pareceu inadvertidamente estar criando um público para a sua música, que viria atraído em primária pela festa e o evento gratuito. Assim, além de tocar jazz & blues em um espaço que não oferece alternativa aos fãs do som, o festival ainda trouxe ele àqueles que o desconheciam, mas que, a partir do contato com o gênero, passaram a gostar.

Outro elemento que atraiu Andréa Martins ao evento foi a proximidade do público com o artista, o parceiro Rogério de Abreu apontando ainda esta como uma das causas para a fácil popularização do ritmo entre pessoas que não o conheciam anteriormente:

A: A gente fica muito perto do artista, acaba sentindo o que eles estão sentindo, então é espetacular, eu não parei de me arrepiar. Porque a gente via a intensidade da emoção dele e ele conseguia passar para a gente, muito bom.

R: E mostra para as pessoas saberem a qualidade musical que existe. As vezes tem dificuldade de rádio, mídia, transmitir isso, nós mesmos não conhecíamos esse músico que tocou agora e eles fazem shows internacionais e as pessoas não conheciam.<sup>80</sup>

Considerando todas as dificuldades mencionadas para a realização do evento e a decisão da prefeitura em assumir o risco e financiar parte do festival, uma das

<sup>79</sup>MARTINS, Andréa. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>80</sup>MARTINS, Andréa; ABREU, Rogério. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

perguntas realizadas em pesquisa com consumidores foi a opinião deles em relação a essa escolha. Tomando em conta todas os setores da cidade os quais precisariam de investimento, considerou-se importante observar se a população da cidade veria com bons olhos esse direcionamento da verba.

Em geral, as opiniões foram positivas, mas deve-se levar em consideração que as entrevistas foram realizadas no contexto do festival então talvez o público ali presente já apresentasse uma parcialidade a realização do evento. De acordo com Caio Moraes, 30 anos, de Macaé – cidade vizinha de Rio das Ostras, que possui notável falta de investimento em estratégias culturais:

É um evento que eu já venho a quatro anos direto e eu acho super importante para a cidade. Porque uma cidade sem cultura não é cidade, então... Sendo um evento desses de importância internacional, você recebe música de muita qualidade, música muito boa então é sempre bom curtir. [...] Tem que ter sim uma ajuda da prefeitura, com certeza, porque é um evento em favor da população, que mexe com música que é algo que mexe com as pessoas. Isso estando disponível para a população sempre, lógico que é muito bom para a cidade. É muito bom para a cidade trabalhar com o turismo sempre para receber as pessoas. E de um evento que se tornou tradição, não poderia faltar.<sup>81</sup>

Interessante perceber o uso da palavra ‘tradição’ na resposta do consumidor, termo que não estava inserido na pergunta, mas que revela uma possível expectativa que começa a surgir entre os consumidores que estão habituados a frequentar o evento. Afinal, o festival vem ocorrendo ininterruptamente desde 2002, seria então válido considerar que talvez este já comece a transpor a existência como mais um evento da cidade e passe a ser parte da identidade de Rio das Ostras. Tal argumento é confirmado por Afonso Furtado, 65 anos, que observou:

Eu acho que já faz parte da cidade. Tanto que eles devem ter tido maior dificuldade mas fizeram esse ano só pra não dizer que não teve. Assim que eu estou interpretando, não falei com ninguém da cidade, não sei de nada. Pra tentar reerguer depois, eu estou achando que é isso.<sup>82</sup>

A afirmação do consumidor observa um elemento que o prefeito de Rio das Ostras, Alcebíades Sabino, também mencionou em entrevista – como supracitado -, a ideia de manter o evento acontecendo mesmo em período de dificuldade para que não se quebre um ciclo que vem ocorrendo por 14 anos e que de certa forma garante uma estabilidade de público para o evento. Afinal, as pessoas da região já esperam que o Festival de Jazz & Blues irá acontecer e parte disso o interesse de buscarem *online* a data divulgada para este. A consumidora Leidileia Azevedo, de 28 anos, também

<sup>81</sup>MORAES, Caio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>82</sup>FURTADO, Afonso. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

confirmou o desejo de manter o evento funcionando: "acho importante ter. tem muita gente que é fã, gosta muito. Atrai muito turista. Só esse ano que atrapalhou por causa do tempo, né? Se não lotava mais, achei que ficou bom"<sup>83</sup>.

Porém, ainda com essas resposta positivas a questão, é importante ressaltar o depoimento do prefeito sobre o apoio da população ao evento, entre outros acontecimentos culturais que ocorrem na cidade com o apoio da prefeitura. De acordo com Sabino a própria recusa de boa parte do empresariado de patrocinar o festival, mostra que a população não aprecia tanto assim a iniciativa:

Essa é uma pasta, no futuro um amadurecimento que a cidade tem que conquistar, porque vai ser cada vez mais difícil e realizações como essa com recursos públicos cada vez mais improvável. [...] Há uma outra questão hoje na sociedade: a sociedade de hoje se pergunta às vezes porque o governo diz que não há dinheiro na saúde na educação, mas tem dinheiro para realizar festa.<sup>84</sup>

Assim, percebe-se que embora haja algum apoio para o acontecimento do evento anualmente, existem ainda setores da cidade que discordam com o nível de investimento aplicado a causas culturais. E é essa dicotomia existente na cidade, além da relação dos moradores com o festival e a cena de música presente em Rio das Ostras fora da época do evento, entre outros aspectos, que serão abordados no capítulo seguinte.

---

<sup>83</sup>AZEVEDO, Leidileia. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>84</sup>SABINO, Alcebíades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

### **CAPÍTULO 03 - O Festival e a Cidade**

Este capítulo visa estabelecer a relação dos habitantes de Rio das Ostras com o Festival de Jazz & Blues, além de explorar as consequências sensíveis que o evento teve na rotina da cidade. Como mencionado em capítulo anterior, existe uma dicotomia presente na relação do festival com os moradores da cidade, na qual estes apoiam e comparecem à iniciativa, ao mesmo tempo que em muito julgam os gastos com o evento e pedem mais iniciativas culturais por parte da Prefeitura.

Além disso, na cidade vem sendo reconhecida, ainda que passos lentos, uma cena alternativa de jazz e instrumental por parte dos artistas locais. Porém, tal cena não parece crescer muito além de esporádicos eventos independentes, em muito promovidos e apoiados pelos juventude de Rio das Ostras. O que estaria faltando para fazer decolar essa cena alternativa e tornar a cidade de uma vez por todas uma verdadeira Cidade do Jazz? De acordo com os artistas, apoio das autoridades, de acordo com as autoridades, a iniciativa dos artistas. Esse capítulo então visa também demonstrar esse impasse e analisá-lo de maneira imparcial.

Ainda no texto a seguir, será explorada a opinião dos moradores da cidade em relação ao evento, que tipo de apoio eles julgam necessário por sua parte, além do apoio que eles dão sem ao menos perceber. O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras é um evento que, como demonstrado anteriormente, apresenta uma carreira de estabilidade e, em determinado ponto de vista, de sucesso. Porém, onde se encaixa a população da cidade nesse contexto? Afinal, são eles que assistem as alterações que ocorrem em Rio das Ostras na época do evento e para eles que a cidade fica quando o festival vai embora.

Para explicar tais tópicos foi escolhida uma divisão de subcapítulos que prioriza abrir espaço para as três vozes em debate aqui: as autoridades, os músicos e os moradores. Dessa forma, visando melhor compressão, o texto permite que sejam analisadas cada parte desse debate em sua individualidade, antes que no subcapítulo final todas essas opiniões sejam cruzadas na tentativa de obter-se uma visão mais clara dos impedimentos existentes na propagação da cultura da cidade.

Assim, no primeiro subcapítulo serão apresentadas as visões de autoridades locais. O texto preferencia os depoimentos dados no contexto de explanarem as medidas que foram tomadas pela Prefeitura e Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico em prol de dar a cidade uma chance de absorver o festival e tomá-lo para

si em forma de cultura própria ou mesmo identidade. A ideia aqui é prioritariamente demonstrar como foi pensada a formação de público para o festival desde sua concepção. Foram previstas reações, mas também encontradas surpresas que obrigaram essas autoridades a se adaptarem as exigências e limitações que a população da cidade acabou por revelar.

Importante ressaltar que o depoimento de Stênio Mattos, produtor do festival desde seu início, está incluído nesse subcapítulo para vias de melhor compreensão, visto que esta é a categoria em que melhor Mattos se encaixa. Porém, é necessário distingui-lo dos demais entrevistados no contexto de que ele apenas se apresenta como autoridade quando colocado em referência ao Festival de Jazz & Blues, não ocupando nenhum cargo oficial na cidade.

No segundo subcapítulo serão apresentadas as entrevistas realizadas com músicos da cidade, em prol de melhor analisar a situação de Rio das Ostras e do festival, a partir do ponto de vista dos artistas locais. Para isso, foram entrevistados sete músicos no total, todos com algum tipo de próxima relação com festival. Por muito tempo da pesquisa a autora buscou uma figura de liderança na cena de música local, mas não encontrou um ator que parecesse ocupar tal posição. Assim, aqui serão explorados os depoimentos dados de maneira a avaliar as opiniões pessoais de cada músico, sem ser observada pela autora uma militância necessariamente de comunidade em qualquer uma das declarações – talvez estando mesmo aí um dos elementos chave para ausência de uma cena consolidada de música alternativa na cidade, mas mais sobre isso no texto a frente.

No terceiro subcapítulo serão explorados depoimentos dados pelos moradores de Rio das Ostras que não estão diretamente relacionados a uma cena cultural local. Foram realizadas entrevistas divididas entre moradores jovens e mais velhos, de modo a perceber as diferenças que a faixa etária estabelece na visão dos moradores em relação ao festival. O objetivo é demonstrar como o cidadão comum de Rio das Ostras é afetado pelo evento e como ele o percebe. Dessa maneira, visa-se descobrir se o festival já possui força suficiente na cidade a ponto de ter sido adotado pelos seus moradores, ou seja, de que maneira eles reconhecem esse evento, se é o que o fazem. Também busca-se entender se a cidade tem em seus cidadãos um público consumidor de jazz & blues e possivelmente um público produtor da tal Cidade do Jazz que Rio das Ostras se propõe ser um dia.

Por fim, no quarto subcapítulo visa-se cruzar as informações obtidas a fim de conseguir uma análise mais profunda sobre a situação social na qual se encontra Rio das Ostras e o Festival de Jazz & Blues. Também serão demonstradas as medidas realizadas por parte de artistas e autoridades que parecem objetivar talvez uma organização dessa cena de música local. Enfim, torna-se necessário então analisar as informações exploradas de modo a obter um consenso - ainda que provisório, considerando a velocidade intensa de mutação que sofre a cidade em relação a sua população – sobre o estado que se encontra a cena artística local e quais os possíveis futuros para esta.

### 3.1 As autoridades locais

Pelos acontecimentos descritos no Capítulo 2, é possível perceber que a edição de 2016 do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras foi realizada em meio a muita dificuldade e sob intensa descrença por parte dos consumidores e até seus realizadores. Porém uma vez que o evento aconteceu contra expectativas e, de certo modo, apresentou relativo sucesso em presença de público, um fator se revelou sobre a relação da cidade de Rio das Ostras com o festival. Se o evento realizado sem divulgação, sem alto investimento, sem feriados e em um período no qual o clima se mostrava de nenhuma maneira ideal, é capaz de obter um público razoável para suas atrações, então é possível afirmar com alguma segurança que o evento só precisa acontecer para que uma boa quantidade das pessoas da cidade compareçam.

De acordo com o produtor Stênio Mattos, tal comportamento mostra um pouco além. Mattos enxerga nessa participação do público um apoio declarado ao evento. Em entrevista, ele afirma:

Esse ano [2016] as pessoas foram imbuídas não com um olhar crítico, ninguém criticou. Foram lá comigo, falaram que não pode acabar, que está bonito apesar de todas as dificuldades. Elas compraram o festival.<sup>85</sup>

Tal declaração parte de um sentimento de orgulho do produtor, porém não pode ser tomada como realidade absoluta no contexto social que Rio das Ostras vive. Com os cortes aos *royalties* de petróleo da Bacia de Campos – localizada em Macaé -, a cidade se encontra em um período de recessão econômica, no qual qualquer gasto precisar ser avaliado em imensa exaustão e ainda assim provavelmente não irá preencher unanimemente a lista de prioridades de todos os cidadãos da cidade. Mas

---

<sup>85</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

um fato se mantém: em um período de crise, no qual um gasto alto foi realizado por razão do festival, parte da população compareceu ao evento e, como observado nos depoimentos descritos em capítulo anterior, em muito aprovaram a realização da festa.

Considerando a popularidade recente de festivais (MAUSSIÉ, 2014) em um contexto abrangente seria simples entender a intensa participação da população em um evento que pode não possuir total de aprovação em sua realização. A pesquisadora Maussier (2014) delimita algumas possíveis razões para a atual popularidade desse tipo de evento:

Múltiplos fatores explicariam o crescimento do número de festivais e a procura do público por estas produções. Seriam eles, a crise das tradicionais instituições culturais (universidade, escolar, família); a péssima qualidade dos conteúdos televisivos, o aumento da renda e do tempo livre; a escolarização das massas; o desenvolvimento das tecnologias; a democratização da cultura. (MAUSSIÉ, 2014; p. 09)

Dos fatores citados, nota-se que a “democratização da cultura” vem em destaque. Percebendo que o festival se posiciona de maneira gratuita e aberta, espalhado por diversos locais da cidade - fator que em si justificaria a presença dos consumidores da região, a partir do fácil acesso ao evento -, nota-se então que nesse elemento de democratização talvez esteja presente uma grande parte da razão para a presença do cidadão riostrense no evento – em outras palavras, o riostrense vai ao festival porque ele pode e porque é fácil fazê-lo.

Ainda, de acordo com Bennet, Taylor & Woodward (2014), os festivais podem ser vistos como “parte integrante da paisagem cultural contemporânea e como os principais locais que inspiram a comunidade, a crítica cultural, a mobilidade social e a mudança” (BENNETT, TAYLOR & WOODWARD, 2014; p. 20). Assim, percebe-se que além de mundano entretenimento – razão que por si já justificaria em suficiente o apoio ao evento -, os festivais possuem em si uma carga social muito intensa. Sendo eventos de longa duração, apoiados em temáticas fixas e embasados em pilares culturais, o que os festivais proporcionam de um modo geral seria um encontro e, nesse contexto, uma possibilidade da sociedade riostrense debater, produzir e compartilhar. Nota-se aí mais um atrativo do evento e mais uma possível razão pela qual o festival apresenta tanto apoio por parte do público riostrense.

Porém, mesmo ao tornar-se mais clara a posição de vantagem que a realização de um festival automaticamente possui no cenário de cultura no contexto atual, é

preciso manter em mente que o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras surgiu em um outro período temporal. O evento ensaiou seus primeiros passos com o Festival de Instrumental em 2000 e só aconteceu oficialmente em 2002. Assim, julga-se necessário analisar-se mais profundamente esse início e a transição em popularidade que o evento sofreu desde então. Dessa forma, talvez seja possível perceber em maior clareza como se deu a formação de público para o festival e o que tal processo diz sobre a configuração atual do evento. De acordo com Mattos:

Nos primeiros eventos tinham umas 200 pessoas, mas era um lugar paradisíaco, na areia da praia. Os artistas iam para lá, ficavam de manhã, passava eles davam aula na escola de música que estava começando, faziam um workshop, faziam show e depois voltavam. [...] pra frente os shows já começavam a ter mais de 1000 pessoas, no final de 2002, na praia, com uma divulgação mequetrefe.<sup>86</sup>

Edmilson Oliveira, assessor da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico de Rio das Ostras, já trabalhava na Secretaria nos primeiros anos do evento e participou da realização dos primeiros shows do Festival de Instrumental. Ele confirma a percepção de Mattos e acrescenta uma observação pessoal: para ele a população de adeptos ao gênero musical Jazz & Blues cresceu após a realização do evento. De acordo com ele:

A população, independente de curtir a música ou não, sempre estão presentes. Eles vão lá nem que seja para passear, eles estão no evento. Tem crescido cada dia mais esse pessoal. E tem uma galera que passou a gostar mesmo. [...] Realmente está acontecendo, a galera esta se aproximando do estilo musical, estão surgindo novos adeptos, está valendo a pena.<sup>87</sup>

Assim, percebe-se duas importantes observações que muito indicam na maneira como as autoridades responsáveis pelo festival lidam com os consumidores do evento. De acordo com o depoimento de Mattos percebe-se que houve um aumento significativo no número de consumidores do festival a partir da primeira edição deste. Já analisando a declaração de Oliveira, percebe-se não só uma presença do consumidor, mas uma possível absorção do gênero anteriormente desconhecido a partir do acesso a este e da maneira como este foi disponibilizado.

É importante ressaltar que nenhuma das opiniões declaradas acima necessariamente indicam um fator determinante e indicativo de uma situação real da relação sociedade e festival que ocorre em Rio das Ostras. O que os depoimentos indicam é a percepção que membros significativos das autoridades locais tem dos

---

<sup>86</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

<sup>87</sup>OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014.

acontecimentos que se deram durante o evento e o que essa percepção acrescenta a pesquisa em pauta é exclusivamente a maneira como essas observações podem definir as medidas que são tomadas na execução do evento – estando elas de acordo com a realidade ou não.

Ainda importante levar-se em conta os fatores descritos por Mattos e Oliveira para perceber que de uma maneira ou outra a absorção que eles julgam ter ocorrido do evento pela cidade parece ter pego as autoridades responsáveis pelo festival de surpresa. Busca-se então entender que fatores além da facilidade de acesso e da popularização recente dos festivais podem ser contribuintes para que essa formação de público tenha acontecido tão naturalmente entre os riostrenses.

A ideia de festival pode ser definida como “um momento de celebração que reúne várias pessoas, cuja duração pode se estender no tempo e comportar outros eventos” (COLLINS, 2013, FALASSI, 1987 apud. LINS & SANTOS, 2016; p. 04). Dentro desse contexto percebe-se um atrativo muito claro para a presença do público no festival, indiferente à música sendo tocada. Em si o compartilhamento da experiência com outros em uma cidade de poucos eventos já demonstra uma possível fonte de interesse. Ainda, a partir do momento que pessoas adeptas ao ritmo se encontram presentes no evento, há uma intenção por trás de outros consumidores menos conhecedores da música de simplesmente compartilhar da mesma experiência. Afinal, “consumimos como ritual de participação em grupos aos quais desejamos pertencer e para nos diferenciar de outros, com os quais não desejamos ser ou parecer associados” (BRANDINI, 2007, p. 157). Ou seja, de uma maneira curiosa a presença de alguns consumidores atrai a presença de mais consumidores, estes em busca de experimentar o que o outro – próximo ou estranho – parece estar aprovando. Por si, a próprio grupo de duzentas pessoas em um evento, permite que no próximo outras oitocentas passem a querer participar também.

Em contexto ideal para a sobrevivência de um evento cultural deste porte, é nesse processo que se formariam tribos na sociedade, estas designando ao festival sua garantia de estabilidade pelos anos que se seguem. O conceito de neo-tribalismo aqui mencionados está ligado ao estudo de Maffesoli (1987), o qual percebe “a emergência de novos tipos de sociabilidade, onde grupos afinitários se aglutinam em torno de temáticas pontuais de caráter lúdico ou estético, por exemplo” (MAFFESOLI, 1987 apud. CASTRO, 2007; p. 03). Assim, talvez ainda não se identifique necessariamente uma tribo única entre os consumidores do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras,

porém é possível perceber algumas tribos individuais entre si, que se formam em torno do evento e podem talvez representar esse público consumidor formado que as autoridades da cidade afirmam existir.

Pensa-se aqui então que o que pode ter vindo a surpreender as autoridades responsáveis pelo festival na sua atração ao público local é a posição anterior deste em possuir um suposto gosto relacionado a outros gêneros musicais e outros modos de expressão cultural – muito citados entre as preferências do público local até o surgimento do festival estão os blocos de carnaval e o *axé music*, por exemplo. Porém, tal ideia além de demasiada limitada atribui um fator ao conceito de “gosto” que não parece se definir ao longo da história humana, uma imutabilidade. De acordo com Landowsky (1997):

o gosto [...] em um primeiro momento, está associado ao sujeito que teria um “gosto pessoal e singular; um sistema próprio de “atrações e repulsões”. Assim, declarar o gosto é afirmação de identidade e estratégia de visibilidade, tomando parte de nossos rituais de encontro societal, de identificação e demarcação de diferença [...]. Importa nesta definição do que se gosta, mas também, como se gosta do que se gosta. (LANDOWSKY apud. ROCHA & SILVA, 2007; p. 07)

Assim, nota-se que o gosto do riostrense vem em muito atrelado aquilo que é definido como um elemento de qualidade e o qual é exposto ao público em intensidade. A população da cidade já parece ter demonstrado o suficiente que está disposta a conhecer novos modos de cultura e mesmo apoiá-los em seus momentos de defasagem. Porém, ainda assim, existe um curioso isolamento quando se pensa o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras como fenômeno cultural na cidade. Diversos outros evento foram testados e realizados durante os catorze anos de festival, e apenas este se manteve. O prefeito da cidade em 2016, Alcebiades Sabino, reconhece que apenas o festival não mantém por si a cena cultural da cidade e que talvez sejam necessárias outras estratégias para que mesmo este se mantenha em ativa. De acordo com ele:

Não é uma medida que isolada funciona. O Festival de Jazz sozinho não funciona. A gente aqui em Rio das Ostras já trouxe o Teatro Municipal para dançar em praça pública. A gente já trouxe a Orquestra Sinfônica Brasileira para tocar na praia para gente. Na verdade a cidade vem construindo isso devagar com muito esforço, não é por acaso. A cidade vem construindo um aparato do ponto de vista da cultura, de registrar a história da cidade, de fazer publicações e preparando documentários.<sup>88</sup>

<sup>88</sup>SABINO, Alcebiades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

Assim, a prefeitura parece declarar um esforço em possibilitar essa variação no “gosto” do riostrense. O prefeito assume as medidas culturais que já foram aplicadas na cidade como um esforço para criar uma cultura inicial que mais tarde promoveria um sucesso em iniciativas criativas em Rio das Ostras. Porém, para que tais estratégias dessem resultado, seria necessário partir da população da cidade o interesse de também se envolver na produção desses eventos, ao invés de só apoiá-los em presença. Dessa maneira, ainda que em dúvida confiança em suas medidas de incentivo à cultura local – tais estratégias serão questionadas no subcapítulo a seguir – percebe-se ao menos uma percepção por parte da prefeitura de que o fenômeno que se intenciona na cidade, no qual o festival não seria apenas um evento isolado e sim a epítome de uma identidade social constante em Rio das Ostras, depende de outras medidas de incentivo que não só a realização desse um evento.

Em um outro ponto, é possível que um fator fundamental também na constante popularidade do evento, mas principalmente na construção de uma cena alternativa de cultura em Rio das Ostras, seja a incidência de jovens na cidade envolvidos em ações criativas. O fato foi observado pela Secretária de Turismo, Carla Ennes:

De uns tempos para cá o povo da cidade começou a querer participar também. Acho que muito da instalação também da UFF, do curso de produção cultural. O pessoal mais jovem... a gente viu que quando veio o curso de produção cultural, o público do festival, ele ficou mais jovem. Porque no início a gente viu o pessoal mais velho participando do festival e aí depois a gente conseguiu observar de uns anos para cá que o público mais jovem estava presente, pessoal de vinte e poucos anos...<sup>89</sup>

Essa juventude apontada por Carla Ennes se mostra em intensa participação durante o festival. Talvez sejam eles os maiores consumidores da experiência mencionada anteriormente, visto que parte deste o desejo de encontro em uma cidade que pouco oferece em alternativas de entretenimento. De acordo com Borelli & Rocha (2008):

ser jovem significa responder por inserções singulares e experimentar, de forma conflituosa: a hierarquia de classes; as desigualdades sociais; a maior ou menor exposição à violência e os limites entre vida e morte; as condições de gênero, etnia, nível de escolaridade, qualidade de moradia, pertença familiar; a diversidade cultural; o acesso ou a exclusão ao consumo; a participação política, cultural, comunitária; o protagonismo juvenil. (BORELLI & ROCHA, 2008; p. 04)

Ou seja, percebe-se que a juventude possui uma importância incalculável na definição de um elemento de identidade cultural, visto que é esta quem participa,

---

<sup>89</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

julga e está obrigatoriamente envolvida em qualquer aspecto que define uma sociedade. Afinal, se o jovem riostrense decide assumir para si a identidade do jazz & blues como parte de sua rotina, é dele que viria um futuro cenário cultural para cidade - de maneira indireta é ele quem define os caminhos pelos quais as estratégias políticas irão se encaminhar. Mais sobre esse fator será abordado quando se explanar os depoimentos recolhidos de moradores e artistas locais. O importante por ora é perceber que a prefeitura reconhece a presença desse público jovem participante dos eventos culturais da cidade, em particular do Festival de Jazz & Blues – as decisões tomadas a partir desse conhecimento devem apenas ser entendidas como realizadas em contexto tal.

Talvez então parta desse conhecimento as medidas tomadas pelas autoridades em reflexo ou contexto do festival que acabaram por direta e indiretamente auxiliar na formação de muitos dos artistas locais. Sobre essas medidas, Carla Ennes declara:

A gente já tinha uma escola de música, que funcionava dentro do centro de formação artística, que era ligado a Fundação de Cultura e aí a gente tinha um movimento dessas alunos também. Tanto que os músicos que vinham se apresentar, eles já vinham com a disposição de dar um workshop pros alunos da cidade. E aí depois com o curso de produção cultural, a gente estendeu esse workshop não só para a área musical, mas os produtores que trabalhavam no festival também davam pra falar de como acontecia e como era feito o festival.<sup>90</sup>

Assim, percebe-se que por meio da Fundação de Cultura (FROC) houve um apoio a formação de músicos na cidade. Porém, tal investimento aparentemente limitou-se à viabilização da construção de possíveis atores para uma cena musical local, sem o incentivo direto de como definí-la ou necessariamente apoio a quaisquer iniciativa que pudesse vir a surgir disso. Porém, por parte dos realizadores do festival particularmente, há um reconhecimento de que este segundo apoio talvez não fosse uma obrigatoriedade. De acordo com Stênio Mattos:

o Festival já foi detonador de um monte de coisa, da Casa de Música, do curso de produção cultural da UFF [Universidade Federal Fluminense], da Orquestra Karup, que foi incentivada pelo Festival - todo ano eles abrem. A gente fazia a coisa e depois dava para a cidade, não cabia mais à gente.<sup>91</sup>

### **3.2 Os artistas locais**

Em 2014 o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras inovou em sua programação. O evento sempre teve espaço para músicos novatos na cena musical,

<sup>90</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

<sup>91</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

representado pelo palco Novos Talentos, usualmente alocado na Concha Acústica, todo sábado e domingo de festival pela manhã. Esse espaço lançou alguns músicos da cidade que mais tarde se tornaram referência internacional, como Luiza Cazé e Deanna Bogart – ambas retornaram ao evento anos depois e agradeceram em palco a oportunidade. Além disso, como mencionado anteriormente por Stênio Mattos, a Orquestra Karup de Rio das Ostras sempre abre os shows do festival.

Assim, quando surgiu a iniciativa de organizar um concurso de bandas locais para tocarem no festival, a medida não foi recebida com particular surpresa, afinal esta vinha dentro de um contexto rotineiro para o evento. Apoiar as bandas locais é um benefício no sentido econômico, visto que o festival passa a ter música de qualidade e público garantido por um valor módico e no sentido cultural, já que o evento ganha um apoio extra da população. Em 2014, Edmilson Oliveira falou sobre os primeiros planos em relação ao concurso:

Foi lançado até um concurso que vai acontecer durante lá o meio da semana. E estavam se cadastrando as bandas regionais, não especificamente da cidade, regionais. E elas tem que preencher uma série de requisitos e, dentro disso, vão competir entre elas para ver quem abriria um show em uma determinada semana. Então a coisa parece que tá fluindo. Não era da nossa cultura o jazz e o blues, mas tá pegando.<sup>92</sup>

Assim percebe-se logo um reconhecimento das autoridades em relação a existência de uma cena local de jazz & blues e até mesmo uma vontade de fazer uso desta. Tudo dentro de um contexto coerente. O que talvez tenha de fato fugido às expectativas foi a intensa maneira como a medida foi recebida. Em primeira entrevista com Stênio Mattos, em 2014, a autora coincidentemente estava presente quando foram contabilizadas o número de inscrições no concurso. Houve um espanto geral por parte da produção do evento. Sobre o fato, Mattos declarou:

Foram 55 inscritos. Foi banda pra caramba. Eu fiquei: de onde surgiu tanta coisa? E tudo garoto. A maioria, muitos caras que trabalharam pra mim como ajudante, carregador... *(produtor interrompendo) Isso foi muito legal. A quantidade de banda da região. Bombou, impressionante.*<sup>93</sup>

Ainda, mais tarde, em 2016, o produtor afirmou sobre a medida:

Eu criei um concurso no ano retrasado de instrumental. Naquela região, não abri pro Brasil inteiro. As bandas se inscreviam, eram selecionadas por nós. E fizemos na terça e na quarta-feira antes de começar o festival. Quem ganhasse já nesse ano daria uma palhinha, mas no ano seguinte era contratado para o palco principal. Foi um sucesso.<sup>94</sup>

<sup>92</sup>OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014.

<sup>93</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.

<sup>94</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

Assim, considerando a surpresa da produção do evento, questiona-se de onde vieram esses grupos musicais. Afinal, embora algumas medidas tenham sido incrementadas de modo a proporcionar a possibilidade da formação de atores para uma cena musical na cidade, nada foi feito que definiria uma quantidade tão intensa destes. Em entrevista com alguns músicos locais, percebe-se que as histórias variam. De acordo com Júnior Muniz, contra-baixo, o movimento foi começando de maneira pouco ambiciosa e ganhando força. Ele conta:

Um músico de Macaé, Gabriel Santiago, propôs a ideia de criarmos um grupo de estudos. Dentro dessa correria como professor, como músico, acompanhando artistas da cidade, a gente tentava reunir umas horinhas do nosso tempo.<sup>95</sup>

Outro membro do mencionado grupo de estudos, Eduardo Bruno, saxofonista confirma: “A gente pegava os estudos e ia tocar. A gente fazia festa corporativas, em restaurantes. No Botequim do Adonias, em Macaé, a gente inaugurou a casa com Jazz”. Ambos músicos contam que aprenderam a tocar na Igreja e se desenvolveram a partir desses estudos. Em realidade durante as entrevistas percebeu-se que muitos dos artistas locais tiveram em centros religiosos suas primeiras experiências com a música. Diego Freitas, baterista, conta seu primeiro contato com um gênero diferente do típico da cidade:

O filho de um pastor me apresentou um disco do Ed Motta, ali foi o divisor de águas, aí fui aprofundando. Com 16, 17 anos vim para Macaé e conheci esses caras. Conheci eles num bar. Aí me tornei do *holding* do baterista deles. E assim fui entrando no circuito.<sup>96</sup>

Os “caras” que o músico cita são os mesmos que pertenciam ao tal grupo de estudos anteriormente mencionado. De acordo com os artistas, os encontros aconteciam em uma Igreja em Unamar – praia/bairro localizado em Cabo Frio, a apenas 17 km de Rio das Ostras. Os artistas narram o espaço como uma “tenda”, que com o tempo se tornou “quase uma Casa de Cultura”.

É interessante então perceber alguns fatores revelados nos relatos acima. Primeiramente a importância das igrejas em um papel de lecionar e possibilitar espaço para o desenvolvimento de músicos locais. É curioso repensar a função de um determinado seguimento territorial; é de uso pensar igrejas como espaços de oração, contemplação ou mesmo limitação, dependendo da opinião pessoal do observador. Porém aqui, a igreja vem em conjunto com as Casas de Cultura locais como um

<sup>95</sup>JUNIOR, Geraldo Muniz. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

<sup>96</sup>FREITAS, Diego. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

grande motor para a engrenagem artística; de certa forma, alterando seu significado comum e tornando-se relevantes em mais meios do que aquele que em primária visaria se posicionar.

Uma outra curiosidade a perceber sobre os músicos entrevistados é que estes parecem ter entrado em um meio artístico por vontade própria e inicialmente sem incentivo ou influência alguma das autoridades locais. Percebe-se então de maneira curiosa, a cidade de Rio das Ostras possivelmente já possuía potencial artístico para uma cena de jazz muito antes do festival chegar a cidade. É muito simples atribuir à organização e idealização do evento o sucesso que este teve ao longo dos anos – embora seja inegável o valor de tais –, mas talvez, de certa maneira, o potencial público para o jazz & blues sempre tenha existido em Rio das Ostras, eles apenas não tinham onde focar sua atenção até o momento de chegada do evento.

Mas se é possível perceber a presença dessas bandas e artistas que em si são suficiente para constituir uma cena local definida, qual seria a razão por trás da ausência de eventos paralelos ao festival? O evento prova que possui público e percebe-se pelos depoimentos coletados que também existem produtores, o que então estaria faltando para consolidar essa cena em completo proveito para a cidade?

O músico local Magno Silva, baterista, também comentou em depoimento a ausência de entretenimento do gênero fora do período do evento em contraste com a presença de um público constante para o tal: “chega perto do festival eu falo ‘Graças a Deus, está chegando o Jazz, vou ouvir música boa’. E a galera daqui curte muito o Jazz, eu já reparei”<sup>97</sup>.

Voltando ao concurso de bandas locais, a medida foi de fato bem sucedida para aquilo que visava cumprir em primeiro plano. A banda vencedora, chamada Segundo Set, de fato tocou por alguns minutos durante a edição de 2014 e abriu o palco principal da Costa Azul em 2015. Porém, esses pequenos incentivos não parecem ter composto uma grande mudança para a cena local de música da cidade ao longo dos anos. De acordo com Diego Freitas: “se a gente for hoje depender do Jazz, a gente morre de fome e anda pelado”<sup>98</sup>. O contra-baixo, Júnior Muniz, concorda: “a gente não vê nenhum movimento no Jazz além do Festival”<sup>99</sup>. Os músicos contam em depoimentos que em grande maioria os bares e restaurantes locais não aprovam o

---

<sup>97</sup>SOUZA, Magno Silva. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

<sup>98</sup>FREITAS, Diego. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

<sup>99</sup>JUNIOR, Geraldo Muniz. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

repertório de jazz & blues. Assim, a maior parte das apresentações que os artistas realizam fora do período do festival são em um contexto de música ao vivo em comércios locais, mas em geral com um repertório baseado em músicas típicas da região litorânea – o *axé music* novamente citado como exemplo.

Diego Freitas conta: “o Segundo Set tem um show montado de jazz que a gente fez uma ou duas vezes. E nos colocaram num horário que não tinha ninguém”<sup>100</sup>. Essas ocasiões citadas pelo músico seriam mesmo durante o Festival de Jazz & Blues. Assim, fica a questão: é possível perceber de que maneiras o festival parece estar apoiando a cena local de jazz & blues, porém o que estaria fazendo a prefeitura em medidas paralelas ao evento? De acordo com os músicos, não muito.

Em depoimento, Júnior Muniz questiona:

Como que pode uma Cidade do Jazz não ter jazz? Aí fizeram o Música da Cidade, ok. Mas quando teve o Festival de Jazz a primeira vez na cidade, todos os bares, todos os restaurantes tinham o Jazz. Porque a galera ia dar canja depois dos shows.<sup>101</sup>

O fenômeno que Muniz comenta seriam as *jam sessions* que aconteciam nos primeiros anos do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Idealizadas pelo Secretário de Turismo da época, Gilberto Menezes, os eventos permitiam que os comerciantes locais tivessem um benefício direto da vinda das bandas para a cidade. Afinal, os bares locais lotavam quando, após os shows, grandes nomes do Jazz & Blues nacional e internacional iam dar uma palinha nos espaços.

De acordo com Menezes<sup>102</sup>, além do incentivo óbvio ao comércio, a medida também tinha em intenção apresentar aos riostrenses que não conheciam ainda o evento o gênero que era tocado e, a longo prazo, “criar” nos moradores locais um desejo de ouvir jazz fora da época do festival. A medida foi tirada de voga por Stênio Mattos após a saída de Menezes da Secretaria. A razão para tal justificada pelo produtor seria que os eventos em muito dificultavam a vinda das bandas – a maioria não queria tocar em bares – e acabava usando recursos - que poderiam ser viabilizados para outras estratégias de engrandecimento e popularização do festival – em uma medida que acabava beneficiando apenas alguns comércios específicos e não trazendo muito retorno a curto prazo.

<sup>100</sup>FREITAS, Diego. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

<sup>101</sup>JUNIOR, Geraldo Muniz. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

<sup>102</sup>MENEZES, Gilberto. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

É difícil definir com alguma certeza qual dos pontos de vista se mostra como mais apropriado em relação aos acontecimentos em Rio das Ostras. De fato a menção dos eventos feitas por Júnior Muniz demonstra que as *jam sessions*, limitadas como eram, causaram algum impacto na futura conjunção de artistas da cidade. Muniz descreve a medida como parte de um movimento que ajudaria os artistas locais a se firmarem em um cenário musical paralelo ao festival e talvez definisse melhor Rio das Ostras como a Cidade do Jazz que Gilberto Menezes idealizava. Porém, a estratégia de Mattos de engrandecer o evento e concentrar suas atrações em um espaço de maior estrutura e mais fácil acesso teve reconhecido resultado – afinal, o festival cresceu muito público com o tempo e talvez parta daí muito da sua sobrevivência quando comparado a outros eventos locais que foram abandonados com o tempo.

Talvez em prol de esclarecer de que modo essas medidas se tornam bem sucedidas ou não, seja fundamental mesmo pensar quais os objetivos de cada um desses atores em relação ao evento e nesse contexto analisar as estratégias que foram utilizadas em respectivo. Dependendo da opção que fosse definida, ou ainda for, como linha a ser seguida na produção do festival, a cidade de Rio das Ostras talvez se portasse de maneira diferenciada em relação a sua identidade como Cidade do Jazz.

É importante então entender que se anteriormente havia durante o festival uma intenção de captar o público da cidade de modo a incentivá-lo em produzir conteúdo futuramente, tais medidas foram abandonadas como metas principais e substituídas por esporádicas estratégias de incentivo, que em não muito se seguram em longo prazo. Ao invés de julgar tais intenções, pretende-se por ora apenas estabelecer que tais escolhas tiveram um impacto na cena da cidade e que no momento atual talvez esse impacto não seja em completo positivo para a cena artística local.

### **3.3 Os moradores de Rio das Ostras**

Já foi mencionado anteriormente a aceleração que os habitantes de Rio das Ostras observaram da década de 90 para os dias atuais, mas importante relembrar-se neste momento em prol de melhor compreender o contexto no qual se encaixa os depoimentos dados a autora pelos entrevistados. Rio das Ostras só teve sua emancipação político-administrativa em 1992, mas desde então e com a construção e exploração de petróleo da Bacia de Campos em Macaé (28 km de Rio das Ostras), a cidade passou a apresentar um crescimento populacional de até 11% ao ano –

considerado o maior do estado -, em uma área territorial de 232 km<sup>2</sup>. Atualmente a cidade tem uma média de 115 mil habitantes, distribuída em uma área territorial de 229,50 Km<sup>2</sup> de extensão, com mais de 90% na zona urbana do município<sup>103</sup>.

Assim, percebe-se que a população atual de Rio das Ostras se compõe em grande maioria por turistas, algo que – como mencionado em capítulos anteriores – não é um fator histórico incomum para a cidade, porém ainda assim delimita-se como um elemento que em muito faz diferença na hora de analisar seus habitantes. Muitos moradores de Rio das Ostras não moram na cidade por todo o ano, ainda muitos de seus jovens saem para fazer faculdade, dando lugar a novos estudantes que vem de outros estados fazer ensino superior na cidade. Dessa maneira, a população de Rio das Ostras está sempre em movimentação, possuindo uma dinâmica de gostos, características e desejos variados. Aiana Queiroz, 23 anos, formada pelo curso de produção cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF), nascida na cidade, observa esse fenômeno:

É notório o crescimento da população riostrense nos últimos 15 anos, isso se deve principalmente pela chegada das empresas petrolíferas na cidade de Macaé. Ainda, durante o festival, a cidade fica cheia de turistas não só da região dos lagos e baixada litorânea mas de toda América Latina.<sup>104</sup>

A riostrense Ana Maria da Silva, de 50 anos, riostrense, também confirma a dinâmica:

De anos para cá vem modificando, foi sendo construídas bastante casas, lojas. No primeiro governo do Sabino teve muita mudança, modificou muito a cidade. No momento agora com a crise não tem como julgar, a gente nem pode culpar ele. Mas ele fez muita coisa boa, isso ele fez.<sup>105</sup>

Nota-se aqui que dois pontos são definidos como diversificadores da população na cidade. O primeiro a exploração na Bacia de Campos, já mencionada anteriormente, e o segundo o Festival de Jazz & Blues. Levando-se em consideração o contexto no qual as entrevistas foram realizadas – todos os entrevistados estavam ciente da temática de pesquisa da autora – toma-se aqui a liberdade de assumir que o festival é incluído nessas respostas em reflexo direto ao que o entrevistado acredita ser necessário em sua resposta. Assim, definindo este fator, pretende-se apenas julgar que embora, sim, o festival tenha grande influência na diversificação da população local, seja atribuído em relativa medida a mesma capacidade a outros eventos que

<sup>103</sup> Dados municipais divulgados no sítio oficial da Prefeitura de Rio das Ostras. Disponível em: <<http://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-do-municipio.html>>. Acesso em 15 de julho de 2016.

<sup>104</sup> QUEIROZ, Aiana. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 14 dez. 2016.

<sup>105</sup> SILVA, Ana Maria. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

promovem o turismo na cidade – entre eles, por exemplo, o encontro de motoqueiros Ostracycle. Ainda assim, é importante perceber que o festival vem de encontro a uma característica aparentemente típica de Rio das Ostras de estar sempre em dinamização quando tomada em conta sua população.

Mas de que maneira essa dinâmica influencia na recepção dos moradores da cidade em relação ao evento? Talvez a resposta esteja no fato de que por estarem sempre em contato com novidades provindas de constantes novos moradores e conseqüentemente novos costumes, a cidade de Rio das Ostras possua em seu cerne uma sociedade naturalmente adaptável, que possivelmente se coloca aberta a novas experiências a partir do momento em que estas se mostram disponíveis.

Em um novo ponto, de acordo com análise de Kellner (2006), realizada por Rocha & Castro (2007):

Kellner entende que a vida cotidiana seria permeada por diferentes níveis de espetáculo. O espetáculo é mesmo descrito pelo autor como “um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana” (2006:119), estendendo-se por campos tão diversos quanto o comércio, a política, os esportes, a moda, a arquitetura, o erotismo, as artes e o terrorismo, por exemplo. (ROCHA & CASTRO, 2009; p. 50)

Assim, percebe-se que o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, mesmo quando situado em um período fixo e não necessariamente influenciador de uma cena artística local, posiciona-se como um espetáculo em meio ao cotidiano e, dentro desse contexto, afetaria a rotina da cidade mesmo quando não está presente. Afinal, é possível reconhecer rastros do evento por Rio das Ostras durante todo ano. Alguns bares mantêm uma temática de jazz quase que desconectada ao seu contexto real, grafites são espalhados pela cidade em referência ao gênero e, ainda, todo evento paralelo que ocorre em um contexto instrumental parece estar naturalmente em comparação com o festival. Muitos moradores declararam em entrevista, por exemplo, que assumem estar diante de um evento derivado do festival toda vez que esbarram por uma amostra artística na cidade. Ou seja, por mais que não seja aplicado um rico conceito de jazz que vai além das imagens e solidifica em fato a presença da música na cidade constantemente, o festival já é existente na cabeça dos moradores da cidade, mesmo aqueles que não necessariamente o frequentariam.

Talvez uma razão para essa existência constante ainda que em conceito, mais que em prática, seja a característica apontada pela professora Ester Hortêncio, 22 anos, riostrense:

As opções de entretenimento na cidade nunca foram amplas, atualmente alguns coletivos proporcionam experiências legais, como o Coletivo Mucambo que faz ocupações culturais com exposição de fotografias, música, desenho, culinária, etc. Costumo viajar para cidades próximas, Rio de Janeiro, Paraty, Aldeia Velha, sempre que rola algo que me chame atenção.<sup>106</sup>

Ou seja, a parte ao Festival de Jazz & Blues, como mencionado anteriormente, não parece existir muitas oportunidades de experiência cultural. O coletivo mencionado pela moradora, Mucambo, foi criado em novembro de 2016 e apresentar performances pela cidade, na intenção de uma ocupação do espaço urbano. Porém, devido a sua recente criação, o movimento ainda encontra-se desestruturado, com poucas ações registradas.

Assim, percebe-se que existe um desejo por parte dos moradores de maior diversidade em alternativas culturais, até mesmo fugindo do escopo do jazz & blues. Principalmente, a autora identifica nos jovens com quem conversou uma inquietação em relação ao que a cultura local oferece. Parece existir uma necessidade por parte da juventude de experimentar e compartilhar, além do consumir quando se toma em considerações eventos culturais.

Rocha & Silva (2007) afirmam sobre a cultura de consumo dos jovens: “seus códigos visuais dizem ao mundo dos seus pertencimentos e de suas perplexidades. O seu consumo reafirma os traços de sua subjetividade na composição do social (ROCHA & SILVA, 2007; p. 15). Ou seja, não é apenas uma forma de diversão puramente que o jovem riostrense parece procurar em seus movimentos culturais, eles precisariam de uma maneira de expressão que tende a ser definida quando explorada em grupo, em geral em formatos de consumo. É a partir da chamada “moda de consumo” (CRANE, 2006) que se delimitada muito do que é definido sobre a personalidade do jovem. Sobre o conceito, define Crane (2006):

Na moda ‘de consumo’, que substituiu a de classe, há muito mais diversidade estilística e muito menos consenso sobre o que está ‘em voga’ em determinada época. Em vez de se orientar para o gosto das elites, a moda de consumo incorpora gostos e interesses de grupos sociais de todos os níveis. (...) A moda de rua é criada por subculturas urbanas e oferece muitas ideias para modismos e tendências. (CRANE, 2006; p. 273-274)

Assim, falta a juventude riostrense ainda uma cultura definida em sua posição de subcultura urbana. Embora sejam observadas tribos que se evidenciam principalmente durante os eventos culturais que acontecem na cidade, falta força e

<sup>106</sup>HORTÊNCIO, Ester. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 14 dez. 2016.

definição para que essa cena se organize e conseqüentemente tenha maior impacto na rotina da cidade.

Mas haveria então uma indisposição por parte dos moradores em relação ao festival que consome boa parte da verba destinada a cultura da cidade, principalmente quando considera-se a ausência de incentivo a outros eventos que os artistas locais declaram existir? A resposta varia em conceito. Não, diretamente nenhum dos moradores entrevistados e mesmo aqueles com os quais a autora engajou conversas informais ao longo do período de pesquisa demonstrou recusa direta a existência do evento. Porém, embora tal fator defina uma predominante aceitação do evento, isso não significa que essa aceitação transite com facilidade para o debate em relação ao uso de verbas especificamente, como poderá ser observado no subcapítulo seguinte.

### **3.4 Cultura em debate**

Agora que foram explorados os pontos de vistas de três partes importante na cena social de Rio das Ostras, torna-se possível colocar os argumentos dados em perspectiva cruzada. Afinal, os pontos de vistas de autoridades, artistas e moradores em muito convergem, porém em fatores essenciais acabam por em muito discernir. Sobre a cultura dos festivais, Lins & Santos afirmam:

Os festivais se convertem em uma espécie de fórmula mágica pela qual é possível, além de refazer a sociedade, encontrar bálsamo para diversas questões em ebulição na nossa vida social – como a necessidade de movimentar a economia das cidades, gerar postos de trabalho, atrair a atenção do público e ocupar o tempo livre – conformando e modificando a comunidade em múltiplos aspectos, atuando especialmente como lastro identitário e lugar para aprender. (LINS & SANTOS, 2016; p.11)

Assim, percebe-se que de maneira não proposital, o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, quando somado às questões que o cercam, acaba por revelar muitas das dinâmicas presentes na cidade. A relação entre autoridades, artistas e moradores se revela tensa e em muito em pouca proximidade. Nota-se que embora exista da parte da prefeitura uma intenção de apoio a comunidade local, tal é colocada em prática de maneira superficial e em pouco parece de fato ajudar a cena artística local. O festival pode não ser o causador de muitas dessas questões, porém a partir dele é possível observá-las e arrisca-se inclusive afirmar que em sua conjuntura revela-se um organismo que em pequeno porte emula as relações que podem ser vistas acontecendo na cidade durante períodos fora da época do festival.

Porém, como mencionado diversas vezes anteriormente, ainda que com questões e limitações, há em grande parte um apoio da população em relação ao evento. Questiona-se então se tal apoio se estenderia a ponto de forma uma rede de ativismo em torno do festival – ponto chave nessa pesquisa se pretende-se perceber o quanto da cultura local absorveu o evento e quais as suas possibilidades de sobrevivência dentro do cenário econômico atual. De acordo com o prefeito em exercício em 2016, Alcebíades Sabino, esse ativismo existiria. Ele conta:

No terceiro ano do Festival, no mandato seguinte ao meu, o festival foi profundamente ameaçado. A nova gestão entendeu que não deveria prosseguir com Festival de Jazz e a gente teve que fazer uma militância muito grande na cidade para fazer uma espécie de pressão sobre a nova administração para não desistir do festival. Isso ocorreu e o festival vem a cada ano se firmando. [...] Eu acho que também do ponto de vista conceitual, a sociedade, tanto moradores, quantos empresários, começaram a compreender um pouco melhor. [...] Hoje há pressão para realização do Festival de Jazz por parte da sociedade para a prefeitura.<sup>107</sup>

A ameaça descrita por Sabino foi também citada em depoimento por Stênio Mattos, que afirmou chegar a ter sido avisado da descontinuação do evento por um tempo e após exigência de moradores, e até representantes de posições de poder na Prefeitura, foi chamado de volta para produzir o evento<sup>108</sup>. Porém, o festival seria realizado com apenas 50% de apoio da prefeitura, comandada por Carlos Augusto – recentemente eleito para um novo mandato em Rio das Ostras, de 2017 a 2021.

Sobre esse possível ativismo existente na cidade, a autora reconheceu dois depoimentos entre aqueles recolhidos durante a edição de 2016 do festival que confirmavam tal postura por parte da população de Rio das Ostras. De acordo com Caio Moraes, 30 anos: “eu acho que a gente deve levantar a voz e dizer que não pode deixar parar, tem que continuar o evento mesmo com essa crise aí, tem que continuar”. Ainda, Ana Elisa Campos, 58 anos, afirmou em depoimento:

Eu não só venho, como eu convido gente de fora, cedo espaço na minha casa. Acho que deveria ter sempre e não deveria ser extinto nunca, porque realmente pra mim é o melhor evento de Rio das Ostras.<sup>109</sup>

Dessa forma, percebe-se então uma postura de apoio ao evento, como mencionado no subcapítulo anterior. Tal postura vem em uma ideia de que se o festival estiver acontecendo, o consumidor riostrense se predispõe a estar presente, mas um pouco além disso, mostra-se que muitos moradores apoiam o investimento no

<sup>107</sup>SABINO, Alcebíades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

<sup>108</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

<sup>109</sup>CAMPOS, Ana Elisa. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

evento mesmo em uma conjuntura de crise econômica na qual a cidade precisa de recursos em diversas outras áreas. Assim, revela-se a importância que o festival tomou ao longo dos anos quando confrontado com a boa vontade de parte da população em abster de determinadas facilidades em prol de tê-los revertidos à produção do evento. Além disso, pelo depoimento de Ana Elisa Campos, há ainda uma vontade de divulgar e facilitar a presença de outros visitantes na cidade, a fim de compartilhar o evento. Tal discurso revela um possível orgulho do festival que muito diz sobre a absorção do evento pela cultura da cidade.

Porém, embora positivos, tais depoimentos não podem de maneira alguma serem encarados como a única realidade do evento. Sim, existe um apoio muito grande ao acontecimento o festival todo ano, e uma determinada garantia de presença por uma parcela da população. Mas quando colocado em questão o ponto de que muito do investimento cultural limitado da cidade acaba por ser destinado prioritariamente ao evento, começam a surgir alguns questionamentos. A produtora cultural riostrense, Aiana Queiroz, explica o problema, ainda que defendendo a existência do festival. Ela diz:

A questão é que a cidade não investe em nada ultimamente. É claro que educação, saúde e saneamento básico são essenciais, e a cultura também é. [...] A cidade de Rio das Ostras enfrenta um abandono pós quebra da Petrobras e em vez de se reerguer através da cultura e da educação, as mantém abandonada. O Festival de Jazz de Rio das Ostras movimenta a cultura local, mas durante todo o ano nada é feito sobre Jazz & Blues. Pelo menos a cidade é conhecida pelo festival e durante dias vive para isso, os turistas sentem esse clima. Mas a Cidade, o Estado e o País precisam investir mais em cultura. Rio das Ostras, por exemplo, possui um curso de Produção Cultural formando dezenas de produtores que precisam sair da cidade para trabalhar, pois dentro da Fundação de Cultura não há espaço.<sup>110</sup>

Percebe-se então que não há por parte da produtora um questionamento em relação ao investimento no festival, mas sim ao fato de que este se encontra isolado na lista de incentivos culturais que a prefeitura promove ao longo do ano. Aiana reconhece a importância do evento e os reflexos positivos que ele tem na cidade, apenas questionando se seria isso o suficiente em matéria de investimento na cultura local. Ela ainda levanta um ponto interessante, o fato de que a cidade possui um número alto de profissionais qualificados para gerir eventos culturais, mas não parece fazer uso destes, contratando profissionais de fora e forçando os locais a irem atrás de

---

<sup>110</sup>QUEIROZ, Aiana. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 14 dez. 2016.

oportunidades em outras cidades. A própria entrevistada admite que tem um ano que começou a viver mais na capital do estado, Rio de Janeiro, que em Rio das Ostras.

O músico Paulo Roberto, de 25 anos, morador de Rio das Ostras por 3 anos, percebe uma dinâmica semelhante:

É claro que é importante [investir no Festival em tempos de crise], mas acho que os meios ainda são muito frágeis pra esse dinheiro chegar na cultura. Todo dinheiro que está na cultura serve para pagar o RH e os patrimônios, ou seja, não tem dinheiro para investir em projetos. E aí você fica dependendo de gente de fora vir e fazer grandes projetos aqui. Eu ouço jazz, mas eu tenho certeza que a maioria das pessoas em Rio das Ostras não ouvem jazz. E aí a maioria do dinheiro vem para eventos turísticos, é interessante também, mas a gente precisa de cultura de base, cultura que realmente expressa a cultura da cidade, expressa os grupos de música que tem tantos, de teatro, de circo - é uma questão bem dialética.<sup>111</sup>

Novamente percebe-se um hesitação na hora de julgar o investimento realizado no festival, porém fica muito clara a problemática da cena local de cultura de Rio das Ostras. A prefeitura assume o papel de investir em cultura, porém apenas o faz quando a iniciativa parece promover um retorno financeiro direto seja em modo de imprensa, seja por meio de impostos adquiridos a partir da vinda dos desejados turistas. A questão é: enquanto a cultura local relacionada ao jazz ficar singularmente localizada na realização do festival, pouco parece ser possível mudar na inexistência de uma cena paralela ao evento e que a longo prazo seria a causadora do alcance de Rio das Ostras ao título realista de Cidade do Jazz.

A crítica da professora Ester Hortêncio é ainda mais enfática. Ela afirma:

Nos últimos dois anos eu atuei como professora na rede municipal e as escolas estavam sem papel pra trabalhar, claro que isso é reflexo de uma má administração, uma vez que a cidade é extremamente rentável, mas na atual situação, o melhor a fazer era realmente poupar recursos.<sup>112</sup>

Ester aponta um fator relevante, por mais que o investimento ao evento seja possível em um contexto de rentabilidade geral, considerando o cenário atual da cidade – tenha ele sido causado por irresponsabilidade da prefeitura ou por uma questão de crise econômica – é justificável existir uma hesitação na hora de gastar como tais eventos. O ex-prefeito Sabino afirma que esta é a opinião que mais encontra atualmente, durante seu mandato muitas vezes diz ter sido julgado por investir em cultura enquanto outros setores necessitavam de investimento. Talvez seja importante ressaltar porém que nenhum dos entrevistados consideraram o investimento em

<sup>111</sup>ROBERTO, Paulo. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

<sup>112</sup>HORTÊNCIO, Ester. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 14 dez. 2016.

cultura algo desnecessário, como aponta Sabino, quando em crítica eles apenas apontaram que a condição atual da cidade exige uma série de medidas que vão do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras.

Assim, observando os depoimentos coletados, parece que um fator muito claro parece escapar a prefeitura quando se fala sobre o investimento em cultura. As autoridades afirmam não possuir verba suficiente para apoiar causas culturais, ao mesmo tempo que os artistas e moradores declaram não ver a verba existente atual sendo bem administrada e colocada em bom uso, além da existência do Festival de Jazz & Blues. Percebe-se então que há uma desavença de opiniões quando se calcula o valor de investir-se na cultura de base da cidade. Enquanto a prefeitura acredita que medidas como o Festival de Jazz & Blues são suficientes, os moradores e artistas declaram que, embora importante, esse investimento não é prioritário.

Considera-se aqui que a realidade do processo cultural deve sempre “incluir os esforços e contribuições daqueles que estão, de uma forma ou de outra, fora ou nas margens, dos termos da hegemonia específica” (WILLIAMS, 1979; p. 116). Afinal é muito complicado reconhecer cultura apenas quando está se dá em aprovação a um público turístico de fora. Existe um potencial muito forte que acaba por ser desperdiçado nessa mentalidade, a ideia de que Rio das Ostras é capaz de produzir música que – sim, interessaria aos turistas – sob um investimento bem menor que aquele que o festival exige, em um contexto bem mais duradouro que apenas uma vez ao ano. Para isso, porém, seria preciso priorizar o apoio a cultura local antes de qualquer investimento em eventos de grande porte. De acordo com o músico Paulo Roberto:

Eu sou artista aqui da cidade, [...] eu também sofro com a falta de investimento na área de cultura e tudo mais. É uma questão que a gente sempre discute. A gente acaba fazendo muita coisa autônoma aqui, sem investimento mesmo. Esse festival tem sempre o apoio da prefeitura, uns apoios grandes, esse ano tem um pouco menor.<sup>113</sup>

Porém quando questionado em relação a essa limitação ao espaço público e às performances que poderiam ser realizada pela cultura local sob luz de algum incentivo financeiro, o ex-prefeito Sabino afirma:

Eles [os artistas locais] não querem apenas tocar na Concha Acústica, eles querem tocar na Concha Acústica com toda estrutura fornecida e paga pela prefeitura. Até nos faria um grande favor se os artistas ocupassem a Concha Acústica. Mas eles querem que tenha luz, tudo pago pela prefeitura, isso não é possível. Os espaços públicos estão todos à disposição: o teatro, a concha.

---

<sup>113</sup>ROBERTO, Paulo. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

Mas eles vem aqui falam: ‘Seu Prefeito, você tem que botar banheiro químico, botar uma ambulância e garantir a segurança’. Eu digo não, a gente dá a estrutura que vocês podem usar, mas por conta e risco de vocês. É um evento de vocês.<sup>114</sup>

Existem alguns aspectos complicados nessa afirmação. Primeiro, a ideia de que a Prefeitura concede um espaço público da cidade, por si, é apenas redundante. Não há uma razão reconhecida para que tal concessão fosse negada em primeiro lugar. Em segundo plano, a estrutura da qual Sabino fala não possui em si um valor de investimento tão alto que justificaria a recusa ou limitação da Prefeitura em disponibilizar a verba, mesmo no contexto de crise atual. Em orçamento superficial, os valores para promover o tipo de evento que está sendo abordado não passariam de três a cinco mil reais. Mas acima desses questionamento, vem um mais relevante: a prefeitura não parece reconhecer o valor a longo-prazo de se fortalecer a cultura de base da cidade de Rio das Ostras.

De algum modo, parece ser julgado obrigação do próprio artista desenvolver em seu meio uma série de atividade que trariam tal resultado, incentivado exclusivamente pela existência de um evento isolado – ainda que reconhecidamente de grande impacto social -, e tal postura parece, acima de certo ou errado, simplesmente não estar dando resultados diretos. Afinal, todo ano o festival parece ter mais dificuldade em sua realização. Em um contexto no qual a cidade reconhece o valor do evento tanto quanto as autoridades, ao menos o investimento privado a certo ponto deveria ser garantido – mas tais questões econômicas serão melhor abordadas no Capítulo 4.

O que pode ser constatado por agora apenas é que há um interesse por parte dos artistas locais de se estruturarem em torno do gênero Jazz & Blues e que, principalmente, há um interesse dos moradores, aqui se destacam os jovens da cidade, em consumir esses possíveis eventos. Sobre essa possível popularidade do gênero entre os jovens, entra-se em relevância os estudos de Borelli & Rocha (2008). De acordo com os autores:

Na compreensão e avaliação dos coletivos juvenis, observa-se que alguns jovens, em especial aqueles que vivem em grandes cidades, articulam-se preferencialmente em redes de “socialidades”, buscando formas mais autônomas, e por vezes autogestionárias, de “estar juntos”. (BORELLI & ROCHA, 2008; p. 06)

---

<sup>114</sup>SABINO, Alcebíades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

Assim, seria possível, dentro do contexto dessa busca da juventude por um cenário de experiência a atração de um público jovem para apresentações realizadas em cenário local, com músicos locais. Em positivo resultado, esse tipo de apresentação traria um contexto social para a cidade que fortaleceria a promoção de eventos culturais, além do Festival do Jazz & Blues, e que oferece por si também um valor turístico muito relevante. A produtora Aiana Queiroz confirma esse interesse: “no início do festival rolavam shows pela cidade, no projeto Rio das Ostras Instrumental, seria ótimo se voltassem a ocorrer. Inclusive pagaria, como já pago em outras cidades”.

Contudo, mesmo percebendo todas as exigências demarcadas acima, a Prefeitura argumenta realizar investimentos que viriam sim a beneficiar o artista local. Em grande parte, essas medidas são administradas pela Fundação de Cultura de Rio das Ostras, a FROC, presidida pelo ator Cosme Santos. De acordo com o ex-prefeito, Sabino, a fundação surgiu em um contexto no qual a prefeitura reconheceu a tendência artística nata no riostrense. Ele afirma:

Rio das Ostras têm um movimento artístico muito intenso, muito forte. Rio das Ostras é uma cidade que aprecia a arte. [...] Nós temos escolas formais para teatro, dança e música, então nós temos uma escola que forma músicos na cidade. E isso já há muitos anos. A Fundação de Cultura da cidade surgiu nesse contexto, e isso são muitos anos, propiciando a formação de muitos músicos na cidade.<sup>115</sup>

Porém, mesmo em relação à Fundação, Aiana Queiroz tem duras críticas:

O presidente da Fundação é um ator que está interpretando o papel de presidente, acha que o que a cidade precisa é de outro teatro, sendo que não há ocupação constante e público para o teatro que a cidade já tem. A cidade precisa pegar as pessoas qualificadas que estão sendo formadas numa Universidade Federal na cidade, ouvi-las e trabalhar junto.<sup>116</sup>

É dentro desse contexto então de suposta falta de comunicação entre os profissionais da cidade e as autoridades locais, que Sabino afirma ter surgido a ideia de criar um Fundo Municipal de Cultura e um Conselho Municipal de Cultura para a cidade de Rio das Ostras. Até o momento que esse texto foi redigido ainda não havia sido definido os representantes de cada setor que irão compor o tal conselho. Mas, de acordo com ele, a intenção da lei é exatamente propiciar essa organização e comunicação que falta em autoridades e artistas, mas também melhor priorizar a cultura da cidade. Ele afirma:

<sup>115</sup>SABINO, Alcebiades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

<sup>116</sup>QUEIROZ, Aiana. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 14 dez. 2016.

Eu acho que a criação do Fundo Municipal vai buscar dar um mínimo de organização [ao movimento artístico da cidade]. É muito difícil a gente com recursos públicos ter investimento para a cultura [...] porque a uma visão da parcela da sociedade que vem de uma cultura tão somente só de brincadeira, não vê a cultura com uma representação da trajetória daquela população, da vida, do sentimento daquela população da sensibilidade daquela população.<sup>117</sup>

A secretária de turismo, Carla Ennes, ainda aponta um desejo da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico em apoiar as bandas locais e colocá-las em posições de destaques nos eventos oficiais da cidade. Mas ela admite que por agora ainda há muita limitação na formas de incentivos que a Secretaria pode oferecer:

Algumas [bandas] a gente até conseguiu espaço na Festa da Cidade. Novos talentos, né? A gente gostaria que eles aparecessem mais, que tivéssemos um projeto fixo, porque eles dariam a cara da Cidade do Jazz realmente. Mas a Fundação de Cultura e Prefeitura não conseguiram articular isso ainda.<sup>118</sup>

Ao contrário, atualmente na cidade, fora da época do festival, há uma evidente ausência do gênero jazz & blues. Os moradores citam a Taberna da Amendoeira, e os já fechados – por falecimento do dono - Bossa & Blues Bar e NY Jazz Pub, além do clube dos motoqueiros da cidade, que convida bandas de rock da cidade para tocar esporadicamente. Sobre essa peculiaridade, o ex-prefeito Sabino afirma que há uma recusa de certo espaços em tocar o gênero, mesmo durante o período do festival. Ele assume que é necessário criar-se uma cultura que afete esses comerciantes:

A gente pede que durante o período do festival os restaurantes coloquem jazz. Mas quando se trata de Cultura é preciso ter paciência e manter o trabalho. Essa é a minha grande preocupação, as pessoas querem resultados imediatos. Tudo que envolve a educação precisa tempo.<sup>119</sup>

Cubides (1998) aponta a que a juventude vem surgindo como grande ator social, que possui expressões e ressignificações próprias (CUBIDES, TOSCANO & VALDERRAMA, 1998). Tomando em conta esse conceito, nota-se que existe a necessidade de que a cidade absorvam a cultura do festival fora da época deste, mas o público que mais parece adepto a fazê-lo são realmente os jovens de Rio das Ostras. Caberia a eles, como “atores sociais” de protagonismo, serem os organizadores e aqueles que exigem as medidas que poderiam beneficiar essa cultura de base a ser formada na cidade.

<sup>117</sup>SABINO, Alcebíades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

<sup>118</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

<sup>119</sup>SABINO, Alcebíades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

De acordo com Stênio Mattos, era nos jovens estudantes da UFF que estaria a chave para mudar essa estrutura cultural da cidade, na qual os comerciantes e artistas esperam da prefeitura uma atitude e esta foca seus esforços em estratégias de retorno direto. Mattos afirma:

Como se muda isso? Você vai fazendo uma formação de público, eu ia na UFF direto para fazer palestra. Mas aí de quatro em quatro anos muda o prefeito e aí o novo cara muda tudo, muda o paradigma. Não há um sequência de trabalho sendo feita. [...] Esse é um trabalho de formiguinha.<sup>120</sup>

Ele cita a cidade de Conservatória (RJ), conhecida pelo seu movimento seresteiro, como um exemplo de população, hotelaria e comércio preparado e bem relacionado, com interesses comuns e credita a essa interação o sucesso do movimento cultural da cidade. E talvez seja realmente necessário ao riostrense reconhecer a importância dessa troca e às autoridades da cidade perceber que o festival se promove como um espaço de troca e experiência, como uma praça que “não se reduz a um local para troca de informações. A principal razão de sua existência é invocar o espírito gregário arraigado no inconsciente do homem urbano” (CASÉ, 2000; p. 63). Assim, não deve-se focar nele toda a força cultural da cidade.

Em outro ponto, configura-se perigoso assumir “consumidores e cidadãos como opositores naturais, um privado, o outro público. Na realidade, foram batalhas por direitos e deveres civis que forjaram uma identidade de consumo em primeiro lugar” (TRENTMANN, 2004; p. 01)<sup>121</sup>. Ou seja, não só nos turistas consumidores está a chave para um processo cultural rentável para a cidade. Consumidores e cidadãos aqui se posicionam na mesma linha de observação, quando ignorado esse potencial, a cidade acaba tendo seus investimentos retornados apenas em formato de consumo direto, centralizados apenas na época do festival.

A própria secretária de turismo, Carla Ennes, presente na secretaria – em outra função à época – desde o surgimento do Festival, assume que a ideia inicial era mesmo trabalhar o público local, além do de fora, para formar a Cidade do Jazz que é vendida para fora:

A ideia era que a gente conseguisse se firmar como cidade do jazz. A nossa concepção inicial era que durante o ano inteiro, a pessoa quando chegasse em Rio das Ostras tivesse contato com Jazz & Blues. Ainda não

<sup>120</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

<sup>121</sup> Tradução da autora. Do original: “It is wrong to see consumers and citizens as natural opposites, one private, the other public. In fact, it was battles over civic rights and duties that forged a stronger consumer identity in the first place.”

conseguimos, mas a gente vai continuar trabalhando para que isso aconteça.<sup>122</sup>

Por fim, um novo ponto se torna muito transparente dos depoimentos recolhidos. A recusa do empresariado, hotelaria e comércio em patrocinar o evento, mesmo que em grande parte estes sejam os maiores beneficiados pelo período de ocorrência do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. De acordo com Alcebíades Sabino:

Eu entendo que a iniciativa privada tem que participar mais da realização do festival. Eu acho que é isso que pode assegurar a presença do Festival. Inclusive auferindo lucro para eles, por meio de cobrança de ingresso, se for o caso.<sup>123</sup>

O assessor da Secretaria de Turismo da cidade, Edmilson Oliveira, confirma:

A gente acreditava que o empresário local pudesse investir. No início, nos primeiros festivais, aconteciam as *jam sessions*. Alguns restaurantes interessados tinham a possibilidade de terem artistas do palco, tocando no seu estabelecimento. Só que o empresário não levou isso muito adiante. Não acreditava muito nesses custos.<sup>124</sup>

E ainda a secretária de turismo, Carla Ennes, concorda:

A nossa ideia é que a gente fizesse o Rio das Ostras Instrumental uma vez por mês e fomentasse com essas bandas da cidade. Mas sinceramente, se eu não conseguir patrocínio, eu não consigo fazer. Evento nenhum na verdade. A iniciativa privada vai ter que vir e explorar e fazer o evento acontecer.<sup>125</sup>

Dessa forma, percebe-se uma intensa limitação do empresário local em acreditar no retorno de custo do gênero e do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Considerando o apoio popular, o número de turistas que o evento atrai anualmente e a disponibilidade de produtores e artistas disponíveis para compor esse tipo de medida, é difícil distinguir o que estaria causando essa hesitação por parte dos comerciantes locais. É exatamente essa questão que será abordada do capítulo seguinte, por meio de depoimentos recolhidos com representantes locais da hotelaria e comércio. Além de analisar-se por fim os atributos econômicos proporcionados pelo festival e ainda tentar entender a posição de Rio das Ostras dentro do contexto de economia criativa que vem tomando cidades por todo o mundo.

<sup>122</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

<sup>123</sup>SABINO, Alcebíades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

<sup>124</sup>OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014.

<sup>125</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

#### **CAPÍTULO 04 - Música e Desenvolvimento Local**

A essa altura já é possível perceber que, embora Rio das Ostras se posicione em um fenômeno de apoio a um elemento musical atípico e curioso, ainda há muito caminho antes que esta possa ser declarada a “Cidade do Jazz”. No capítulo anterior foi abordada a relação afetiva entre moradores da cidade e o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. Foram explicitadas as transformações sociais que o evento promoveu – ou ajudou a fazer acontecer, como é o caso da cena local de música da cidade, que embora não tenha suas raízes solidificadas no evento parece dever muito a este em seu potencial de prosperidade -, além de, por meio de entrevistas e depoimentos, serem explorados a diversidade de opiniões que o evento causa. Foi possível perceber dentro dessa leitura a dicotomia existente na população da cidade, que apoia o evento em presença ao mesmo tempo que percebe neste uma série de questões a serem relativizadas.

Este capítulo visa levar esse debate um pouco mais adiante, analisando, por meio de depoimentos cedidos por representantes de hotelaria e comércio locais, a posição econômica que o festival alcança diante desses setores. Uma das questões abordadas anteriormente faz jus ao desafio das autoridades diante de uma população que ao mesmo tempo que demanda o festival, parece não reconhecer a necessidade de um esforço pessoal para que este aconteça.

O próprio conceito de “Cidade do Jazz”, que inicialmente visava-se ser atribuído a Rio das Ostras, de acordo com as autoridades, viria a partir de um posicionamento do comércio de ajudar a tornar realidade a cena local de jazz & blues fora da época do festival na cidade. Porém, a realidade atual revela um setor comercial e hoteleiro desconexo com as políticas culturais da cidade e pouco unificado em suas próprias questões.

Ainda será abordado aqui, a partir do debate sobre o posicionamento que é necessário por parte do comerciante local frente ao posicionamento que este ocupa, as razões pelas quais o cenário atual se encontra da maneira em que é percebido e o futuro que a “Cidade do Jazz” tem em seu potencial. Será questionado até que ponto Rio das Ostras apresenta elementos que poderiam um dia torná-la uma cidade embasada em uma economia criativa ou se esta está fadada a se posicionar como uma cidade de eventos isolados e turismo de verão. Para que este debate se coloque de maneira clara, será necessário abordar os elementos que atualmente constituem os

espaços de “economia criativa” pelo mundo, além de melhor identificar e estabelecer tal conceito dentro dos parâmetros da pesquisa aqui abordada.

Por fim, ainda será apresentado alguns argumentos, a partir de entrevistas e dados já apresentados nessa pesquisa, que justificariam um questionamento anteriormente sugerido: seria a existência do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras dependente de seu líder, Stênio Mattos, ou teria este já solidificado uma identidade de tamanha representação na cidade, que esta se ocuparia de o fazer acontecer – ainda quem em formato diferenciado - mesmo na ausência de seu produtor atual?

Para abordar os elementos citados acima foi estabelecida a seguinte estrutura para o capítulo. O primeiro subcapítulo visa abordar os depoimentos cedidos por atores do comércio e hotelaria local, percebendo as maneiras diversas como é percebido o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras por estes. Foram recolhidos depoimentos de representantes de diversos espaços locais da cidade, sendo a única exigência da autora que os entrevistados tivessem passado por pelo menos uma duas edições do festival, assim sendo possível a estes relatarem suas impressões a partir de contextos diferenciados do evento.

A autora manteve a entrevista em caráter aberto quando relacionado ao tema, apenas exigindo que duas questões fossem respondidas pelos atores: os efeitos que o evento possui no comércio em pauta e se o comerciante já havia participado ou considerado participar do financiamento do festival. A razão para a necessidade dessas duas questões serem abordadas era que se situasse com mais clareza os argumentos que justificariam a ausência de apoio financeiro que o festival pareceu encontrar por dois anos seguidos frente ao declarado grande lucro que a cidade recebe no período do evento.

O segundo subcapítulo intenciona abordar os elementos de Rio das Ostras que a fazem se posicionar ou não dentro de uma contexto de cidade com potencial para se estabelecer dentro de uma Economia Criativa. Será melhor estabelecido como o tema se apresenta por meio de pesquisas e estudos relacionados, em prol de melhor compreender os atributos que estão sendo buscados ou reconhecidos em Rio das Ostras para que esta possa se revelar como uma potencial economia criativa ou não. Por fim, considerando a presença do comércio e hotelaria apresentada no primeiro subcapítulo e as demandas que a cidade precisa cumprir para se estabelecer como uma economia criativa apresentada no segundo subcapítulo, o terceiro subcapítulo irá

abordar a possibilidade de sobrevivência que possui o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras no contexto atual que a cidade se encontra.

#### **4.1 O comércio e a hotelaria**

Como mencionado algumas vezes durante o texto aqui proposto, a prefeitura e Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico de Rio das Ostras ao criar o Festival de Jazz & Blues possuía como principal intenção qualificar o turismo que ocupava a cidade todo verão. Com o passar dos anos, assumiu-se a estratégia de ao invés de qualificar o público já garantido de um período, tornar a estação de baixa temporada mais atraente ao turista a partir da mudança de data do evento. Ambos objetivos parecem ter sido alcançados nesses catorze anos de Festival, porém havia mais uma ambição que ainda encontra-se em vias de se concretizar: a intenção de tornar Rio das Ostras a Cidade do Jazz.

Para que tal objetivo se tornasse possível, notou-se em pesquisa e depoimentos a necessidade de que se promovesse – fosse por meio das autoridades ou cena alternativa local – a existência do gênero jazz & blues sendo perpetuado mesmo que fora do período de acontecimento do festival. Porém, ao contrário das expectativas, o evento parece apenas estar perdendo financiamento durante os anos – ainda que mantenha sua identidade, com reconhecida força – e os poucos espaços que anteriormente tocavam ou promoviam o gênero da cidade parecem terem acabado com o tempo. O que restou agora é rastros de uma identidade anteriormente incentivada representados por grafites temáticos, bandas locais e alguns eventos isolados fora da época do festival.

Um argumento apresentado em quantidade no capítulo anterior questionava a participação do comércio local quando se tratando desses aspectos mencionados. Idealmente, os donos de bares seriam incentivados a promover eventos em seus espaços durante e fora da época do festival, ainda esses em conjunto com hotelarias poderiam participar do financiamento do evento considerando o retorno direto que estes possuem durante o período em que acontece o evento. De acordo com Gilberto Menezes, secretário de turismo na época da criação do Festival:

Depois que fizemos o segundo festival, eu tive oportunidade de ir a Nova Orleans conhecer o festival de lá. Me surpreendi. Porque lá deve ser o ano todo, até porque lá é o berço, não tem como comparar. Mas até quando você vai no posto de gasolina abastecer tá tocando Blues & Jazz. Entra na

farmácia tem o ‘jazzinho’ baixinho tocando. E eu achei que eu podia trazer isso para Rio das Ostras.<sup>126</sup>

Porém essa não é a realidade atual. Poucas empresas privadas parecem apoiar o evento em patrocínio, muitas delas de grande porte. Ainda, as bandas e artistas locais em muito reclamam da ausência de demanda de jazz & blues por parte de seus contratantes. Buscou-se entrevistar então membros do comércio e hotelaria locais em prol de tentar reconhecer de onde vem essa recusa de tais atores em colaborar com a solidificação de Rio das Ostras como Cidade do Jazz.

Foi percebida entre os entrevistados curiosa aprovação unânime da realização do evento. Nenhuma das pessoas com quem a autora conversou questionou a existência do festival, apenas a sua função dentro do contexto de financiamento deste. Em destaque, muito positivamente falaram sobre a quantidade e qualidade do turista que o evento atrai. De acordo com Marília Bussinger, gerente do restaurante Traineira: “o festival é bom, a cidade fica com outro clima, outro astral, traz muita gente de fora. Eu acho que o canal [para trazer turista] é esse mesmo”<sup>127</sup>. O dono do restaurante Dom Vincentti, Alessandro Moraes, concorda, mas adiciona um argumento interessante:

No verão vem muita gente, mas às vezes eu até baixo meu público, porque o público mesmo da cidade sai. E pela estrutura que você viu aqui as pessoas se assustam, acham que é caro. E eu tenho hoje o melhor preço da cidade. O público do verão para gente é péssimo... carnaval então... [...] No de moto para a gente é melhor. Acho que é a facilidade que as pessoas tem de locomoção. No jazz, ano retrasado foi legal, porque ele colocou evento na tartaruga, tinha aqui e lá. Esse ano ele colocou tudo lá [depois da ponte]. Então não faz muita diferença para cá.<sup>128</sup>

A localização dos palcos durante o evento do Festival de Jazz & Blues já foi apontada aqui por ser curiosamente um mapeamento da cidade. Originalmente, os palcos eram construídos em quatro pontos-chaves de Rio das Ostras, que faziam com que, em suas programações revezadas, o público do evento se deslocasse por diversos pontos da cidade. Porém, com o corte de gastos na recente crise geral e do financiamento do evento, houve a necessidade de centralizar as atrações mais populares nos palcos da Costa Azul e Lagoa do Iriry, fazendo com que no centro apenas se localize o palco da Concha Acústica, este tendo apresentações limitadas –

<sup>126</sup>MENEZES, Gilberto. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

<sup>127</sup>BUSSINGER, Marília. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 15 jan. 2017.

<sup>128</sup>MORAES, Alessandro. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 12 dez. 2016.



lá” – o restaurante de Alessandro, por exemplo, se localizada no centro da cidade, podendo ser identificado pela estrela nas imagens acima.

Ainda, a gerente da Pousada do Bosque, Janaína Gomes, aponta que embora o evento traga um turismo positivo para a cidade, a queda na qualidade e a remarcação nas datas de ocorrência do festival que têm sido tão características nos últimos anos prejudicam o número de reservas:

Na época do festival o turista tem o poder aquisitivo melhor, é um público mais elitizado. [...] Há 3 anos atrás era bom, mas com essa gestão o turismo caiu muito e o evento também. Atrapalhou muito essa mudança de data toda hora também, eu tive vários cancelamentos. E aí quando saiu o cronograma [*setlist*] os hóspedes falaram que era muito inferior ao que eles estavam acostumados. [...] Esses acho que não vêm mais.<sup>129</sup>

Em termos gerais, foi percebida uma rejeição muito grande em relação ao governo do prefeito à época, Alcebíades Sabino, por parte dos pousadeiros da região. A autora pôde até perceber a queda visual que a cidade apresentou nos últimos dois anos, porém novamente sente-se aqui a necessidade de apontar que a crise nos *royalties* do petróleo explorado na Bacia de Campos em Macaé teve seu ápice exatamente nessa época. Mas ainda assim, é possível identificar a estratégia de governo de Sabino, que parece cortar gastos em todas as áreas e beneficiar setores considerados de maior prioridade – de acordo com a prefeitura, nenhum dos funcionários teve salário atrasado ou não pago durante todo o período de crise que a cidade vem passando.

Ainda assim, seja por razão da administração em voga ou da crise econômica que se alastrou na região, há um consenso em relação ao fato de que o turismo de Rio das Ostras, em um contexto geral, se encontra defasado. De acordo com Damião Alves, da Pousada do Salto:

Eu acho que a cidade tinha que ter mais coisa relacionada ao verão, Cabo Frio tem, todas as cidades tem, aqui não tem nada. Antigamente o pessoal ligava direto, agora nem em evento, nem em nada. Dois anos agora que não teve nenhum hóspede aqui na época do festival.<sup>130</sup>

Janaína Gomes concorda: “é uma crise geral, esse ano foi muito ruim para o turismo. O governo do Sabino foi muito ruim para o turismo. Sem contar o descaso da prefeitura, um descaso total com as pousadas”<sup>131</sup>. Ainda Alessandro Moraes, do

<sup>129</sup>GOMES, Janaína. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 dez. 2016.

<sup>130</sup>ALVES, Damião. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 15 dez. 2016.

<sup>131</sup>GOMES, Janaína. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 dez. 2016.

restaurante Don Vicentti, apontou a questão da crise econômica da cidade, porém o gerente não percebeu um turismo tão defasado quanto os depoimentos acima citados:

A gente tinha uma grande diferença quando Macaé estava no auge, porque aqui é cidade dormitório. Quando houve as demissões tudo, aí a gente sentiu muito. Nem foi em relação ao público, o público a gente tem quase igual. Mas hoje em dia a pessoa vem só come e vai embora, nem pede bebida. Tudo controlado. É uma crise geral. Agora esse ano surpreendeu, janeiro foi muito bom. Pegou a gente de surpresa, os fornecedores tudo. Não ia ter fogos, achamos que não ia ter ninguém, aí teve tanta gente quanto como se tivesse fogos.<sup>132</sup>

Um ponto relevante de lembrar nesse aspecto é que Rio das Ostras, embora tenha adquirido reconhecido crescimento populacional, ainda é em muito uma cidade dormitório, de imigrantes e estudantes. Assim, é muito comum os moradores da cidade possuírem casas em outras regiões, tornando o aluguel de veraneio um costume na cidade. Aponta-se esse fato aqui para deixar clara a possibilidade de que as pousadas e hotéis tenham uma defasagem natural em relação ao comércio de comida local, podendo justificar o pessimismo em relação a ausência de turistas – os maiores consumidores do setor hoteleiro – na cidade.

Assim, percebe-se então pelo já abordado uma reconhecida crise nos benefícios que o setor hoteleiro e comercial recebem do Festival de Jazz & Blues. Embora a atração de turistas para a cidade é identificada como um ponto que justifica e torna aprovada a ocorrência do evento, mesmo em tempos de crise, um passo seguinte de apoiar o evento financeiramente ou incentivar o gênero fora da época do festival já se torna menos absorvido pelos entrevistados. De acordo com Damião Alves: “Nunca apoiei. Claro, cidade não tem nada, prefeitura não faz nada. Tudo agora é por causa dos *royalties* do petróleo. Antigamente não tinha *royalties* e todo trabalhava e agora ninguém faz nada. Então também não faço”<sup>133</sup>. A gerente Janaína Gomes, da Pousada do Bosque, tem a mesma opinião e ainda aponta reconhecer como responsabilidade da prefeitura a execução do evento e incentivo ao gênero:

Não fui abordada, mas se eu tivesse sido eu com certeza não teria interesse em investir no evento. Tem que ser financiado pela prefeitura. [...] Sem contar que nessa crise não tem condição de pedir ajuda para pousada e pequeno comerciante.<sup>134</sup>

Um argumento semelhante foi apresentado por Marília Bussinger:

<sup>132</sup>MORAES, Alessandro. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 12 dez. 2016.

<sup>133</sup>ALVES, Damião. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 15 dez. 2016.

<sup>134</sup>GOMES, Janaína. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 dez. 2016.

Sempre foi uma coisa muito da prefeitura. [...] Essa grana o comércio não tem para chegar junto. É um patrocinador forte, tem que ser construtora. Ninguém nunca me pediu para patrocinar. E nunca vi patrocínio de comerciante pequeno. Para mim é relacionado ao petróleo e agora que o petróleo acabou não tem.<sup>135</sup>

Nota-se então uma percepção do empresariado de acreditar que um evento do tamanho do Festival do Jazz & Blues de Rio das Ostras precisaria ser apoiado pela prefeitura ou grandes empresas. Porém, em entrevista, o produtor Stênio Mattos afirma ter procurado pelo pequeno empresário durante as épocas de crise do evento buscando patrocínio menores como “cinco, seis quartos em uma pousada” e que obteve pouco apoio. Também o prefeito à época, Sabino, afirmou em depoimento esperar dos comerciantes um apoio que pudesse diminuir o alto nível de investimento que prefeitura cede todos os anos para o evento.

Ainda, outros eventos na cidade estão encontrando em comerciantes locais investimento para seu acontecimento. De acordo com Alessandro Moraes, o Dom Vincentti já patrocinou diversos eventos na cidade, incluindo um show do cantor Wesley Safadão e futuramente da dupla sertaneja Maiara e Maraíza. O gerente disse ter interesse em apoiar o evento e também participar deste – como mencionado, o festival abre espaço para os restaurantes locais terem um polo de vendas no palco da Costa Azul -, mas nunca foi abordado em relação a isso. De acordo com Alessandro e ainda Rosana da Silva, também administradora do Dom Vincentti:

R: Teve até uma reunião dos comerciantes e tudo, mas é uma coisa tão fechada que eu também não vi ninguém de perto.

A: Eu estou até com um rapaz aqui de mídia para tentar incluir a gente nesse Festival de Gastronomia, porque até então nunca fomos chamados.

R: É bem restrito. É quase que por amizade mesmo. O que eu escutei sobre patrocínio esse ano é que já estava fechado, com os mesmo do ano anterior. Eu fui lá como consumidora do evento, mas não vi nada. E a gente teria interesse de patrocinar o evento [...] se a gente tivesse um polo lá também, as pessoas iam experimentar e depois vir aqui se gostassem. Iam conhecer mais o restaurante.<sup>136</sup>

Nota-se assim que novamente que além da recusa em apoiar um evento que parece estar em regressão, é percebida ainda uma falta de comunicação entre as autoridades, do evento e da cidade, e os comerciantes locais. A falha já foi apontada anteriormente pelo próprio prefeito, que citou o novo Fundo e Conselho de Cultura da cidade – que irá possuir um representante gastronômico - como uma maneira de

<sup>135</sup>BUSSINGER, Marília. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 15 jan. 2017.

<sup>136</sup>SILVA, Rosana; MORAES, Alessandro. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 2 dez. 2016.

remediar o problema. Porém, a falta de unicidade dos setores em Rio das Ostras não é reconhecida apenas entre autoridades e locais, os próprios comerciantes não parecem possuir um debate interno em relação a maneiras de melhorar a atração de turistas para a cidade. Alessandro Moraes menciona que embora perceba a necessidade de revitalização do centro da cidade e reconheça que um investimento poderia vir do próprio empresário, mas que com crise econômica ainda há muita espera por parte de uma atitude da prefeitura:

Uma feirinha dessas aqui [Feira de Artesanatos, localizada no centro de Rio das Ostras]. Isso aí só funciona no verão, teria que revitalizar essa feirinha. Ter esses shows aqui e aí viriam pra rua da feirinha pra isso. Porque agora eles levaram muita coisa para lá. Tinha samba, tinha teatro lá na concha. Aqui agora não tem nada. O centro tá muito abandonado. [...] Eu reconheço que seria bom investir na feirinha, por exemplo, ter essa atitude do comerciante, mas quem ficou tá segurando por pouco. A gente não tem como investir.<sup>137</sup>

Porém, ainda que não seja reconhecido um desejo de incentivo ao Festival por parte da maioria dos entrevistados, ainda há algumas estratégias sendo colocadas em voga por membros isolados. É o caso dos patrocínios oferecidos pelo Dom Vicentti, mas também o Traineira Fest, realizado toda semana pelo Restaurante Traineira. O evento começou há um ano e, de acordo com Marília Bussinger, tem atraído tanto público que ela já tem a intenção de fazer um nova versão do festival, dessa vez infantil.

Nota-se então que embora não haja um colaboração do Traineira em apoio financeiro direto ao Festival de Jazz & Blues, a cena local de música passa a ser incentivada a partir do evento que o restaurante promove, evidenciando bandas da região, atraindo público para novos gêneros de músicas e possibilitando que o jazz & blues possua um pouco mais de entrada na cidade fora da temporada do festival. De acordo com Marília:

Eu faço música aqui todo dia na semana, né? Cada dia eu chamo um cantor para fazer. E a gente tá sempre tentando, né? Querendo novidade. Eu tenho a casa há três anos e há três anos funciona nesse formato de música à noite. E muitos que começam a tocar aqui, as outras casas começam a abrir portas para ele irem. Vão até fazer show em outras cidades, tipo Castelo Itaipava. Então é uma maneira que eles têm de está sempre na mídia.<sup>138</sup>

<sup>137</sup>MORAES, Alessandro. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 12 dez. 2016.

<sup>138</sup>BUSSINGER, Marília. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 15 jan. 2017.

Já Alessandro Moraes, embora reconheça que a música “segura o cliente na casa por mais tempo, principalmente nos domingos”, afirma que o investimento em bandas para o espaço acaba não sendo estratégico para o seu negócio.

O nosso foco até mudou, antes a gente tinha música sempre. Agora é só domingos, sem conversa nem nada, só para agradar os clientes mesmo. E a noite eu não tenho mais. [...] A pessoa não vinha aqui para ouvir música, era mais para comer e aí quando vem e tá tocando já pedem do gosto deles então muda totalmente. [...] Mas o custo também é muito grande, hoje você fecha um cara voz e violão com um cachê de 800 reais, então você vai botar uma banda fica de 800 a 1000 reais. Então se for colocar todo dia não dá.<sup>139</sup>

Um outro ponto apresentado por Alessandro Moraes e Rosana da Silva em depoimento aponta que talvez o festival tivesse melhor efeito em maior abrangência se ocorresse em outras épocas do ano em paralelo ao evento principal – ideia também mencionada anteriormente pela secretária de turismo, Carla Ennes, como adotada no início do Festival de Instrumental, mas que acabou sendo descontinuada. De acordo com os comerciantes: “para a gente é mais proveitoso ter os eventos, independentemente do gênero. O jazz é até interessante se tivesse vários tipos de shows, o ano todo, em vários lugares da cidade”<sup>140</sup>.

Percebe-se então que muito impede que o comércio local absorva a cultura do jazz & blues e principalmente assuma responsabilidade sobre o evento que eles já julgam em grande parte ser tarefa da prefeitura. Existe por parte de alguns empresários um reconhecimento em relação ao crescimento que o apoio local poderia oferecer ao evento e conseqüentemente ao aumento de atrativo para turistas, porém a falta de comunicação das autoridades do evento e da cidade parecem dificultar essa possibilidade.

O que se percebe claro em Rio das Ostras então é que embora seus moradores em muito aprovem a existência do Festival de Jazz & Blues e pareçam ter em seu cerne imigrante a capacidade de absorver com facilidade qualquer incentivo a arte promovido pela cidade, ainda há muito a ser feito quando se pensa em uma mentalidade que valoriza a cultura como estratégia econômica. Os polos comerciais, assim como muito dos artistas locais, parecem esperar da prefeitura o incentivo absoluto as estratégias de crescimento turístico e criativo na região, e por parte das autoridades, percebe-se uma mentalidade semelhante, apenas ao invés determinando à população a responsabilidade de estabelecer a cultura do jazz & blues na região.

---

<sup>139</sup>MORAES, Alessandro. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 12 dez. 2016.

<sup>140</sup>ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

Assim, permanece a cidade em uma dicotomia: uma grande aprovação ao Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras frente a uma incapacidade em absorver a cultura do gênero musical fora da época do evento ou de ao menos organizar essa cena local de música em uma estratégia de turismo para a cidade.

#### **4.2 Rio das Ostras pode ser considerada uma Economia Criativa?**

De acordo com dados apresentados pela pesquisadora Ana Clara Reis (2015), a participação do setor criativo nos PIBs (Produto Interno Bruto) estaduais seria de até 4% (ano-base 2006), marca atingida pelo Rio de Janeiro - o terceiro maior investimento já caindo para 2,6% (MG), e a menor percentagem vindo do estado do Amazonas com 1,3%. Assim, Rio das Ostras, que possui 84% dos recursos destinados para a Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio da cidade, sendo aplicados em eventos culturais e festivais se posiciona com uma política atípica no país.

Mas seria essa predisposição de investimento no setor criativo o suficiente para reconhecer a cidade como uma possível economia criativa?

O termo “economia criativa” foi conceituado pelo pesquisador John Howkins (2001), que o aplicou a 15 indústrias, que iam de artes à ciência. O conceito ainda mantém-se muito amplo, reconhecendo “atividades culturais no centro de poderosas novas economias, mas também manifestações criativas em domínios não reconhecidamente culturais” (UNESCO, 2013. p. 22)<sup>141</sup>. Atualmente, a economia criativa envolve setores diversos como cinema, publicidade, entre outros, sendo responsável por 7% das riquezas produzidas no mundo (TRIGO & MAZARO, 2012. p. 17). No contexto de Rio das Ostras, considera-se aqui o uso da economia criativa representado pelo alto investimento – apresentado anteriormente – realizado em eventos culturais pela prefeitura, com o objetivo de promover o turismo na cidade. Muito desse investimento focado no acontecimento do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras anualmente, sem cobrança de ingressos, há catorze anos.

De acordo com Ana Clara Reis (2015), “a economia criativa reconhece o valor da originalidade, dos processos colaborativos e a prevalência de aspectos intangíveis na geração de valor, fortemente ancorada na cultura e em sua diversidade” (REIS, 2015. p. 37). Assim, é possível encaixar o investimento em eventos culturais realizado

---

<sup>141</sup>Tradução da autora. Do original: “while recognizing cultural activities and processes as the core of a powerful new economy, it is also concerned with manifestations of creativity in domains that would not be understood as “cultural””.

pela prefeitura dentro do termo. Porém, quando se associa tal conceito a um novo contexto, percebe-se a ausência de alguns pontos fundamentais para a consolidação de tal ideia. Pode-se observar em relatório da UNCTAD:

“a ideia de economia criativa tem sido aplicada especificamente a economia das cidades, levando a emergência do conceito de “cidade criativa”. Esse termo descreve um complexo urbano, no qual atividades culturais de vários tipos são um componente integral do funcionamento econômico e social da cidade. Tais cidades tendem a ser construídas sobre uma forte infraestrutura social e cultural, a ter altas concentrações relativas de emprego criativo e a ser atraentes para investimentos, devido aos seus equipamentos culturais consolidados” (UNCTAD, 2008. p. 40)

Naturalmente, é claro perceber onde que Rio das Ostras apresenta falhas dentro desse conceito de cidade cultural. O município, embora apresente um desejo de se consolidar como ponto turístico atrativo durante o ano inteiro e possua algumas instituições que promoveriam a cultura na cidade – entre elas a FROC e a Casa de Cultura local -, não possui estabilidade alguma quando analisado do ponto de vista de cena cultural local. Muito pouco ainda é realizado em Rio das Ostras fora da época dos eventos principais da cidade. Em relação a existência de empregos criativos já foi apresentada anteriormente a dura crítica dos produtores culturais locais que afirmam ter que deixar a cidade para encontrar alguma forma de trabalho. Assim, percebe-se que embora com algum potencial em relação ao uso de estratégias políticas que combinam com a ideia de economia criativa, ainda essas são extremamente frágeis quando analisada a cidade em contexto fora da época de seus grandes eventos.

Sobre a popularidade dos festivais atualmente, afirma Bennet, Taylor & Woodward (2014):

Em um mundo onde as noções de cultura estão se tornando cada vez mais fragmentadas, o festival contemporâneo tem se desenvolvido em resposta a processos de pluralização cultural, mobilidade e globalização ao mesmo tempo, comunicando algo significativo sobre a identidade, a comunidade, a localidade e pertencimento [...] como um meio cada vez mais popular através dos quais os cidadãos consomem e vivenciam a cultura, festivais também tem se tornado uma mentira economicamente atraente para embalar e vender a cultura, gerando turismo. (BENNET, TAYLOR & WOODWARD, 2014; p. 01)

Assim, percebe-se então que Rio das Ostras se posiciona em um cenário de valorização de fenômenos culturais em prol de obter uma vantagem na atração de um turismo qualificado para a cidade fora dos períodos de alta temporada. Como mencionado, em muito as estratégias da cidade fazem notar um desejo de fazer do uso da criatividade para movimentar a economia local, porém alguns aspectos ainda distanciam a cidade em termos de possuir uma cultura completamente solidificada

como motor econômico. Um dos pontos principais nesse distanciamento surge a partir da análise da pesquisa de Wynn (2015). De acordo com o pesquisador:

Festivais podem beneficiar suas comunidades hoje em dia [...] para atingir seus objetivos, intencionados ou não, esses espetáculos coletivos juntam uma variedade de pessoas, com objetivos diferentes, pelas suas atividades coordenadas: de músicos procurando aprofundar suas carreiras a participantes que querem assistir sua banda favorita, do prefeito que quer movimentar a cena cultural local até o executivo que quer vender discos, da frustração de locais com o marketing corporativo acontecendo em sua cidade visando atender a busca dos turistas por diversão. (WYNN, 2015. p. 07)<sup>142</sup>

Porém é nesse ponto que Rio das Ostras apresenta seu maior entrave na busca de uma economia configurada em um contexto cultural. O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, embora apresente uma série de consequências para a cidade no seu período de realização, parece se posicionar de maneira consolidada em suas datas. Dificilmente pode-se apontar as existentes alterações sofridas na cidade por conta do evento como suficientes para se afirmar que este “movimenta a cultura local”. Ainda, de acordo com o pesquisador:

Momentos passageiros podem colocar em movimento uma grande quantidade de atores e adicionais em um impacto de longo-termo. É a oportunidade de algumas partes interessadas extraírem recursos físicos e benefícios econômicos e marcas importantes. Pode-se melhorar espaços para negócios locais e instituições sem fins lucrativos, investir na cena musical e atrair visitantes e locais. (WYNN, 2015. p. 15)<sup>143</sup>

Ou seja, Wynn (2015) reconhece o potencial do Festival como um possível ativador da cena cultural local da cidade e um incitador de crescimentos estruturais e criativos, ainda que sua ocorrência se dê por um período curto de tempo. Porém tal potencial na cidade de Rio das Ostras, embora reconhecido em efeito de certa maneira, em longo pode ser estabelecido como impactante. Ao contrário, de acordo com a pesquisa realizada, o maior consenso existente entre músicos, autoridades, moradores e comerciantes é que o festival se concentra em muito em sua data de realização e pouco parece refletir na rotina da cidade fora da época. Necessário aqui

---

<sup>142</sup> Tradução da autora. Do original: “Festivals can benefit their communities today [...] in order to achieve their intended or unintended goals, these collective spectacles lash together a variety of different folk with different agendas through their coordinated activities: from the musician looking to further her music career to the participant who wants to see their favorite band, from the mayor who wants to bolster a local culture scene to the music executive hoping to sell records, from the locals frustration over corporate branding of their city to the tourist’s search for a good time.”

<sup>143</sup> Tradução da autora. Do original: “fleeting moments can set in motion a great many actors and assets for longer-term impact. They are another opportunity for some stakeholders to extract physical resources and economic benefits and impose brandings. They might stoke revenue for local business and nonprofit institutions, nurture music scenes, and attract visitors and locals.”

novamente apontar que de fato é reconhecido um efeito do evento na cidade, o ponto que se quer deixar claro é que tal efeito é ainda muito inferior que o potencial do evento estaria oferecendo.

De acordo com relatório do Fórum Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês) de 2016, é responsabilidade do governo ajudar a “criar condições para que as economias criativas floresçam, fazendo uso de ferramentas regulatórias para empresários criativos começarem e fazerem crescer seus negócios”<sup>144</sup> (WEF, 2016. P. 18). Em Rio das Ostras nota-se uma intenção por parte da prefeitura de fazer crescer o incentivo à cultural local como forma de estratégia econômica, porém, com exceção dos eventos promovidos pela cidade, pouco mais é feito para facilitar a exploração da cultura como forma de ferramenta comercial. Os empresários locais reclamam em depoimentos do abandono de estruturas como a Feira de Antiguidades, a Concha Acústica, Teatro, entre outros espaços da cidade que outrora poderiam estar sendo utilizados como facilitadores para eventos ou atrativos para espaço comerciais e atualmente se encontram inutilizados.

A iniciativa de criar uma Fundo e Conselho Municipal de Cultura para a cidade poderia apontar um desejo de seguir nessa direção de apoio, porém a medida ainda é muito recente para ser analisada em pesquisa. O que pode ser notado com definição é que a prefeitura oferece formação de artistas, porém pouco apoio a espaços que desejam explorar esses profissionais. Não foi percebido incentivos fiscais ou quaisquer outras ferramentas para facilitar o acesso ao empresário a recursos que possibilitem o investimento em atrações culturais.

De acordo com Vivant (2012), em um cenário de Cidade Criativa:

A cidade, com seus bairros populares ou suas zonas industriais abandonadas, torna-se um território propício a instalação dos artistas, que contribuem para a revalorização do urbano junto com determinadas populações. (VIVANT, 2012. p. 53)

Como já foi explorado, Rio das Ostras não oferece tal abertura para os artistas locais, embora haja um desejo por parte das autoridades de que este fosse o caso. Da mesma maneira como músicos não parecem possuir muitos espaços para executarem sua arte – e pouca organização para talvez reconfigurar os espaços urbanos que já existem e torná-los apropriados para apresentações -, outras ferramentas culturais da

---

<sup>144</sup> Tradução da autora. Do original: “Governments can help create the right conditions for creative economies to flourish using the right mix of regulatory tools for creative entrepreneurs to start and grow their businesses”.

cidade não parecem estar em funcionamento – mesmo a tradicional Feira de Artesanatos da cidade encontra-se reconhecidamente defasada nos últimos anos.

É importante ressaltar que embora a prefeitura não possua de maneira alguma a responsabilidade única sobre tornar possível o incentivos a atrações culturais fora da época do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, o impacto econômico que eventos culturais, mesmos os financiados pela própria prefeitura, vão ter na cidade não é “apenas consequência de planejamento cultural e gasto do visitante, mas também uma consequência do esforço em investir na estrutura e equipagem da cidade” (HERRERO, SANZ, DEVESA, BEDATE & BARRIO, 2002. p. 14). Afinal, os efeitos econômicos positivos dos gastos realizados por turistas na cidade é sentido diretamente pelo comércio local, mas as estruturas e espaços valorizados pelo investimento em atrações culturais se mantêm como benefício por um período de tempo bem mais duradouro.

A Concha Acústica de Rio das Ostras, outrora utilizada como espaço de recreação infantil tem decaído em sua estrutura desde que o investimento operado para o Festival de Jazz & Blues diminuiu. No período de auge do evento, o espaço foi reformado e designado representantes comerciais pela prefeitura, pelo sistema de setores comerciais – explicado no Capítulo 2 -, atraindo outros comércios para região e formando uma pequena praça gastronômica ao redor da Concha. Atualmente, com o festival focando suas atrações para a região “depois da ponte”, os espaços como a Concha começam a ser novamente abandonados, operando como abrigo informal para moradores de rua da cidade.

Porém, deve-se levar em consideração que reconhecidamente o maior desafio para a economia criativa desenvolvida ao redor do mundo é o financiamento. De acordo com relatório de 2013 da Unesco:

Isso acontece particularmente porque empreitadas culturais operam de uma maneira híbrida de não-lucro e atividade comercial. [...] É importante encontrar o equilíbrio certo. Esse desafio não está sendo conquistado em países desenvolvidos. O caso é ainda mais delicado nas configurações de países em desenvolvimento. (UNESCO, 2013. p. 90).<sup>145</sup>

Ou seja, parece ser claro que para que seja possível a utilização de estratégias que aplicam a economia criativa é necessária uma unicidade quando se trata de

---

<sup>145</sup> Tradução da autora. Do original: “This is particularly so because cultural enterprise operates de facto in a hybrid of not-for-profit and commercial activity. [...] It is essential to strike the right balance. This challenge is by no means being fully met in developed countries; the task is even more delicate in developing country settings.”

setores diversos no contexto urbano. Afinal, as autoridades locais não irão ter sempre os fundos necessários para manter investimentos culturais constantemente. Porém, estas podem facilitar a continuação de eventos, entre outras estratégias criativas, a partir do incentivo ao empresário local de também colaborar para a instituição de ferramentas culturais em seu planejamento administrativo.

Assim, para que um embasamento econômico criativo seja possível em um contexto urbano em desenvolvimento parece ser necessário manter o contato com comerciantes e atores locais, além da simples promoção de eventos isolados na cidade. Não que estes por si não promovam uma sólida recompensa financeira e turística nos espaços que habitam. Apenas parece ser mais duradouro aquele evento ou atração cultural que surge cerceado por outros fatores criativos predominantes no cenário urbano em pauta.

De acordo com relatório de 2016 do Fórum Econômico Mundial, alguns aspectos facilitam a potencialidade de uma economia criativa. Eles são:

**Forças locais:** proximidade a instituições acadêmicas, de pesquisa e centros culturais, permitindo que ideias e pessoas interajam;

**Habilitadores tecnológicos:** tecnologia digital permite que empreitadas criativas sejam disseminadas de qualquer localidade em alta escala;

**Empresários inspirados e inspiradores:** indivíduos que demonstram que é possível, enquanto inspiram e treinam outros empresários criativos;

**O papel do governo:** usando regulações e incentivos sabiamente, o governo pode ajudar a criar as condições adequadas para que economias criativas floresçam;

**O poder da localidade:** economias criativas se localizam em lugares que as pessoas querem viver, os mais bem sucedidos se estabelecendo como polos internacionais.

(WEF, 2016. P. 03)<sup>146</sup>

---

<sup>146</sup>Tradução da autora. Do original:

**The local strengths:** Successful creative economies are found in close proximity to academic, research and cultural centres, allowing ideas and people to mingle.

**The technological enablers:** Digital technology enables creative ventures to be launched from any location at scale, and successful creative entrepreneurs have been able to harness technology to their advantage.

**The inspiring entrepreneurs:** The catalysts in creative hubs are successful individuals who demonstrate what is possible while inspiring and training other creative entrepreneurs.

**The role of government:** By using regulation and incentives wisely, governments can help create the right conditions for creative economies to flourish.

**The power of place:** Creative economies are in places where people want to live due to location and amenities – and the most successful have established themselves as international hubs.

Percebe-se em Rio das Ostras uma ausência clara de alguns desses aspectos. A cidade possui um polo acadêmico concentrado principalmente na unidade da Universidade Federal Fluminense (UFF), que forma estudantes de diversas áreas, entre elas produção cultural e artes cênicas. Porém, embora tal espaço tenha prosperado em coletivos culturais e formação de músicos, não parte dele estratégias para melhor absorção da cultura do Jazz & Blues em Rio das Ostras. A troca acadêmica entre casas de cultura, escolas de música e a unidade federal principalmente não é unificada, não atribuindo valor a escala de apoio a movimentos culturais na cidade.

Como muito observado na pesquisa, a ausência de um entidade administrativa ou liderança organizadora parece sempre tornar deficiente as instituições promotoras de cultura na cidade. Porém deve-se aqui ressaltar a atípica existência de tais pólos em Rio das Ostras, em um contexto nacional no qual espaços de cultura quase nunca são considerados de valor econômico. O fato de que a cidade já possui as peças-chaves para montar seu tabuleiro cultural é por si um fenômeno de sucesso, mesmo que tais ainda estejam em estado de administrativo ausente.

É possível reconhecer em alguns indivíduos mencionados as qualidades de um empresário inspirador. Ainda, muitas vezes quando uma estratégia é aplicada por um espaço comercial em Rio das Ostras, e tal é bem sucedida, percebe-se uma fácil adoção de ferramentas semelhantes por outros empresários. Apenas parecem ser muito isoladas as medidas que se dão e que funcionam em um contexto municipal. Alguns entrevistados mencionaram bares que tentaram instituir noites de música, além de coletivos que realizam performances pela cidade em momentos não programados. Embora a espontaneidade de tais movimentos tenha seu valor cultural, percebe-se que a volatilidade dessas ferramentas a tornam isoladas em um contexto geral, os eventos tendo pouca força quando executados um de cada vez com períodos de tempo alongados entre eles.

Necessário também mencionar que a configuração de cidade de imigrantes que Rio das Ostras possui torna muito difícil estabelecer um hábito entre os moradores da região. Inúmeros empresários indicados a autora para entrevista por estarem realizando algum movimento em favor de uma cultura local de música eram buscados e encontrados saindo da cidade, fechando seus negócios prematuramente – mesmo quando estes ainda apresentavam lucro e posição de crescimento. Ainda, o público reconhecido pelos representantes do comércio local entrevistados era em

muito composto de jovens que seguem para estudar em outros lugares, pessoas que usam a cidade como dormitório - um dos empresários entrevistados chegou declarar que em quatro anos de empreendimento bem-sucedido na cidade ainda “não entende como funciona o povo de Rio das Ostras”.

É possível considerar então que é difícil estabelecer um negócio comum à parte relevante da população da cidade e que os empresários que se mantêm em funcionamento em Rio das Ostras parecem manter seus negócios sempre em intensa mutação ou completa imutabilidade, dependendo de seu perfil administrativo. Assim, considerando que a “economia cultural é marcada por uma grande incerteza: cada produto é único e singular; sua recepção pelo público é uma aposta, sua produção é um risco comercial” (BENHAMOU, 2004 apud. VIVANT, 2012. p. 59), uma cidade que possui em seu cerne uma população difícil de centralizar suas preferências revela um aspecto desafiador na hora de incorporar a ideia de um movimento cultural baseado em gênero único como fonte de cultura central.

Por fim, o governo, embora com o reconhecido desejo e esforço para tornar a Cidade do Jazz realidade, parece não avançar além de medidas culturais localizadas, investindo em eventos de grande porte e instituições de formação artística, mas pouco fazendo para colocar em uso a cultura que dissemina entre a população da cidade. Talvez o esforço do Fundo e Conselho Municipal de Cultura seja uma estratégia válida, mas para que bem sucedida a autora enxerga a necessidade urgente de uma interação direta com diversos membros dos setores comerciais e culturais da cidade, não agenciando a apenas figuras repetidas as mesmas funções anteriores e a responsabilidade de somente manter em funcionamento as ferramentas já estabelecidas na cidade.

Nota-se então que Rio das Ostras possui um imenso potencial para se estabelecer como uma economia criativa. Sua população é jovem, diversificada e já demonstrou estar disposta a absorver incentivos culturais quaisquer, sendo necessário apenas que estes sejam de fácil acesso e gratuitos. A cidade possui diversas estratégias políticas já consolidadas que em muito permitem o crescimento do movimento cultural local, além das inúmeras instituições de formação artística presentes no município. O espaço que ocupa garante a Rio das Ostras uma inevitável presença de turistas, a cidade se posicionando então em um escopo vantajoso no qual tem que apenas focar em qualificar o turismo ao invés de torná-lo possível.

Porém, as limitações mencionadas anteriormente fazem com que Rio das Ostras ainda se estabeleça como uma cidade dependente de investimentos externo, turismo de massa e *royalties* de petróleo. É difícil identificar a cidade como um pólo de economia criativa quando é tão claro perceber a vulnerabilidades de seus eventos promovidos anualmente, correndo risco de saírem de ocorrência uma vez que o primeiro corte de gastos é executado. Principalmente quando o evento aqui analisado já acontece ininterruptamente por catorze anos, possuindo então a prerrogativa de já ter sido absorvido pela cidade como identidade e ainda assim é colocado em risco toda vez que há uma nova administração.

Por fim, questiona-se: é indiscutível a importância do Festival de Jazz & Blues como um fenômeno cultural de imensa força e causador de inúmeros impactos sócio econômicos em seu cenário urbano, mas no contexto que este ocupa, seria ele tão intrínseco a rotina riostrense que sua realização é inevitável mesmo nas situações financeiras de maior crise?

#### **4.3 O Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras vai sempre acontecer?**

De acordo com Bennet (2014): “festivais, como espaços, promovem recursos, experiências e encontros, se estendendo além daquelas que caracterizam a rotina do indivíduo urbano, regional e rural” (BENNET, TAYLOR & WOODWARD, 2014)<sup>147</sup>. Porém, como antes mencionado, não é tal o cenário atual de Rio das Ostras. O festival que teria o potencial de movimentar a cultura local, e conseqüentemente a economia local, parece estar centralizado em suas datas de realização, correndo risco de descontinuidade mais intenso a cada ano que passa.

Ao longo da pesquisa realizada, um dos aspectos que mais caiu em evidencia é a importância que o produtor Stênio Mattos possui para a contínua realização do evento pelos seus catorze anos. Como demonstrado anteriormente, a menção ao nome de Mattos durante as edições acompanhadas foi constante. As bandas agradeceram ao produtor o esforço em colocar o evento de pé e muitas demonstravam estar ali por convite direto dele. Durante a realização das entrevistas, notável foi o número de atores que citaram o produtor, em maior parte elogiando-o e o definindo como a razão da sobrevivência do evento.

---

<sup>147</sup> Tradução da autora. Do original: “Festivals as spaces that provide resources, experiences and encounters extending beyond those that typically characterize the everyday lives of individuals in urban, regional and rural settings.”

Stênio foi o idealizador, em parceria com o ex-secretário de turismo, Gilberto Menezes, do primeiro Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, seu produtor desde então, e realizador de inúmeros eventos na cidade, como algumas edições encontro de motoqueiro Ostracycle, além de ser figura comum em palestras no curso superior de produção cultural da cidade. Foi dele que partiu a decisão de aumentar o escopo do festival e tirá-lo do contexto de cena alternativa. Stênio aumentou os palcos, estruturou a Costa Azul e definiu o festival como algo que hoje pode ser considerado bem mais próximo de uma megaevento, que uma atração alternativa. Se tal decisão se resultou de maneira positiva ou não, depende do objetivo que o olhar avaliador da questão enxerga como mais promissor ao evento, porém no contexto em que este se coloca atualmente é inquestionável a importância do produtor em sua realização.

Assim, questiona-se: o dia que Stênio não for mais responsável pela produção do evento, ele irá ocorrer por puro desejo da população da cidade? Ou o Festival de Jazz & Blues é completamente dependente da boa vontade da prefeitura somada ao desejo de um produtor?

Quando questionado se o festival aconteceria em sua ausência, Stênio declarou:

Se fosse há dois anos essa pergunta eu falaria que aconteceria. Porque com dinheiro se faz tudo. Mas trabalhar num sistema de prefeitura é muito difícil para qualquer empresário que não está acostumado. Quer dizer, você não recebe antes, você não tem contrato. Esses anos que eu fiz o festival foi acreditando nele. Qual produtor vai fazer um festival que você gasta 3 milhões de reais e na sua frente não tem nem contrato? [...] Em novembro eu já estou com todo mundo contratado. O gringo para vir pra cá, lá em outubro eu tenho que dá sinal para já reservar a agenda dele. Como um produtor vai fazer isso?<sup>148</sup>

A fala do produtor revela uma questão já abordada dentro da pesquisa aqui explorada, a ineficácia da prefeitura na administração dos investimentos para eventos culturais. Alcebiades Sabino, ex-prefeito da cidade, em entrevista para a autora declarou ter decidido investir no evento a pouco tempo de sua realização. Assim, percebe-se que muito do que é feito pela Azul Produções – empresa de Stênio – seria feito em um contexto de desconhecimento sobre as condições futuras para realização do evento. O próprio Mattos assume que faz o festival muito por um desejo sentimental, o evento foi promotor de muitos dos trabalhos que ele possui hoje e foi nele que surgiu a ABRAFEST – Associação Brasileira de Festivais de Jazz & Blues, a qual Stênio preside.

<sup>148</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

Uma outra possibilidade seria a própria cidade se mover e tornar possível a existência do evento mesmo este em outras proporções menores que as atuais. A crise financeira demonstrada na edição de 2016, embora tenha sido dura com a estrutura do evento, revelou um fator de extrema importância, as pessoas da cidade demandaram, questionaram, acompanharam e por fim compareceram. Ou seja, o evento começa a se mostrar menos um projeto incentivado pela prefeitura e frequentado por ausência de melhor entretenimento e passaria a ser reconhecido como elemento cultural riostrense. Se realizando da maneira como fosse possível àquele ano. De acordo com Mattos, não seria o caso:

Olha, o movimento da cidade que eu conheço, quando eu falei: “não vai ter o festival”, ninguém foi capaz de chegar e me oferecer cinco, seis quartos em uma pousada. Chegar para mim, falar: o que você está precisando? Quando você fala em gastar dinheiro, eles falam que não tem condição. Isso é só no discurso, sozinho não fazem não. [...] Tendo dinheiro, pagando um cara, talvez fizesse. Mas envolve uma série de fatores, esse cara tem que tá com muita vontade, gostar muito do que faz. Agora hoje em dia, sem dinheiro as prefeituras, aí ninguém vai.<sup>149</sup>

Novamente o produtor menciona a ausência de apoio por parte dos comerciantes locais. Reconhecendo a dificuldade que o festival teve nos últimos anos de conseguir apoio – e por um momento desconsiderando os aspectos que impedem a falta de comunicação com o comerciante interessado em apoiar -, talvez seja mesmo na comunidade jovem da cidade que é possível encontrar uma estratégia de permanência do evento. Os produtores culturais formados pela UFF em muito se confundem com a cena local de música da cidade, então considerando a possibilidade de uma prefeitura que melhor define estratégias de incentivo ao investimento em cultura e as já existentes estruturas criativas que permitem a realização de eventos alternativos, ainda que esporádicos, na cidade, talvez seja reconhecido o risco ao Festival de Jazz & Blues como evento na ausência de seu produtor, porém a cena de música instrumental de Rio das Ostras está longe de ser facilmente descontinuada.

Montoro (1995) trabalha a ideia de “descentralização” mais tarde estudada por Buarque (2002). De acordo com a pesquisa analisada:

A descentralização se baseia nos princípios de subsidiariedade, segundo os quais tudo o que puder ser feito por uma entidade espacialmente menor, como o município ou instâncias locais, não deve ser feito por um organismo maior, como o estado (UF) ou a União. Os princípios da subsidiariedade consideram que a sociedade local também deve assumir uma função central de decisão e gestão, num processo de descentralização do Estado para a comunidade: tudo o que puder ser feito pela sociedade não deve ser

---

<sup>149</sup>MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

realizado pelo Estado (setor público), limitado a responsabilidade pelas atividades que a sociedade não possa realizar (MONTORO, 1995 apud. BUARQUE, 2002. P. 51)

Claro que é com cuidado que deve-se avaliar a ideia de passar das mãos do Estado para a sociedade algumas funções estratégicas e políticas. Porém, cabe aqui avaliar apenas o posicionamento social que em muito carece em sua relação com o Festival de Jazz & Blues de Rio de Ostras. Se é possível pensar que o evento teve uma influência cultural forte o suficiente nos moradores da cidade para que este inspirasse nesses um laço afetivo que os fazem demandar a ocorrência do evento anualmente, não seria tão absurdo encontrar nestes mesmo moradores um potencial de gestão de um evento que parece estar associado a sua identidade.

Essa gestão não necessariamente precisa se apresentar absoluta, porém muito pode-se ganhar em apenas dar mais direito de voz a alguns dos atores que possuem um contexto de conhecimento que os faria adequados para julgar e até gerir certas atividades – como os produtores culturais e músicos da cidade. De acordo com Buarque (2002):

A descentralização facilita significativamente a participação da sociedade nos processos decisórios e, pode, portanto, constituir um passo muito importante para a democratização do Estado e do planejamento. (BUARQUE, 2002. P. 54)

Assim percebe-se que seria possível dar as rédeas do evento para a população de maneira parcelada. O Fundo e Conselho de Cultura Municipal recém instaurado se apresenta como um primeiro passo para tal processo. Porém, seria necessário além de tal ainda inserir a população de maneira ainda intensa, diferente do atual processo no qual a única participação do riosotrense na realização do Festival parece ser mesmo sua presença na festa. Afinal, como abordado por De Marchi (2014) a cerca dos estudos realizados por Furtado (2012):

“a política cultural que se limita a facilitar o consumo de bens culturais tende a ser inibitória de atividades criativas e a impor barreiras à inovação” e que, portanto, “o objetivo central de uma política cultural deveria ser a liberação das forças criativas da sociedade” (FURTADO, R., 2012 apud. DE MARCHI, 2014. p. 204)

Assim, o festival pode ainda não ter obtido sucesso ao tentar estabelecer Rio das Ostras como uma Cidade do Jazz, mas é inquestionável que a presença do evento já promoveu uma série de agenciamentos que tornam a cidade em muito conectada, se não com o gênero jazz & blues necessariamente, mas com uma movimentação artística local intensa.

Atualmente, é bem mais simples pensar as estratégias que precisam ser posicionadas em prol de definir em maior solidez a cultura da região como forma de incentivo financeiro, do que contabilizar o número de instituições, políticas e eventos que precisaram ser fundados para completamente enfraquecer os dispositivos culturais locais da cidade. Assim, conclui-se que, embora o Festival de Jazz & Blues se mostre em risco quando pesado em uma balança de financiamento em uma cidade se recuperando de uma crise econômica, ainda há muito o que se revelar na cena artística local de Rio das Ostras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui abordada visou explicar o fenômeno do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, que ocorre anualmente na cidade, localizada no estado do Rio de Janeiro, há catorze anos. O evento se configura gratuito, aberto e realiza performances relacionadas ao gênero musical em palcos espalhados em três pontos centrais na cidade. Além de entender como se deu a presença do festival em uma cidade que não possuía anteriormente qualquer interferência do jazz & blues, a autora também buscava analisar de que maneiras o evento (e a música) refletiram na sociedade riostrense, causando diversos agenciamentos que mesmo sentidos em maior evidência durante a data do festival, ainda possuem resquícios observados fora de época do evento na cidade.

Inicialmente a curiosidade da autora foi relacionada à ideia do jazz & blues, gênero musical geralmente relacionado com um estilo de vida elitista e espaços culturais privados, invadindo a cena em uma cidade do interior e sendo absorvido pelos seus moradores, mesmo que muitos deste ainda estivesse em um contato inicial com o gênero. Como mencionado, a presença do festival em Rio das Ostras segue um fluxo reconhecido nacionalmente no qual o jazz & blues se apresenta na cena de música de rua, atraindo massas para espaços públicos e colecionando um cardápio de fãs fiéis e ativos (HERSCHMANN & FERNANDES, 2012) na cidade do Rio de Janeiro. Ainda, de acordo com Herschmann & Fernandes (2014) o nicho do mercado do gênero vem crescendo exponencialmente entre 2011 e 2012 (HERSCHMANN & FERNANDES, 2014; p. 165), invocando um público diferente daquele com o qual geralmente é relacionado.

Em pesquisa, a autora acabou por entender que o fenômeno ocorrente na cidade de Rio das Ostras ia além do Festival de Jazz & Blues – embora este ainda fosse seu maior representante –, a prefeitura da cidade, de maneira atípica, parecia investida em trazer um turismo de qualidade para a região, fazendo uso de estratégias culturais que permitiam o incentivo à realização de eventos criativos gratuitos. Tais foram reconhecidos principalmente no Festival de Gastronomia e Frutos do Mar, no Ostracycle – encontro de motociclistas internacional –, e naturalmente no Festival de Jazz & Blues. Porém, a iniciativa da prefeitura, embora positiva e resultante em uma independência financeira da cidade, acabou por se mostrar vulnerável uma vez que os recursos provindos dos *royalties* da Bacia de Campos, em Macaé, acabaram.

Há alguns anos o festival se vê em constante risco de descontinuidade. Desde de 2014, a produção do evento adia, troca datas, anuncia que não vai acontecer e por fim – e demanda da sociedade, além dos esforços do produtor Stênio Mattos – acaba por realizar o festival, com apoio da prefeitura e alguns investimentos da iniciativa privada. Importante ressaltar que a mesma crise que promove essa ausência de recursos para realização do evento, parece se alastrar pela cidade, que visualmente tem se apresentado cada vez mais abandonada. Os pontos turísticos típicos, como a Feira de Artesanatos e a Praça da Baleia, por exemplo, se encontram em estado de intensa defasagem.

A partir daí apresentou-se um questionamento na pesquisa. Este vem no contexto em que o Festival de Jazz & Blues – associado a um histórico de iniciativas culturais que parece provir da intensa presença de imigrantes na cidade – resultou em diversas iniciativas criativas que por sua vez deram origem a uma intensa presença de atores do setor criativo na cidade. Somado a esse aspecto, vem o fato de que curiosamente não foi encontrada uma cena cultural estabelecida na cidade de Rio das Ostras fora da época de seus eventos principais – chegando ao ponto de que quando questionados sobre a possibilidade de tocar jazz & blues em seus comércios, alguns empresários locais afirmaram que tal gênero não daria público.

Mas então aonde estaria essa cena de artistas locais? Por que uma cidade com intensa presença de atores criativos se encontrava em carência de atividades culturais fora dos eventos oficiais promovidos pela prefeitura? Em muito se percebeu a ausência de um líder/organizador da cena local como a razão para tal desperdício de potencial. Mas, além disso, a prefeitura da cidade não parece disposta a investir em ações de apoio a atividades criativas, fora de seus eventos principais.

Ainda, revelou-se durante a pesquisa uma intensa carência de comunicação entre autoridades e moradores. Comerciantes que se interessariam em apoiar o Festival de Jazz & Blues não seriam ao menos procurados e acusam a produção do evento de formar uma “panelinha” de constantes investidores. Já por parte da produção narra-se uma falta de interesse gritante por parte de empresários locais em apoiar o evento, mesmo que de maneira não-financeira – como cedendo quartos em pousadas ou refeições em restaurantes. Por parte da prefeitura, demonstra-se uma atitude de rejeição ao apoio da cultura local, membros das autoridades afirmando que os espaços culturais locais estão a disposição, porém não há recursos para apoiar iniciativas de

atração turística apenas indireta. Por sua vez, os atores da cena criativa local afirmam que nem mesmo os espaços culturais estão a disposição da sociedade e que o valor para se realizar um evento de pequeno porte e interesse local seria mínimo e possível de ser disponibilizado pela prefeitura.

Assim, reconhece-se essa ausência de debate entre sociedade e autoridades como um grande empecilho para a disseminação de eventos culturais de base na cidade, que aconteceriam fora da época das iniciativas oficiais. A criação do Fundo e Conselho Municipal de Cultura parece vir como uma boa solução para esse problema, porém é fundamental que tal estratégia seja realizada de fato em contexto social, escolhendo líderes que representem a população e fugindo das citadas “panelinhas” que parecem acontecer por toda a cidade.

O questionamento citado acima vem dentro desse contexto. A ideia de que o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras seria realizado de qualquer maneira na cidade, por já fazer parte da identidade local, quando colocada frente as questões citadas acima, parece muito frágil. O evento hoje se apoia em muito das costas de seu atual produtor e, embora seja reconhecido o potencial da cena cultural local e seus atores de continuar o evento em caso de carência de investimentos, os mesmos elementos que impedem a promoção de atividades culturais locais poderiam vir a incapacitar essa ação do morador de Rio das Ostras.

Dentro desse contexto, foi apresentada a ideia de “descentralização do poder” (MONTORO, 1995; BUARQUE, 2002; FURTADO, 2012; DE MARCHI, 2014), que demonstra que muitas vezes concentrar iniciativas políticas apenas na figura da autoridade local pode promover um dependência da população em relação as estratégias ditas “oficiais”. Ceder um pouco para a população local a responsabilidade de criação, ou mesmo gestão, de eventos culturais em uma cidade que possui intenso número de atores criativos – além de formados produtores culturais – parece um esforço muito pequeno, que poderia vir a resultar em uma grande diferença na cena cultural local.

Os argumentos aqui apresentados foram divididos em quatro capítulos. O primeiro compôs-se de análise histórica do gênero musical Jazz & Blues, assim como reconstrução do histórico da cidade de Rio das Ostras, a partir dos depoimentos obtidos pela autora e documentação bibliográfica oferecida pela Fundação Rio das

Ostras de Cultura (FROC). No mesmo capítulo, ainda foi descrita a história do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras, a partir de depoimentos atores relevantes no surgimento do mesmo. O objetivo desse capítulo era introduzir o objeto em estudo em três fases: o gênero que o compõe, a cidade onde ele se localiza e a forma como ambos se juntaram para formar o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras.

O segundo capítulo veio em formato descritivo, apresentando a pesquisa de campo realizada pela autora ao longo dos dois anos pesquisa. Foram descritas as experiências observadas durante as edições de 2015 e 2016 do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras – além de apresentados depoimentos de consumidores, ambulantes e artistas que fizeram parte dos eventos nos anos mencionados. A ideia desse capítulo era tornar mais consolidada a forma como o festival se apresenta – a autora levou em consideração que a cidade de Rio das Ostras não tem a sua cultural disseminada fora da região dos lagos e por isso era importante deixar mais vívida a forma como população e território se apresentavam na época de realização do evento. Julgou-se que uma vez que a ideia de como ocorre o festival fosse mais clara na mente do leitor, os argumentos apresentados em capítulos seguintes seriam mais fáceis de contextualizar e mais claros em sua compreensão.

No terceiro capítulo foi analisada a relação do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras com sua cidade-mãe. Esse capítulo visou expor de quais maneiras a cidade foi afetada pelo festival ao longo dos anos e como os cidadãos se posicionaram em relação ao evento. Foi explorada aqui a cena local de música instrumental que ocorre fora da época do festival, descrita por meio de depoimentos de atores da música riostrense. O objetivo era em grande parte perceber de que maneira o social local foi afetado pela presença de um grande evento que acarreta a maior movimentação turística, cultural e financeira da cidade, mas que não aparenta reverberar em outros momentos do ano. Mas também julgou-se fundamental, a partir das informações reconhecidas e explanadas em capítulos anteriores, ter o ponto de vista do morador e artista local para melhor compreender essa relação do riostrense com o festival – que em potencial seria intensa, mas em realidade acaba se apresentando superficial e, em muito, frágil.

Por fim, apresentou-se no capítulo quatro os impactos econômicos que os investimentos em cultura por parte de recursos públicos parecem ter trazido para Rio das Ostras. Foram explanadas entrevistas realizadas com empresários do setor

comercial e hoteleiro, em busca de notar que impasses pareciam surgir, em busca da resposta de uma grande questão durante toda a pesquisa: se o empresariado se beneficia do evento e aprova a realização deste, por que então ele não parece disposto a investir financeiramente em sua ocorrência anual, mesmo em momentos de crise. Ainda foram analisadas as maneiras como a cidade de Rio das Ostras se enquadra no contexto de cidade criativa – e até que ponto pode-se considerar as estratégias políticas reconhecidas na cidade como típicas de uma economia criativa -, além do potencial percebido, mesmo em ausência de uma completa estabilização do setor cultural da cidade. O objetivo desse capítulo era aprofundar o estudo da economia criativa e demonstrar como os investimentos de políticas públicas em torno da cultura podem influenciar o cotidiano de uma cidade – e em que pontos Rio das Ostras se encaixaria nesse conceito.

A essa altura então vale voltar ao questionamento apresentado nos parágrafos iniciais dessas considerações finais: seria então o Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras tão intrínseco na sociedade riostrense que ele seria realizado de qualquer maneira?

A pesquisa aqui realizada aponta que atualmente, em resposta simples, não. Porém isso não significa de maneira alguma que a cidade não possua intenso potencial para que esse seja o caso, aqui ainda apresentando a possibilidade de que a resposta a valorização criativa da cidade – que a pesquisadora acredita poder resultar em um reconhecimento de Rio das Ostras como uma cidade criativa – esteja talvez na diversificação cultural.

De acordo com diversos pesquisadores do conceito de economia criativa e cidade criativa (VIVANT, 2012; REIS, 2015; WYNN, 2015) apontam que as potências culturais mais bem sucedidas possuem intensa presença de diversidades em suas estratégias culturais. Reconhece-se que Rio das Ostras ainda é uma cidade de médio porte, porém durante a pesquisa realizada foi percebida pela autora tamanha presença de diversidade cultural, que a possibilidade da existência de não só um, mas diversas atividades criativas de elementos diferentes, é muito real na cidade. Tal processo ainda se encaixaria no contexto de Rio das Ostras ser uma cidade de imigrantes, que em muito é difícil de conglomerar em um só gênero musical ou estilo de entretenimento. A possibilidade de uma cena criativa local com maior diversidade de

iniciativas culturais possui então maior potencial de popularidade em uma região de população diversificada e em constante mutação.

De forma geral sente-se a necessidade de enfatizar que embora muitas perspectivas iniciais tenham mudado ao longo da pesquisa realizada, a autora mantém um respeito e surpresa em relação a realização e sucesso do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras. O evento surgiu como uma iniciativa pouco ambiciosa para qualificar o turismo local e mesmo que com suas limitações não deixa de ser uma parte importante da rotina da população riostrense, ainda que só aconteça uma vez ao ano e não pareça ter reflexos intensos fora da época. Mesmo que não esteja cumprindo seu completo potencial e ainda em risco de descontinuidade anual, é inegável a força do evento, reconhecido internacionalmente e, após a observação de sua edição de 2016, ficou claro que mesmo que a população não esteja ainda em vias de apoiá-lo financeiramente, a presença de público é inevitável qualquer que seja o *set list*, o clima ou a data de realização.

Ainda, Rio das Ostras se revelou um objeto de estudo fascinante em sua diversidade populacional e predisposição a atividades culturais. Cabe agora a futuros governantes e atores locais a maneira de aplicação do potencial formado na cidade. Reconhece-se por fim que de maneira clara é possível perceber a força de uma economia embasada em iniciativas culturais e em observação futura aguarda-se a movimentação da cena local e autoridades para se revelar em prática as diversas possibilidades que o Festival de Jazz & Blues tornou possível na cidade de Rio das Ostras.

## FONTES DE PESQUISA

### *Referências bibliográficas*

- AGUIAR, R.; SANTOS; MACHADO. **Rio das Ostras, um Esboço histórico e antigas famílias**. Prefeitura de Rio das Ostras: Rio das Ostras, 2006;
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005;
- \_\_\_\_\_, V., FERNANDES, TM. & FERREIRA, MM. (orgs.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000;
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. **História: a arte de inventar o passado**. In: Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007;
- ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, pp. 105-142;
- ARAÚJO, R. **História e Narrativa**. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e Escrever Para Contar: Documentação, Historiografia e Formação do Historiador**. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998;
- BARBOSA, L.; ZAMOT, F. Políticas públicas para o desenvolvimento do turismo: o caso do município de Rio das Ostras. In: BARBOSA, Luiz G. M.; ZOUAIN, Deborah, M. (orgs.). **Gestão em turismo e hotelaria: experiências públicas e privadas**. São Paulo: Aleph, 2004.
- BECKER, H.; FAULKNER, R. **“Do you know...?” The Jazz Repertoire in Action**. The University of Chicago Press: Chicago e Londres, 2009;
- BENNET, A; TAYLOR, J; WOODWARD, I. **The Festivalization of Culture**. Farham: Ashgate, 2014;
- BERLINER, P. **Thinking in Jazz: The Infinite Art of Improvisation**. University of Chicago Press: Chicago, 2009;
- BITTENCOURT, M. **Memorial das terras de um vulcão**. Rio de Janeiro: Grafite Artes Gráficas e Editora Ltda., 2003;
- BORELLI, S.; ROCHA, R. Juventudes, mídiatizações e nomadismos: a cidade como arena. In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: ESPM, nº 5, 2008;

BRANDINI, V. Por uma etnografia das práticas do consumo. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**. Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo: ESPM, v. 4, n. 9, 2007;

BRESSON, R. **Notas sobre o cinematógrafo**. São Paulo: Iluminuras, 2008;

BUARQUE, S. **Construindo o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002;

BURGAN, B.; MULES, T. **Reconciling cost-benefit and economic impact assessment for event tourism**. University of Adelaide: Australia, 2001;

CAIAFA, J. **Aspectos do múltiplo nas sociedades da comunicação**. Revista Contracampo: 2011.

CALADO, C. **O jazz como espetáculo**. São Paulo: Perspectiva, 2007;

CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4a ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. **Consumo, acceso y sociabilidad**. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol. 6, n. 16, 2009.

CASTRO, G. **Música e consumo na contemporaneidade**. Estudos ESPM, Vol. 41, no 415. São Paulo: 2007;

CASÉ, P. **A cidade desvendada: reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano, seus mistérios e fascínios**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

COLLINS, R. **I Festival come rituali pubblici: successi, fallimenti e mediocrità**. Polis, v.1, no 1, 2013;

COELHO, B. **Diagnóstico do Arranjo Produtivo da Música de Rio das Ostras**. Rio de Janeiro: V Seminário Internacional de Políticas, 2014;

CRANE, D. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade**. São Paulo: SENAC, 2006.

CUBIDES, H.; TOSCANO, M.; VALDERRAMA, C. (orgs.). **Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**. Ptrópolis: Vozes, 1996;

DE MARCHI, L. **Análise do Plano da Secretaria da Economia Criativa e as transformações na relação entre Estado e cultura no Brasil**. Intercom – RBCC: São Paulo, v.37, no 1, p. 193-215, jan/jun 2014;

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia.V.1. Trad.Aurélio Guerra neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995;

\_\_\_\_\_; PARNET, C. **Diálogos**. Paris: Flammarion, 1996;

\_\_\_\_\_. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000;

DELGADO, L. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. Niterói: VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura: 2007;

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996;

EUSÉBIO, M. **Avaliação do impacte económico do turismo a nível regional: o caso da região centro de Portugal**. Universidade de Aveiro: Aveiro, 2006;

FALASSI, A. **Time out of time: essays on the festival**. Albuquerque: University of New Mexico, 1987;

FERNANDES, C. S. “Música e Sociabilidade: o samba choro nas ruas-galerias do centro do Rio de Janeiro”. In: HERSCHMANN, Micael (org). **Nas bordas e fora do mainstream musical: novas tendências da música independente no início do século XXI**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011;

\_\_\_\_\_. **Sociabilidade, Comunicação e Política. A experiência estético-comunicativa da Rede MIAC na cidade de Salvador**. Rio de Janeiro: E Papers, 2009;

FERREIRA, M.; AMADO, J. (Coord.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998;

FREIRE FILHO, J.; MARQUES, F. **Jovens, Espaço Urbano e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cena Musical**. In: Intercom – Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 28, 2005b, Rio de Janeiro;

FOULCAULT, M. **Nietzsche, Freud e Marx Theatrum Philosophicum**. Paris: Principio, 1975

- \_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002;
- FGV - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Relatório de Movimentação Econômica do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras em 2013. Rio das Ostras: 2013;
- FGV - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Relatório de Movimentação Econômica do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras em 2014. Rio das Ostras: 2014;
- FGV - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Relatório de Movimentação Econômica do Festival de Jazz & Blues de Rio das Ostras em 2015. Rio das Ostras: 2015;
- HALL, S. A centralidade da cultura. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, 1997;
- \_\_\_\_\_. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003;
- HARVEY, D. A visão de Henri Lefebvre. In: **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Martins Fontes, 2014;
- HERRERO, L.; SANZ, J.; DEVESA, M.; BEDATE, A.; BARRIO, M. **Case-study of Salamanca 2002, European Capital of Culture**. University of Valladolid: Espanha, 2002;
- HERSCHMANN, Micael. **Indústria da música em transição**. São Paulo: Ed. Estação das Letras e das Cores, 2010;
- \_\_\_\_\_. **Lapa: cidade da música**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007;
- \_\_\_\_\_. Ruas que cantam: ativismo seresteiro e desenvolvimento local em Conservatória. In: **Nas bordas e fora do mainstream musical. Novas tendências da música independente no início do século XXI**. 1 ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2011, v.1, p. 235-266;
- \_\_\_\_\_; FERNANDES, C. **Territorialidades sônicas e re-significação de espaços do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 2011;
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Nova Orleans não é aqui?**. Rio de Janeiro: Compós, 2012;
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Bem vindo ao Rio de Janeiro de pouca visibilidade! In: **Anais do Congresso da Intercom**. São Paulo: Intercom, 2015;
- \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Ed. Intercom,

2014;

HOBSBAWM, E. J. **História Social do Jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_ ; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984;

HOWKINS, J. **The Creative Economy: How people make money from ideas**. Penguin Group (USA) Incorporated, 2001;

JACQUES, P. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012;

JOUTARD, P. História Oral: balanço de metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996;

\_\_\_\_\_. Desafios à História Oral do Século XXI. In: **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000;

KAUFMANN, J. C. **A Entrevista Compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Câmara Brasileira do Livro: São Paulo, 2013;

\_\_\_\_\_ ; LANDOWSKY, E.; FIORIN, J. (eds.). **O gosto da gente, o gosto das coisas**. São Paulo: EDUC, 1997;

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994;

\_\_\_\_\_. HERMANT, Emilie. **Paris ville invisible**. Paris: La Découverte, 1998;

\_\_\_\_\_. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012;

LIMA, M. **Pérola entre o rio e o mar: História de Rio das Ostras**. Rio das Ostras: Fundação Rio das Ostras de Cultura, 1998;

LINS, F.; SANTOS, M. H. **A Festivalização da Cultura e a Sociedade**. PPGCOM ESPM - Comunicon 2016: São Paulo, 2016;

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987;

\_\_\_\_\_. **A Contemplação do Mundo**. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios, 1995;

\_\_\_\_\_. **Nomadismo juvenil**, in Revista Nômadas. Bogotá: DIUC, no 13, 2000;

\_\_\_\_\_. **Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001;

- \_\_\_\_\_. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007;
- MAGNANI, J.G. **A Rua Quize, de praça a praça: um exercício antropológico?**. São Paulo: Departamento de Antropologia, USP, 1991;
- MARTIN-BARBERO, J. **O Ofício do cartógrafo**. São Paulo: Editora Loyola, 2004;
- \_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003;
- MATHIESON, A. & WALL, G. **Tourism: economic, Physical and social impacts**, Logman Scientific & Technical. 1990;
- MCINTOSH, R. W.; GOELDNER, C. R. e RITCHIE, J. R. B. **Tourism: principles, practices, philosophies**, New York: John Wiley, 1995;
- MEDAGLIA, J. Balanço da Bossa Nova. In: **Balanço da Bossa e outras bossas**. (Org.: Augusto de Campos) São Paulo, Perspectiva, 1978;
- MAUSSIÉ, B. **Festival Management e Destinazione Turistica**. Milano: Hoepli, 2014.
- MÜLLER, N. **As atuais políticas públicas para o desenvolvimento do turismo no município de Rio das Ostras**. Rio de Janeiro, 2008;
- MUGGIATI, R. **O que é jazz?** São Paulo: Brasiliense, 1999;
- NEGUS, K. O Business do Rap: entre a rua e os escritórios dos executivos das gravadoras. In: HERSCHMANN, M. M. **Nas bordas e fora do mainstream musical: novas tendências da música independente no início do século XXI**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011;
- OBICI, Giuliano. **Condições da escuta**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2008;
- OECD. **Tourism and the Creative Economy**, OECD Studies on Tourism, OECD: 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264207875-en>
- PAIVA, R; TUZZO, S. A. (Orgs.). **Comunidade, mídia e cidade**. Goiânia: Cirgráfica, 201;
- PRESTES FILHO, L C. et al. (Coords.). **Cadeia produtiva da economia da música**. Rio de Janeiro: Instituto Gênese/ PUC-RJ, 2004;
- \_\_\_\_\_. CAVALCANTI, M. (Orgs.). **Economia da cultura: a força da indústria cultural no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. E-Papers, 2002;

- PORTELLI, A. **Ensaaios de História Geral**. Letra e Voz, 2010;
- PORTO, S. **Pequena História do Jazz**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953;
- RETT, L. **A nova geração de Bandas de Ria no Rio de Janeiro: marginalidade sonora e experiência urbana**. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2016;
- REIS, A. C. **Cidades Criativas: Da teoria à prática**. SESI-SP: São Paulo, 2015;
- RIBEIRO, A. e outros (Orgs). **Cartografia da ação social e movimentos da sociedade: desafios das experiências urbanas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011;
- ROCHA, R.; CASTRO, G. **Cultura da Mídia, Cultura do Consumo: Imagem e espetáculo no discurso pós-moderno**. Revista Logos 30, ano 16, 1º semestre de 2009;
- ROCHA, R.; SILVA, J. **Consumo, cenários comunicacionais e subjetividades juvenis**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2011;
- SANDRINI, M. **Políticas Públicas de Turismo do Município de Rio das Ostras - RJ após a Conferência Mundial de Turismo do Ano de 2008 – Um recorte entre os os anos de 2009 a 2012**. Niterói: UFF, 2012;
- SANTOS, M. **Espaço e sociedade: Ensaaios**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982;
- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2008;
- SANTOS, F. S. **Estamos aí: um estudo sobre as influências do Jazz na Bossa-nova**. Universidade Estadual de Campinas: Campinas - SP, 2006;
- SARTI, C. A. **A dor, o indivíduo e a cultura**. São Paulo: UNIFESP, 1998;
- SCHAFFER, R. M. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001;
- SEBRAE-RJ. **Informações Socioeconômicas do Município de Rio das Ostras**. Rio de Janeiro: 2011;
- SECULT RIO DAS OSTRAS. **Relatório de Demandas 2014**. Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico: Rio das Ostras, 2014;

- SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1996;
- SILVA, M. **Gestão Cultural no Município de Rio das Ostras (RJ)**: Breve análise da atuação da Fundação Rio das Ostras de Cultura. Rio das Ostras: UFF, 2009;
- SILVA, R. (Org.). **Ruas e redes**. Belo Horizonte : Ed. Autêntica, 2014;
- SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006;
- \_\_\_\_\_. “A mutação identitária” (cap.8). In: \_\_\_\_\_. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 2001;
- TCE-RJ. **Estudo Socioeconômico de 2003 em Rio das Ostras**. Rio de Janeiro: outubro de 2003;
- TINHORAIO, J. R. **Música popular: um tema em debate**. São Paulo: Editora 34, 1997;
- \_\_\_\_\_; SOUZA, A. **História Social da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998;
- TRENTMANN, F. **Lessons About Consumption: a short overview of the Cultures of Consumption**. Birkbeck, University of London, UK: 2004;
- TRENTMANN, F. **Citizenship and consumption**. Birkbeck, University of London, UK: 2007;
- TRIGO, L.; MAZARO, R. **Movimentos globais e cenários em turismo: uma realidade dinâmica, uma viagem ao futuro**. Revista Turismo em Análise, v. 23, 2012.
- UNCTAD. **Creative Economy Report**. UNCTAD/DITC: Geneva, Switzerland, 2008;
- UNESCO. **Creative Economy Report 2013 Special Edition**. UNESCO - UNDP: Nova Iorque, 2013;
- VIVANT, E. **O que é uma Cidade Criativa?**. SENAC: São Paulo, 2012;
- WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- WORLD ECONOMIC FORUM. **Factors for Enabling the Creative Economy**. Geneva, Switzerland: 2016;
- WYNN, J. **Music/City: American Festivals and Placemaking in Austin, Nashville, and Newport**. The University of Chicago Press: Chicago, 2015;

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

### *Sites*

O GLOBO. **Página Oficial**. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/apesar-da-chuva-rio-das-ostras-jazz-blues-festival-atraiu-40-mil-pessoas-2998266#ixzz4D28XleA9>>. Acesso em 15/06/2016. Publicado em 07/06/2010;

PORTAL ABRAFEST. Disponível em: <<http://abrafest.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10/12/2016;

PORTAL FESTIVAL DE JAZZ & BLUES DE RIO DAS OSTRAS. Disponível em: <<http://www.riodasostraszazzeblues.com/joomla/index.php>>. Acesso em 10/12/2016;

PORTAL PREFEITURA DE RIO DAS OSTRAS. **Dados do Município**. Disponível em: <<http://www.riodasostras.rj.gov.br/dados-do-municipio.html>>. Acesso em: 10/12/2016;

PORTAL PREFEITURA DE MACAÉ. **Economia**. Disponível em: <<http://www.maca.e.rj.gov.br/conteudo/leitura/titulo/economia>>. Acesso em: 15/07/2015;

PROGRAMA CIDADES SUSTENTAVEIS. **Rio das Ostras, RJ**. Disponível em: <<http://indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/RJ/rio-das-ostras>>. Acesso em: 10/06/2016;

### *Entrevistas*

ABREU, Rogério. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

ALVES, Damião. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 15 dez. 2016.

AZEVEDO, Leidileia. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

BATISTA, Geílson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

BUSSINGER, Marília. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 15 jan. 2017.

CAMPOS, Ana Elisa. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

DOPSEY, Dwayne. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 ago. 2015.

ENNES, Carla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 7 jul. 2015.

FREITAS, Diego. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

FREITAS, Rafael. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

FURTADO, Afonso. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

GOMES, Janaína. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 dez. 2016.

HENRIQUE, Geílson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

HORTÊNCIO, Ester. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 14 dez. 2016.

JUNIOR, Geraldo Muniz. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

MARTINS, Andréa. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio de Janeiro, 13 dez. 2016.

MATTOS, Stênio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 ago. 2014.

MENEZES, Arthur. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 ago. 2015.

MENEZES, Gilberto. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

MORAES, Alessandro. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 12 dez. 2016.

MORAES, Caio. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

OLIVEIRA, Edmilson. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 31 jul. 2014.

QUEIROZ, Aiana. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 14 dez. 2016.

ROBERTO, Paulo. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

RIBEIRO, Paula. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

SABINO, Alcebíades. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 17 nov. 2016.

SCHOEFIELD, Matt. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 23 ago. 2015.

SERRA, Adriana. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016

SILVA, Ana Maria. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

SILVA, Rosana. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 2 dez. 2016.

SIQUEIRA, Wayla. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.

SOUZA, Magno Silva. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 30 jul. 2015.

VINÍCIUS, Marcos. Entrevista concedida a Indira Rodrigues. Rio das Ostras, 19 nov. 2016.